

SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2022



**A INTERGERACIONALIDADE POR MEIO
DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**

SILVANIS DOS REIS BORGES PEREIRA



SEVEN

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
2022

**A INTERGERACIONALIDADE POR MEIO
DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**

SILVANIS DOS REIS BORGES PEREIRA

EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

ESCRITORA

Silvanis dos Reis Borges Pereira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

BIBLIOTECÁRIA

Aline Grazielle Benitez

IMAGENS DE CAPA

AdobeStok

ÁREA DO CONHECIMENTO

Educação

2022 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2022 Os Autores

Copyright da Edição © 2022 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pela autora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Silvanis dos Reis Borges

A intergeracionalidade por meio da contação de histórias na universidade da maturidade da universidade federal do Tocantins [livro eletrônico] / Silvanis dos Reis Borges Pereira. -- Palmas, TO : Seven Events, 2023. PDF.

ISBN 978-65-84976-27-6

1. Contação de histórias 2. Educação
3. Lendas 4. Literatura brasileira 5. Narrativas orais 6. Universidade Federal do Tocantins (UFTO)
I. Título.

23-143309

CDD-808.5

Índices para catálogo sistemático:

1. 1. Narrativas orais : Ensaios : Literatura 808.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOI – 10.56238/intemcohisunivtocanti

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra **DECLARAM** para os seguintes fins que:

1. Não possui qualquer interesse comercial que enseje um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado;
2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; "
3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos e vícios de autoria;
4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas;
5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa;
6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Seven Publicações Ltda.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações Ltda **DECLARA**, para fins de direitos deveres e eventuais acepções metodológicas ou jurídicas, que:

1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, constituindo direito sobre a publicação e reprodução dos materiais. Não se responsabilizando solidariamente na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; Sendo única e exclusivamente responsabilidade do (s) autor (es) a verificação de tais questões autorais e outras, se eximindo portando a Editora de eventuais danos civis, administrativos e penais que surjam.
2. Autoriza A DIVULGAÇÃO DA OBRA, pelo (s) autor (es) em palestras, cursos eventos, shows, meios midiáticos e televisivos, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos CRÉDITOS a SEVEN EVENTOS ACADÊMICOS, podendo ser responsabilizado o autor (es) e divulgadores pela omissão/apagamento de tais informações;
3. Todos os e-book são open access, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico. Sendo, portanto, isenta de repasses de direitos autorais aos autores, vez que o formato não enseja demais direitos que não os fins didáticos e publicitários da obra que podem ser consultados a todo momento.
4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro;
5. A Seven Eventos Acadêmicos, não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra, em conformidade ao Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.



Silvanis dos Reis Borges Pereira

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), mestre em Educação pela UFT, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM. Professora Universitária da Universidade Estadual do Tocantins UNITINS. Pesquisadora na área de educação intergeracional.

Nas páginas deste livro, você vai encontrar a concepção de velhice como uma fase natural da vida que pode ser vivida intensamente, com boas relações interpessoais, atividades físicas, relações sociais, realizando sonhos e vivendo relações intergeracionais, um processo ativo de envelhecimento com bem-estar e qualidade de vida. Aqui você vai descobrir o quanto os velhos têm a nos contar, como são ricos de saberes e que esses saberes podem ser compartilhados comigo, com você, com todos nós. Que tal mergulhar nessa leitura?

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1

Pirâmide Etária

.....11

Gráfico 2

População em Idade Ativa 2000/2020

.....13

Quadro 1

Participantes da pesquisa

.....33

LISTA DE TABELA

Tabela 01

Crescimento médio dos grupos etários por década

.....33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIA	População Idade Ativa
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UMA	Universidade da Maturidade do Tocantins

SUMÁRIO

RESUMO

..... 1

1- INTRODUÇÃO

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-001](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-001)
..... 2

2 - ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-002](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-002)
..... 7

2.1 - Conceituando a velhice
..... 7


2.2 - O envelhecimento no Brasil
..... 10

2.3 - Intergeracionalidade
..... 14

2.4 - Educação intergeracional
..... 17

2.5 - O velho e universidade da maturidade: espaço de partilhar memórias
..... 19

3 - MEMÓRIAS DOS VELHOS: UM MUNDO A REVELAR

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-003](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-003)
..... 24

3.1 - Memórias dos velhos
..... 25


3.1.1 - Mitos
..... 27

3.1.2 - Lendas
..... 28

3.1.3 - Super-heróis
..... 29

4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-004](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-004)
..... 31

4.1 - Metodologia	31
4.2 - Local da pesquisa e os participantes	32
4.3 - Entrevistas	34
4.3 - Transcrição e análise das narrativas	36
5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
 10.56238/intemcohisunivtocanti-005	37
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
AGRADECIMENTOS	64
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	74

A intergeracionalidade por meio da contação de histórias na universidade da maturidade da Universidade Federal do Tocantins

Silvanis dos Reis Borges Pereira
(lattes ou orcid; e-mail)

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado versa sobre a representatividade dos mitos, lendas e super-heróis na vida dos velhos da Universidade da Maturidade da UFT- UMA. Tem como objetivo geral: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos e o elo entre o presente e o passado, que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: i) identificar por meio das narrativas orais os mitos, as lendas e os super-heróis dos velhos da UMA; ii) compreender como a narrativa oral pode contribuir com a autoestima do velho e trazer a sensação de pertencimento; iii) entender como a narrativa oral pode ser ferramenta para a educação intergeracional. Participaram do estudo 34 acadêmicos matriculados no ano de 2019 da Universidade da Maturidade - UMA da Universidade Federal do Tocantins do campus de Palmas. Os dados foram coletados por meio de entrevista, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Como resultados, pode-se apontar que as narrativas estão relacionadas à infância, ao convívio familiar e as relações de afetividade com pais, irmãos e parentes. Também relacionam às pessoas que transformaram suas vidas. Os velhos desnudam uma grande gama de sentimentos, na sua grande maioria, sentimentos bons de momentos em que os pais se fizeram presentes nas vidas dos filhos e as famílias, nesses momentos de contação de histórias realizados, valem-se dos mitos, lendas e super-heróis para passar para os filhos ensinamentos de um conjunto de valores e significados, culturas. Em poucas narrativas, foram evidenciadas marcas profundas de situações sentidas como abandono, feridas que se abriram na infância, que por meio da memória foram resgatas, reveladas, estavam ali. Desvelam que os heróis podem ser pessoas comuns que fazem parte do cotidiano, pais, amigos, professores e outros que revelam características e valores morais e éticos que admiram muito. Apontam os professores da UMA como seus

heróis, agora na velhice, pois aparecem com papel importante em suas vidas. Identificam-se com super-heróis que revelam o seu lado humano, mesmo com superpoderes, sentimentos comuns do ser humano, tristezas, medos, angústias e alegrias, seus conflitos pessoais. Verificou-se que as narrativas orais podem propiciar o protagonismo, trazer a sensação de pertencimento, o que contribui para aumentar a autoestima do velho, pois ao narrar torna-se o principal personagem, carrega consigo relatos de um tempo passado, que se transmitem significativos para o presente.

Palavras-Chave: Acadêmicos da Universidade da Maturidade. História de vida. Mitos. Lendas. Super-heróis.

ABSTRACT

This Master's research is about the representativeness of myths, legends and superheroes in the life of the elders of University of Maturity UFT-UMA. The general objective is to understand the memory of the old through the narratives of legends, myths and superheroes in the voices of the old of the U.S.A., their representativeness in the lives of these scholars and the link between the present and the past, which unfolds in the following specific objectives: i) identify through oral narratives the myths, legends and superheroes of the elders of the U.S.A.; ii) understand how the oral narrative can contribute to the self-esteem of the old and bring the feeling of belonging; iii) understand how oral narrative can be a tool for intergenerational education. The study involved 34 academics enrolled in the year 2019 of the University of Maturity - UMA of the Federal University of Tocantins of the Palmas campus. The data were collected through interview, it is a research of applied nature and qualitative approach. As a result, it can be pointed out that the narratives are related to childhood, family coexistence and affective relationships with parents, siblings and relatives. They also relate to people who have transformed their lives. The old have a great range of feelings, in the vast majority,

good feelings of moments when parents became present in the lives of their children and families, in these moments of storytelling accomplished, rely on myths, legends and superheroes to pass on to their children teachings of a set of values and meanings, cultures. In a few narratives, profound marks of situations felt as abandonment were evidenced, wounds that opened up in childhood, which through memory were rescued, revealed, were there. They reveal that heroes can be ordinary people who are part of everyday life, parents, friends, teachers and others who reveal characteristics and moral and ethical values that they greatly admire. They point to UMA teachers as their heroes, now in old age, because they

appear with important role in their lives. They identify with superheroes who reveal their human side, even with superpowers, common feelings of the human being, sorrows, fears, anguish and joys, their personal conflicts. It has been found that oral narratives can propel the protagonism, bring the feeling of belonging, which contributes to increase the self-esteem of the old, because by narrating it becomes the main character, carries with it accounts of a past time, that transmute significantly to the present.

Keywords: Academics of the University of Maturity. Life History. Myths. Legends. Superheroes

1 INTRODUÇÃO

O desejo de fazer essa pesquisa vem desde o primeiro dia que entrei na Universidade da Maturidade do Tocantins - UMA, das relações de afetividade, empatia e amizade que vêm se desenvolvendo entre professora-alunos e, também, carinho demonstrado durante o período que desenvolvi com os velhos atividades culturais, festivas e educativas. Essa inquietação vem da busca para entender o que é qualidade de vida para o velho, qual função desenvolvida pelas relações intergeracionais para melhorar a qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade do Tocantins.

Atualmente, muitos estudos são realizados sobre o aumento crescente da expectativa de vida do ser humano e sobre os fatores que impactam diretamente na qualidade de vida do idoso. E, observando, no dia a dia das aulas, as relações se desenvolvendo entre os estudantes, entende-se que é preciso identificar meios para que esses idosos cuidem além do físico, do social, e do psicológico. Diante desta realidade, faz-se necessário refletir sobre a importância da memória desses velhos, como são contadores de histórias instigantes, em que suas mentes fantasiosas podem favorecer a educação intergeracional e trazer à tona elementos culturais de uma comunidade que, até então, podem estar esquecidos, ou seja, trazer a história.

Esses velhos viveram em um tempo em que não havia celulares, computadores, nem mesmo a televisão, viviam mais próximos, sentavam-se à porta das casas, à noite, após o jantar, para contar histórias de sua infância, histórias que pais, avós, tias, contavam, que vivenciaram, que ouviram sobre a explicação de fatos corriqueiros das comunidades, como percebiam seus problemas, experiências e as dificuldades. Então, a luz da lua, eram narradas as lendas, os mitos, as histórias, algumas causavam pânico, outras risos, outras revelavam as características sociais e culturais da região em que viviam e, hoje, eles podem deliciar as gerações mais jovens narrando essas histórias, as suas histórias.

A população de velhos cresce aceleradamente mundialmente e, no Brasil, não é diferente, o que acarreta mudanças consideráveis no contexto social, nesse novo cenário, revelam-se novos paradigmas para o envelhecer. Dessa forma, faz-se preciso conhecer, ouvir, dar voz a essa população para contarem suas

vivências e, por meio das narrativas orais, conhecer as suas subjetividades, entender como se adaptam ao processo de envelhecimento.

Nesse novo cenário de aumento da esperança de vida, há a concomitância de várias gerações, o que resulta em interações entre as gerações, então, faz-se preciso estratégias que estimulem o respeito pela diversidade e a diferença, a pluralidade de valores, os costumes e as identidades individuais ou coletivas, o que na concepção de Sáez (2002, p.104) requer o desenvolvimento da educação intergeracional que são “processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal.” Nesse viés o velho é concebido como educador, similarmente como educando. Nessa permuta favorece o desenvolvimento ético e cultural, bem como humaniza as relações interpessoais.

A interação dos velhos e gerações mais jovens pode ser muito prazerosa e enriquecedora, dado que o velho pode resgatar informações importantes, por meio da contação das suas histórias, sobre a sociedade da época, da família, costumes, valores, podendo ser referência para as novas gerações, dado que, segundo Randall (2002), o envelhecimento é um processo biográfico, compreende incessantemente o contar e o recontar contínuos da experiência vivida.

Precebe-se que as narrativas pessoais se realizam frequentemente na fala de dos velhos por sua habilidade natural de contarem histórias, dado que eles fazem uso das memórias do passado para analisar o presente, como se buscassem preservar a imagem social por meio da linguagem (Prete, 1991). Ainda, nas atividades de contar suas histórias, são desveladas distintas experiências de mundo, são despertados sentimentos de valorização do sujeito, sentem-se vivos, sentem-se parte ativa da sociedade, proporcionam ao velho a confirmação da identidade do “ocupar-se consigo mesmo”, (FOUCAULT, 2004). E o sentimento de ser capazes de contar sua história para alguém que dê ouvidos, ouvidos atentos, pode fortalecer as relações familiar e social, as relações intergeracionais.

Nesse contexto, quer-se dar ouvidos aos velhos da UMA, ouvidos atentos, possibilitar um espaço de relações intergeracionais, por isso este trabalho versa sobre a representatividade dos mitos, lendas e super-heróis na vida dos velhos da Universidade da Maturidade da UFT- UMA. Na velhice, rememorar é revelar a própria imagem construída durante a vida, é trazer à tona histórias e sentimentos, é ressignificar as experiências e a própria existência, pois, segundo Bobbio (1997, p.30), “somos aquilo que lembramos”. Então, as recordações são elementos típicos do processo da identidade formada no presente (MATOS, 2004). Ainda, na concepção de Bosi (2012), o velho, por meio das lembranças narradas no presente, dá acesso, revela um mundo social rico e diverso não conhecido no presente. Assim, é por meio das narrativas que os velhos resgatam as tradições e lembranças de tempos passados, e são pelas memórias dos velhos que as gerações mais jovens compreendem as transformações acontecidas no tempo, no espaço, na história, no imaginário.

As memórias possibilitam, por meio do recordar trazer a realidade acontecimentos vividos, a identificação de valores. Ademais, “se a vida humana não consiste numa sucessão de feitos. Se a vida humana tem uma forma, ainda que seja fragmentária, ainda que seja misteriosa, essa forma é a de uma narrativa: a vida humana se parece com uma novela” (LARROSA 2002, p. 145), pois a vida humana é uma história entremeadada a outras e a história da humanidade, dado que é tecida por fatos, por vários personagens que se apensam à narrativa, construindo-a nos espaços em que se vive e durante o tempo de vida.

Ainda, corrobora Ferrarotti (1996, p.183) quando afirma que

(...) cada vida individual, todas as vidas individuais, são documentos de uma humanidade mais ampla, com suas descontinuidades históricas. O fio que une esses mosaicos biográficos, singulares ou coletivos, em suas diferentes perspectivas, é a articulação do tempo coletado em seu duplo aspecto da experiência individual e coletiva, dos momentos mutuamente integrados (Tradução autora).

Nessa perspectiva, acredita-se que, por meio da história, os velhos reconstruem suas vivências e experiências, resignificam o presente, e desvelam sentimentos que precisam ser enfrentados para desenvolverem relações sociais, ocuparem seus espaços, para ter melhor qualidade de vida nessa fase. Faz-se, então, importante dar voz aos velhos, pois Almeida (2001, p.33) afirma que “A memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. A partir dessas memórias, pode-se compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente.”

E esses aspectos naturais do ser humano é que revelam que o velho deve ser ouvido, pois lhe é peculiar transmitir a tradição, os valores e os costumes para as gerações mais jovens. Nesse cenário, são guardiões da história e necessitam dessa história para dar sentido a sua vida, pois “(...) o passado pertence aos velhos que exercem uma função peculiar: de refletir e escavar lembranças (ALMEIDA, 2001, p. 28).

Sabe-se que o medo e o mistério concatenados aos fenômenos originados da natureza compõem o imaginário humano e é, na busca para explicar os medos, desde a antiguidade, que o indivíduo cria representações em relação a acontecimentos e situações, assim surgem os mitos, as lendas, na busca de justificar as histórias na sociedade. Então, é a história, a memória cultural que busca o sentido da vida, e esse sentido é revelado às gerações mais jovens por meio de narrativas, de repetições.

Os velhos relatam fatos, por meio das narrativas orais, em que dão vidas a personagens enigmáticos, que habitam nos rios, nas matas, no imaginário, são histórias que ouviram e viveram e que hoje residem na memória, são as lendas, narrativas orais sobre algo fabuloso, sobre o princípio de uma realidade em que o homem e a natureza se misturam na interpretação de fenômenos naturais que, nas vozes dos velhos, são tomadas como verdade, pode-se dizer que a lenda retrata algo mítico.

Ainda, que o tempo passe, mudem costumes e culturas, os super-heróis estão lá, com protótipos diferentes, mas capazes de realizar atos acima da capacidade humana, por isso o encantamento por essas figuras continuam, sendo criança, jovem, adulto ou velho, todos precisam ou se identificam com um super-herói. Os super-heróis exercem um certo fascínio em muitas pessoas, talvez, porque buscam acreditar que

lutam pelo próximo, mesmo possuindo defeitos e qualidades e desprovidos de superpoderes, são super-heróis e, observando bem, no dia a dia, encontram-se esses heróis cotidianos.

Os velhos não podem e não devem abandonar suas memórias, ignorar suas lendas, mitos, seus super-heróis, sua história, se isso acontece se esvaziam suas vidas e, conforme Schirmacher (2005), tira-se dos velhos sua dignidade, sua biografia, sua memória, exclui o velho socialmente, pois nas suas narrativas, com seus elementos composicionais, trazem as marcas de uma cultura que traduz a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade.

Nesse contexto, tem-se como objetivo da pesquisa: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos. Para tal, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a representação dos mitos, lendas e super-heróis para os velhos da UMA revelada por meio das narrativas orais?

A partir desta delimitação de problema que seria o foco da pesquisa, passou-se a buscar pela resposta do seguinte questionamento que gerou o objetivo geral: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos.

Nesse limiar, para alcançar o objetivo geral, traçou-se os seguintes objetivos específicos: i) identificar por meio das narrativas orais os mitos, as lendas e os super-heróis dos velhos da UMA; ii) compreender como a narrativa oral pode contribuir com a qualidade de vida do velho e trazer a sensação de pertencimento; iii) entender como a narrativa oral pode ser ferramenta para a educação intergeracional.

A Hipótese neste estudo é de que as representações dos velhos sobre mitos, lendas e super-heróis trazem as marcas de uma cultura, de valores que traduzem a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade, desenvolve a autoestima e melhora a qualidade de vida.

O escopo da pesquisa abrangerá 34 (trinta e quatro) acadêmicos matriculados no ano de 2019 da Universidade da Maturidade - UMA da Universidade Federal do Tocantins do campus de Palmas.

Escolheu-se como método de pesquisa o estudo de caso, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Utilizou-se do estudo de caso por, segundo Gil (2007, p.58), ser compreendido “como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno.” Este trabalho foi organizado em seis seções sendo que a primeira, esta, a introdução que com a concepção de que o velho, por meio das lembranças narradas no presente, dá acesso, revela um mundo social rico e diverso não conhecido, traz uma breve apresentação sobre o objeto de estudo, o problema da pesquisa e os objetivos gerais e específicos.

A segunda apresenta o referencial teórico que discorrerá sobre o conceito de a velhice, na concepção dos autores: Bacelar (2002), Debert (1999), Messey (2007), Carvalho Filho (2007), Hadad (1986), Beauvoir (1990), Duarte (2001), Salgado (2007), Neri (2001), Araldi (2008) e da Organização Mundial de Saúde, em que a velhice é discutida como experiência comum a todos, porém é um processo único de indivíduo para indivíduo. E a Universidade da Maturidade do Tocantins-UMA que, por meio da educação, possibilita

ao velho o protagonismo social, gerando novas perspectivas para sua vida, ao disponibilizar um lugar de relações sociais, de troca de experiências, lugar de narrar suas vivências.

A terceira seção traz uma discussão sobre a memória enquanto criação psíquica e intelectual que retorna ao passado, seletivamente, para buscar, recordar eventos de um indivíduo pertencente a um contexto social e cultural, Especificamente a memória dos velhos que é fonte de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que se vive, sobre as pessoas e acontecimentos, sobre mitos, lendas e super-heróis. A memória dos velhos revela a sabedoria da existência, narra experiências únicas que desvelam uma memória coletiva de outra geração, de comunidades distintas, a história carregada de significados.

Na quarta seção, descreve-se método de pesquisa que é o Estudo de Caso, a abordagem que é qualitativa e a natureza aplicada e traça os caminhos que foram percorridos para a realização do trabalho. Apresenta-se, também, o local, os sujeitos e as etapas da pesquisa, que têm abordagem qualitativa, e foi planejada e desenvolvida em quatro etapas: entrevistas semiestruturadas, presenciais, no espaço da UMA; rodas de conversas no ambiente virtual google-meet, transcrição das entrevistas e análise dos dados coletados.

A quinta traz as narrativas orais dos velhos da UMA e os significados revelados nas experiências, nos sentimentos e significados que se misturaram contados, por meio da história oral temática, nas narrativas em que os velhos desvelaram os mitos, lendas e os super-heróis que permearam suas vidas desde a infância, as resrepresentações dessas experiências registradas nas lembranças, bem como os costumes, a cultura, a herança, a memória.

Na última seção, tece-se as considerações finais sobre as experiências e significados apresentados nas narrativas orais sobre mito, lendas e super-heróis dos velhos da UMA que estão relacionadas à infância, ao convívio e as relações de afetividade com a família. A concepção diferente de super-herói como pessoa comum que pode transformar vidas. E como as narrativa orais, os momentos de contação de suas histórias podem contribuir para aumentar a autoestima do velho, trazer a sensação de pertencimento e servir de vínculos afetivos com seus netos.

2 ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE

2.1 CONCEITUANDO A VELHICE

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), é considerado Velho a pessoa com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. De acordo à OMS (2005, p.13), o “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social (DEBERT, 1999).

Então, coaduna-se com Bacelar (2002, p.29) quando afirma que

velhice não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre as características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. O conceito cronológico seria determinado a partir os 65 anos nos países desenvolvidos, e dos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Na concepção da autora, não há como conceituar a velhice tomando como base apenas o critério cronológico. Deve-se considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que o velho apresenta.

Para Messy (1993, p. 18), “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais”.

Carvalho Filho (2007, p. 105) considera que o envelhecimento “pode ser conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas que vão alternando progressivamente o organismo, tornando-o mais suscetível às agressões intrínsecas e extrínsecas”.

Haddad (1986, p. 27) caracteriza a velhice citando um texto de Ávila (1978),

o que caracteriza a velhice não é a quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof¹. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende². O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho.

Esses fatores, citados pela autora, leva a conjecturar que desencadeiam sentimentos destrutivos de inutilidade e perda, que acentuam os conflitos internos dos velhos, relacionados à desmotivação, dificuldade de adequar-se a novos papéis sociais, sem estímulo para pensar e planejar o futuro.

¹ Microbiologista e zoólogo russo nascido em 1845, na Ucrânia, e falecido em 1916. Recebeu o Prêmio Nobel da Fisiologia e da Medicina em 1908, juntamente com o cientista alemão Paul Ehrlich, por ter descoberto os fagócitos e o seu papel na defesa do organismo (INFOPÉDIA, s/d).

² Nicola Pende, médico italiano, criou o termo biotipologia, para identificar, nos anos 1920, a “ciência das constituições, temperamentos e caracteres” (CUNHA 2002).

De acordo Gonçalves (2010, p.23), o envelhecimento envolve fatores biológicos, físicos e psicológicos que vai “proporcionando perdas na tomada de decisões, lentidão, capacidade de analisar e sintetizar, insegurança, dependência e confusões mentais”. Ainda, revela características desse processo, a introspecção, resultante de problemas de relações interpessoais e a dificuldade de equilíbrio.

A Lei 8.842/1994, Lei da Política Nacional do Idoso, em seu art. 2ª, dispõe que “Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”.

Simone de Beauvoir (1990, p.17) lança um olhar crítico sobre a velhice, quando destaca que:

a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.

Para Beauvoir (1990, p.15), “a velhice é como um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada.” Então, indere-se que, para a autora, a velhice é carregada de subjetividade, desenha-se nos aspectos relacionais e funcionais. Então, na concepção da autora,

a velhice modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca um estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence (BEAUVOIR, 1990, p.15).

Nesse mesmo toar, a longevidade cada vez mais acentuada aparece como um paradoxo em relação a uma sociedade em que há supervalorização das aparências, da juventude. Como esconder as marcas do tempo, na face, no corpo envelhecido que apontam para o sentido negativo da velhice, em que o velho é desvalorizado, visto como improdutivo, mesmo portador de experiência e sabedoria adquiridas ao longo dos anos de vida. “Enquanto o sentimento íntimo de juventude permanece vivo, é a verdade objetiva da idade que aparece uma aparência, tem-se a impressão de estar usando uma máscara emprestada” (BEAUVOIR, 1990, p. 363).

Nesse viés, cita-se o poema de Cecília Meires, Retrato, que desvela quão profunda é a questão da velhice, dos anos que passam e não se percebe as marcas externas e muitas, também, internas, mesmo que se tenha a juventude interna, que se esteja ativo, a “máscara” está ali, e parece que só revela a passagem dos anos, o lado negativo da velhice.

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro, Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança, Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida a minha face?
(MEIRELES, [1939] 2001, p. 232)

Questiona-se porque, sendo uma condição natural da vida humana, é tão difícil a aceitação social que leva o velho a se perguntar em que momento da vida perdeu sua identidade. Ora, se o velho fica sem atividade, normalmente perde sua identidade, o que acarreta o sentimento de inutilidade diante da vida. E, segundo Beauvoir (1990, p.129),

é no corpo que aparecem as características mais evidentes do envelhecer. A senescência vai modificando também a conduta: os relacionamentos pessoais já não são os mesmos de períodos anteriores da vida, todo o afetivo e o emocional do sujeito têm outras feições e expressões, a presença entre os parentes, amigos e conhecidos tomam formas distintas, a própria história pessoal e até o sentido da existência passam a apresentar outros significados. A sociedade, por sua vez, reserva ao idoso novos lugares, papéis e status, dando-lhe um tratamento bem diverso do que lhe concedia nas etapas anteriores de sua vida.

Entende-se que no limiar do pensamento da autora, envelhecer é um processo em que há mudanças físicas, psíquicas e sociais, como em qualquer outra fase da vida em que transformações acontecem e são vivenciadas. Então, não se pode olvidar que envelhecer deve ser compreendido como um ciclo natural dos indivíduos, é inevitável, uma ação do curso da vida, como descrito por Salgado (1996), quando afirma que o envelhecimento tem seu início com o nascimento e termina com a morte, assim

ao lado da indagação sobre o que é velhice, podemos lançar outras questões como, por exemplo: o que vem a ser infância, a juventude e, mesmo, a idade adulta? As ciências que por longo tempo já vêm desenvolvendo amplos estudos sobre essas etapas da vida ainda não conseguiram compor definições que satisfaçam integralmente a natureza especulativa dos homens, pois, para qualquer proposta apresentada, sempre serão descobertos aspectos não considerados, mais ou menos importantes segundo as diferentes óticas de análise, convertendo as definições em simples aproximações, de caráter absolutamente temporal (SALGADO 1996, p.5)

Nesse toar, para compreender a velhice, é necessário lançar um olhar para o todo, ou seja, para os aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Segundo Beauvoir (1990, p.108),

é o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins.

Reforçando a concepção da autora, entende-se que as representações sociais são desenvolvidas no jogo das relações sociais, construídas por meio de crenças, valores, adsorvidas criadas e fortalecidas pelos indivíduos durante a vida. Portanto, a concepção de velhice, positiva ou negativa, está relacionada aos elementos formadores das representações, comportamentos e ideias sociais que retratam o momento sócio-histórico.

Envelhecer é uma experiência comum a todos que conseguem viver longa vida, porém é um processo único de indivíduo para indivíduo, visto que está relacionado com as experiências vivenciadas durante a vida (PAÚL; FONSECA, 2008).

Duarte (2008, s/p) conceitua envelhecimento como um processo natural de todo o ser humano, processo com as seguintes características: “[...] é universal, por ser natural, não depende da vontade do indivíduo, todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece, e morre. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina [...] nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter”.

Para Salgado (2007, p. 68),

o envelhecimento é um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos.

É relevante compreender que a velhice é resultado de fatores biológicos, cronológico e psicológicos, como também do meio e das condições em que se vive.

Nesse toar Araldi (2008, p. 16) afirma que

o envelhecimento é complexo e compreende determinadas características: Para entender o processo de envelhecimento é necessário ter uma compreensão da totalidade e da complexidade do ser humano, pois cada aspecto seja biológico, cultural ou social não estão desconectados. Desse modo, entende-se os ciclos pelo qual o ser humano perpassa na sua existência.

Então, envelhecer é um processo multidimensional, é uma fase natural da vida e o indivíduo para sentir-se dono de suas ações, ser autônomo, deve buscar vivê-la de forma saudável, tanto física como psicologicamente.

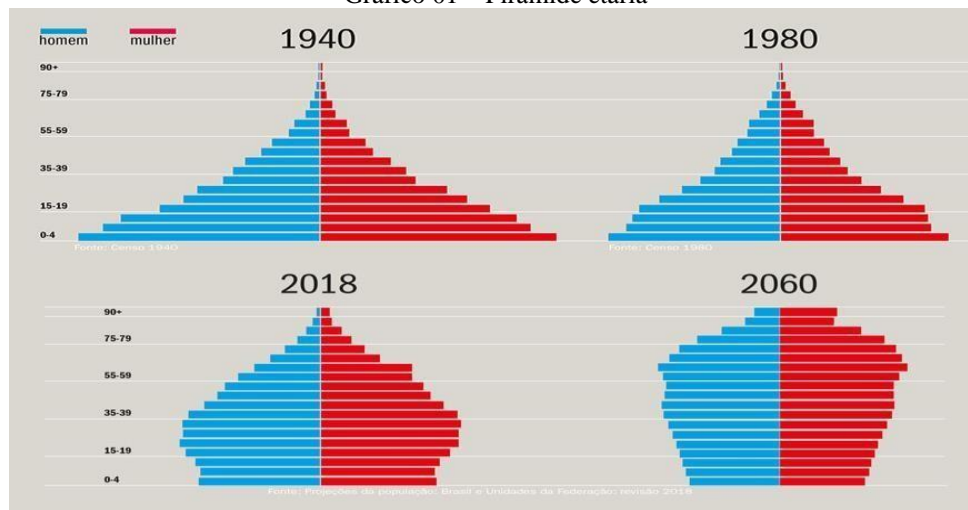
“A velhice é a última fase do ciclo vital e é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especializações cognitivas” (NERI, 2001, p. 69). Corroborando Beauvoir (1970, p.17) quando expõe que “a velhice não é um fato estático; é o término e o prolongamento de um processo, processo este denominado de envelhecimento”.

Nessa perspectiva, a velhice é inerente ao ser humano, desde que aspire viver muitos anos, e é um processo dinâmico e progressivo que compreende diferentes fatores. Nesse viés, “o envelhecimento saudável “é a interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica” (RAMOS, 2003, p.794).

2.2 O ENVELHECIMENTO NO BRASIL

A população velha tende a crescer no Brasil, segundo projeção do IBGE (2019), em 2043, um quarto da população terá mais de 60 anos, por outro lado a proporção de jovens até 14 anos deve cair, será de 16,3% apenas, conforme pode ser visualizado no Gráfico 1.

Gráfico 01 – Pirâmide etária



Fonte: IBGE (2019)

“A relação entre a porcentagem de velhos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento” (IBGE, 2019, s/p), conforme evidencia o Gráfico 1, a população de velhos deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060. “Esse processo pode ser observado graficamente pelas mudanças no formato da pirâmide etária ao longo dos anos, que segue a tendência mundial de estreitamento da base (menos crianças e jovens) e alargamento do corpo (adultos) e topo (idosos) (IBGE, 2019, s/p).

Segundo o IBGE (2017), a população brasileira ultrapassou 30,2 milhões de velhos em 2017. Ainda, constatou que, em 2020, a população de velhos representará 13% da população total e apresentará um crescimento contínuo alcançando em 2025, 34 milhões de velhos, o que corresponde a 15% da população brasileira e, em 2050, serão aproximadamente 64 milhões de velhos, 27% da população total. A tabela a seguir traz uma projeção do crescimento médio por grupos etários.

Tabela 01 - Crescimento médio dos grupos etários por décadas

Período	0 - 14 anos	15 - 64 anos	65 + anos	Razão crescimento
				Idosos/ativos
2001 - 2010	-0,4%	1,7%	3,1%	1,83x
2011 - 2020	-1,2%	1,1%	4,2%	3,77x
2021 - 2030	-1,2%	0,4%	4,1%	10,22x
2031 - 2040	-1,0%	-0,1%	3,0%	N/A
2041 - 2050	-1,1%	-0,6%	2,5%	N/A
2051 - 2060	-1/2%	-0,9%	1,3%	N/A

Fonte: Projeção populacional do IBGE (2013)

A Tabela 01 revela que entre 2000 e 2010 houve um crescimento de 1,7% ao ano da população em idade ativa (PIA). No entanto, em uma proporção bem maior, 3,1% ao ano, cresceu a população de velhos. Na década de 20, o múltiplo atingirá (10!). O IBGE (2013, s/p), “projeta que a população idosa crescerá quatro vezes mais rápido do que a PIA.”

Nesse cenário, o relatório Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio (2012, p.3), dispõe sobre a necessidade de:

novas abordagens para as formas de estruturação das sociedades, forças de trabalho e relações sociais e intergeracionais. Estas abordagens devem apoiar-se em um forte compromisso político e uma sólida base de dados e de conhecimento, que assegurem uma efetiva integração do envelhecimento global no seio dos processos mais amplos de desenvolvimento”.

É fato que há um crescimento da população idosa em todo o Brasil, o que desvela que a sociedade deve se preparar para os problemas que podem emergir junto a essa evolução desproporcional de crescimento da taxa de velhos no país. E, neste contexto, os resultados apresentados pelo IBGE (2017) “apontam claramente para um processo de envelhecimento populacional no País, o que vai exigir novas prioridades na área das políticas públicas”. Nesse cenário, acentua-se a fragilidade da saúde, aumenta a situação de solidão e isolamento social, e, ainda, há muitos casos de dependência física ou mental, ou as duas.

Assim, faz-se importante buscar formas de que essa população envelheça de forma saudável. A OMS (2002, p.12), assevera que devemos buscar o envelhecimento ativo que é o processo de “[...] otimização das possibilidades de saúde, de participação e de segurança, a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice”. Ainda, conforme a Organização Mundial da Saúde – OMS (2005), envelhecimento ativo não compreende apenas os aspectos promotores da saúde, constitui-se também de fatores ambientais e pessoais que se inter- relacionam com condições de saúde.

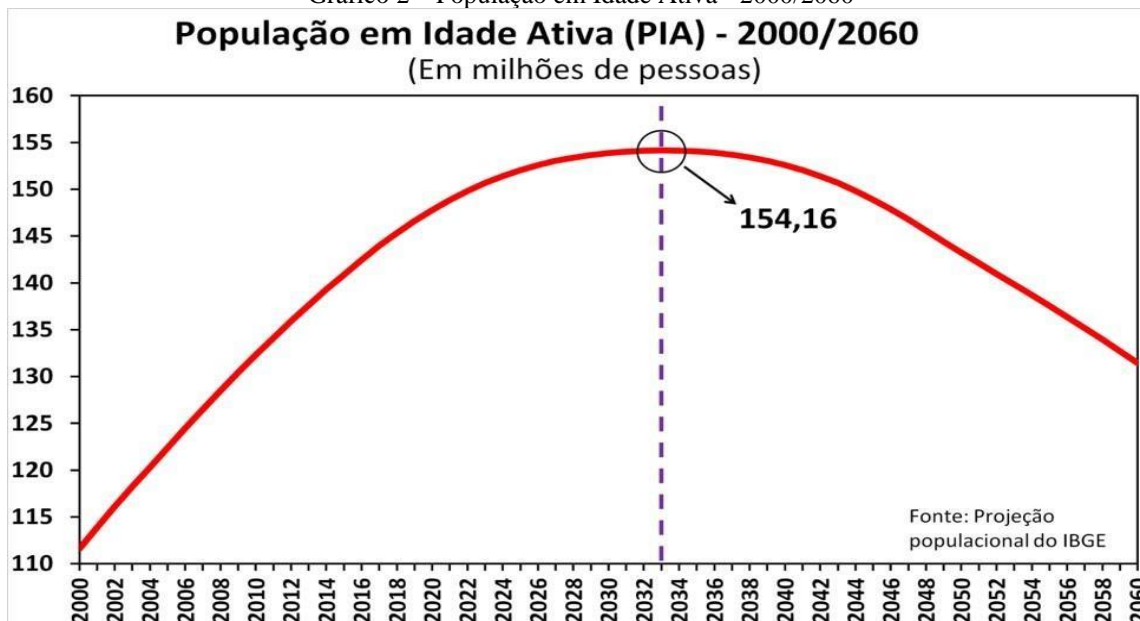
Entende-se que para garantir os direitos dessa população crescente, as leis são fundamentais, como a Lei 10.741/03 - Estatuto do Idoso; Lei 8.842/94- Política Nacional do Idoso, a Declaração dos Direitos Humanos e a própria Constituição Federal. O Estatuto do Idoso, 2003, amplia e assegura aos velhos todos os direitos fundamentais pertinentes à pessoa humana. A Constituição Federal (CF) dispõe que um dos objetivos da assistência social é a proteção à família e à velhice.

Diante das transformações demográficas da sociedade brasileira, do envelhecimento populacional que, segundo Neri (2001, p.22), é reflexo da “combinação de três fenômenos: redução da natalidade, redução da mortalidade e aumento da expectativa de vida na velhice”. É fato, então, que as pessoas estão vivendo mais e se faz essencial pensar a qualidade de vida e o envelhecimento saudável desses indivíduos e como são direcionadas as ações para atender às necessidades desse grupo crescente. Nesse contexto, a legislação garante os direitos fundamentais do velho, no domínio social, da saúde, físico, financeiro.

Entende-se que se os Direitos Humanos são imprescindíveis para uma vida com dignidade, então são direitos à pessoa, pelo simples fato de ser humana e existir. São garantias e valores universais que têm como objetivo garantir dignidade aos sujeitos, ou seja, dar-lhes o mínimo necessário de condições para uma vida com significado.

O Gráfico 2 revela a diminuição significativa da PIA.

Gráfico 2 – População em Idade Ativa - 2000/2060



Fonte: Projeção populacional do IBGE (2000)

Segundo a curva apresentada pelo Gráfico 2, a população em idade ativa em 2033, será de 154,2 milhões de brasileiros. E, a partir desse ano, a queda é vertiginosa, chegando em 2050-2060, em quase -1% ao ano (IBGE, 2000).

O documento do IBGE (2016) Indicadores Sociodemográficos – Prospectivos para o Brasil, período de 1991 – 2030, destaca que o processo de envelhecimento populacional vivenciado pela sociedade brasileira ocorre de modo generalizado, cada vez mais, o padrão etário será envelhecido, o que acarretará, como já mencionado, na necessidade de implantação de políticas públicas direcionadas ao atendimento à população velha.

O envelhecimento é:

[...] um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto aumente sua possibilidade de morte (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD).

Então, entende-se que, se é um processo irreversível, é preciso preocupar-se com ações que possam favorecer o bem estar dessa população envelhecida, dado que, assim, os velhos terão um envelhecimento mais saudável, uma velhice mais ativa, conseqüentemente, melhor qualidade de vida.

Na busca de uma melhor qualidade de vida para o velho, Neri (2001, p.60) destaca que “trata-se de preparar e de oferecer meios à pessoa para que possa envelhecer bem, cuidando não apenas do aspecto físico, social e econômico, mas também das questões de vida interior”.

Também nessa perspectiva, Fabietti (2010, p.77) sublinha que “envelhecer saudavelmente significa, o resultado multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica”.

No cerne do direito, as pessoas têm o direito de envelhecerem com dignidade e segurança. E, para que essa fase da vida seja vivida com significado e qualidade, é preciso que o velho mantenha-se ativo, com boa capacidade funcional, bom funcionamento físico e mental e que tenha um envolvimento ativo com a vida (SILVA; SANTOS, 2010).

Nessa concepção, entende-se que o bem-estar psicológico dos velhos está estritamente relacionado às relações sociais. E corrobora-se com a concepção de Carstensen (2006) de que os velhos avaliam, buscam ou rejeitam os contatos sociais, conforme a qualidade afetiva da resposta.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social.

Ainda, Neri (1993, p.10) define

a qualidade de vida na velhice implica em diversos fatores: Avaliar a qualidade de vida na velhice implica adoção de múltiplos critérios de natureza biológica, psicológica e socioestrutural. Vários elementos são apontados como determinantes de bem estar na velhice: longevidade, saúde biológica, saúde mental, controle cognitivo, competência social, produtividade, eficácia cognitiva, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais e continuidade de relações informais em grupos primários.

Entende-se que a qualidade de vida é concernente a múltiplos aspectos que vão além agir de forma individual, por ser de caráter sociocultural e social, ou seja, relaciona-se aos aspectos pessoais, familiar, afetivos, social e, também, profissional.

Na busca por um envelhecimento com qualidade, é preciso atentar-se para fatores psicológicos e sociológicos que interferem no bem-estar dos velhos. Nesse cenário, a preocupação com as relações sociais na terceira idade se faz presente, pois a ausência delas pode levar o velho à solidão, conseqüentemente, à depressão (RAMOS, 2003).

O envelhecimento proporciona a perda gradual das possibilidades de experimentar novas relações sociais e somando esse isolamento à incapacidade física, os efeitos são ainda mais devastadores. Para minimizar esses aspectos e oferecer a oportunidade de sentir-se ativo, é necessário criar situações para que o velho possa se sentir protagonista, fazer amizades e manter essas relações sociais vivas, para ter com quem trocar experiências, contar suas histórias, sentir-se importante ao dar sua opinião participando da vida do outro, como na Universidade da Maturidade, onde há efetivas relações intergeracionais.

2.3 INTERGERACIONALIDADE

Se é uma realidade o envelhecimento populacional, faz-se necessário reestruturar nossa sociedade para integrar esse indivíduo, para que ele participe das relações sociais, de forma a melhorar a sua qualidade de vida. Importa observar que qualidade de vida pode ser entendida como “a percepção que o indivíduo

tem de sua posição na vida, dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (OMS, 2005, p. 1.405).

Esse contexto crescente do envelhecimento populacional traz à tona a importância da intergeracionalidade que se relaciona às interações sociais, em um constante movimento de trocas de experiências, princípios e valores entre pessoas de diferentes gerações, interações que podem oportunizar ganhos na qualidade de vida e bem-estar.

Nesse toar, para falar-se em relações, é preciso compreender o que é geração. Segundo Magalhães, 2000, p.37),

as gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

O conceito de intergeracionalidade relaciona-se às relações sociais e não se reduz à crianças e aos velhos, pode ocorrer em qualquer espaço, família, trabalho, universidade etc, desde que se juntem pessoas de diferentes gerações (TEIGA, 2012).

No entanto, não significa somente estar no mesmo espaço, de acordo Newman e Sánchez (2007, p.42), “para falar sobre intergeracionalidade não é suficiente estar juntos; o importante é fazer e fazer-se juntos, e que esse fazer vá mais além da mera interação e passe a relação”. Corrobora com essa concepção Höpflinger (2009, p.21),

noção de relações entre gerações designa os processos recíprocos de orientação, influência, intercâmbio e aprendizagem entre os membros de duas ou mais gerações (relações intergeracionais), ou entre membros da mesma geração (relações intrageracionais). A forma e a dinâmica das relações entre as gerações resultam da experiência subjetiva, das semelhanças e diferenças, assim como da realização de papéis e funções prescritos institucionalmente (incluindo a disposição das próprias relações entre gerações).

Relações intergeracionais são “relações sociais entre membros de duas ou mais gerações, que se caracterizam pelo entendimento de filiação geracional e das semelhanças e das diferenças resultantes dessa pertença [...] Essas relações materializam-se nos processos mútuos e reflexivos de orientação, persuasão, intercâmbio e aprendizagem” (LÜSCHER et Al, 2016, p.87).

As relações intergeracionais, segundo Lopes (2008, p.26), acontecem

entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou proteccionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas

Entende-se que nas relações intergeracionais há envolvimento, o que pode levar ao desenvolvimento da resiliência, que segundo Mam (2003) é capacidade que a pessoa tem de enfrentar as adversidades da

vida, respondendo positivamente aos processos adaptativos que podem gerar estresse, ou seja, o indivíduo é capaz de superar e adaptar-se à situação.

Na concepção de Martins (2013) quando afirma que as relações intergeracionais compreendem uma troca de conhecimentos, valores, sentimentos, percepções, bens, habilidades, e produtos culturais, que geram um sentimento de pretença.

Nesse viés, entende-se que há nas relações intergeracionais o desenvolvimento de suporte emocional revelado por meio da empatia, confiança, compreensão, preocupação, e demonstrações de carinho. O ouvir o outro está intrinsicamente ligado à empatia. O que envolve atenção, sensibilidade para as mudanças que se detecta na outra pessoa, ou nos significados que ela compreende, ou seja, o que a outra pessoa está passando, significa o entendimento da percepção da realidade do outro para compreender seu comportamento.

Na verdade esses contatos entre gerações são um intercâmbio, um partilhar de conhecimento, é então um aprendizado mútuo, que leva a constituir o respeito e a compreensão das diferenças, afeto, possibilitando relações positivas entre as diferentes gerações, culminando em transformações sociais. Aindanesse processo, as relações intergeracionais podem promover a saúde mental dos velhos, conforme expõe Dubé (1996),

[...] a saúde mental na velhice depende da - habilidade de desempenhar papéis apropriados, aceitar os novos desafios e se adaptar às perdas e às mudanças ligadas à idade... idosos com boa saúde mental se distinguem por serem capazes de viver e exprimir suas emoções de maneira adequada, possuir um bom julgamento e exercer seu poder de decisão pessoal e social. (como citado em Falcão & Bucher-Maluschke, 2010, pp. 39-40).

Por meio das relações intergeracionais é possível promover a igualdade entre gerações, mudar mentalidades e favorecer a cidadania, que deve ser promotora de inclusão, do bem-estar dos indivíduos, e solidariedade social (MARTINS, 1997).

Nesse toar, a UMA se constitui um espaço de relações intergeracionais, em que há a escuta, o ouvir o que o outro tem a dizer, e o que diz sem falar, desenvolve e desperta-se sensações e sentimentos, há o envolvimento de todos, idosos, jovens e adultos, todas as gerações que se comunicam como cúmplices, em que ao idoso é dada atenção, há compreensão da condição humana, das atitudes, há empatia, sentimentos e intenções, é permitido ao outro colocar-se diante de nós.

E nesse espaço de relações intergeracionais percebe-se uma troca, um aprendizado recíproco que Segundo Gusmão (2003, p.53),

é entremado de paciência e afeto, de modo a causar trocas ricas e verdadeiras, banindo qualquer tipo de discriminação que pode vir afetar essa relação: Na vivência diária [...] juntos, eles definem novos valores ou alterem os já existentes, possibilitando assim um revigoramento da cultura. Um dos aspectos fundamentais para a preservação e a compreensão da cultura é a conduta social manifestada por meio de ritos, tradições, crenças, simbolismos, linguagens e costumes.

Entende-se que, nessas relações, a convivência é positiva para todas as gerações, e o contato intergeracional é um percurso de mão dupla na prática educativa e cultural, pois segundo Gusmão (2003), todas as partes são afetadas positivamente com troca de experiências, os vínculos afetivos, a compreensão e o respeito às características e possibilidades do outro.

Vale ressaltar a importância do desenvolvimento de relações intergeracionais no contexto do envelhecimento para que haja interação entre as gerações, e depreende-se que a educação intergeracional é instrumento que pode favorecer a inclusão social, devido a proporcionar o sentimento pertencimento, possibilitar a expressão e cobrança dos direitos na sociedade. Nesse caminho, a educação é compreendida como propulsora de desenvolvimento de capacidades que permitam aos velhos superar dificuldades, e enxergar-se ser de direitos. Nessa perspectiva, na seção seguinte, vamos discutir a educação intergeracional que possibilita a valorização das pessoas de diferentes gerações.

2.4 EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

Educação Intergeracional para Sáez (2002, p.104) são os

Processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal. O objetivo é mudar e transformar-se na aprendizagem com o outro.

Nessa perspectiva, conforme o autor, a educação intergeracional objetiva a superação de preconceitos de idade, potencializando o respeito à diversidade e à diferença, aos valores, aos costumes e às identidades individuais ou coletivas, desenvolve conhecimentos, competências, habilidades, atitudes, fomentando o aumento da autoestima e o desenvolvimento pessoal.

Na concepção de O'Neil (2016), educação Intergeracional é concebida como um processo pedagógico que estimula a integração das diferentes gerações de modo a diminuir as atitudes discriminatórias, dado que ocorre por meio do diálogo entre as gerações, em que compartilham conhecimento, habilidades, culturas, sentimentos.

Com a mesma perspectiva de O'Neil; García (2002, p.21) traz a ideia de que essa educação não tem como objetivo aprender conceitos, mas desenvolver atitudes e comportamentos, assim a compreende como "um diálogo de culturas, com base em campos motivacionais comuns, tentando descobrir os valores simbólicos conducentes ao enriquecimento de projetos de vida de diferentes grupos."

Na perspectiva de Villas-Boas, et. al. (2016, p.133), na educação intergeracional há o

encontro de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo.

Ainda, Mannion (2012, p.397) desvela o quão é complexo o conceito de educação intergeracional, quando afirma que

(a) envolve pessoas de duas ou mais gerações na participação de

uma prática comum que acontece em algum lugar; (b) envolve diferentes interesses entre as gerações e pode ser empregue para melhorar o indivíduo, a comunidade, o ambiente através da resolução de algum problema ou desafio; (c) exige a disposição de que as gerações cada vez mais separadas comuniquem reciprocamente (por meio de atividades que envolvem consenso, conflito, ou cooperação), com a esperança de que se originem e partilhem novos significados, práticas e lugares intergeracionais; (d) exige a disposição de ser sensível aos lugares e uns aos outros de uma forma continuada. À vista disso, entende-se que a educação intergeracional não é uma tarefa fácil, ao contrário dado que para sua realização é necessário interação, colaboração e respeito mútuo, pois é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são atribuídos a todos.

Ainda assim, de acordo Krout; Wasyliw (2002), a educação intergeracional, que proporciona o contato entre diferentes gerações, é o caminho para quebrar preconceitos, se compreendida como ação das gerações mais velhas sobre as gerações mais novas, dado que hoje se entende que é possível fazer uma coeducação entre as diferentes gerações, o que desvela uma autoformação permante, tanto dos velhos quanto das crianças, dos jovens e, também, dos adultos.

Pressupõe-se que o convívio intergeracional nas intuições de ensino favoreçam o desenvolvimento do conhecimento, além de modificar as relações entre diferentes gerações. Nesse contexto, acredita-se que a Universidade da Maturidade é espaço em que velhos, crianças, jovens e adultos são protagonistas da sociabilidade, produzem e transmitem conhecimento. Essas trocas fazem-se importante por possibilitar a compreensão de raízes e conquistas, mudanças de convicções e valores de gerações. Então, nesse tom, a presença dos idosos na vida universitária tende a produzir mudanças de mentalidades, o que leva à sociedade a questionar, rever e modificar concepções.

Alinhada com a concepção da importância das relações intergeracionais está a UMA que desenvolveu e efetiva educação intergeracional, em que diferentes gerações juntas valorizam conhecimentos e experiências. Isso se torna possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional dão ouvidos atentos ao velhos, de forma à oportunizar o agir, pensar e perceberem-se como seres pensantes, que precisam de conhecimentos e novas experiências, bem como necessitam de atenção, afetividade e cuidado, e que têm muito a ensinar às gerações mais jovens. Ratifica essa ideia Castro (2001, p.68) quando afirma que “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma ressignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si.”

Na seção seguinte, vai-se apresentar a UMA como um espaço de intergeracionalidade em que é ofertada uma educação que oportuniza às gerações novos conhecimentos, várias aprendizagens, em que há aprendizado mútuo, possibilita a criação de vínculos, desenvolve o respeito, favorece a entajuda e o desenvolvimento pessoal, lugar que propicia a educação ao longo da vida, em que diferentes gerações juntas valorizam conhecimentos e experiências. Isso se torna possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional compreendem a universidade como espaço de fala dos velhos.

2.5 O VELHO E UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ESPAÇO DE PARTILHAR MEMÓRIAS

O envelhecimento da população é real, decorre e carece de atenção da sociedade para possibilitar ao velho um envelhecer saudável e ativo, o protagonismo enquanto vive. Faz-se, então, necessário que os velhos encontrem um espaço em que possam avivar suas memórias, partilhar saberes e fazeres aprendidos ao longo da vida. Os velhos são diferentes, revelam-se em suas heterogeneias, velhices e subjetividades, e buscam nas suas individualidades serem respeitados e desfrutarem de uma boa qualidade de vida. Assim, é importante compreender a educação como um direito do velho, como disposto no Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de 1º de outubro 2003,

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade, (BRASIL, 2003).

Assim, a educação intergeracional deve ser apreendida como construção coletiva e dissimuladora de vários saberes, assim, conforme o Estatuto do Idoso, “Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Nessa perspectiva, o Programa da Universidade da Maturidade da UFT apresenta uma proposta pedagógica de educação, conforme PPP (2018, s/p.), que respeita as diferenças e busca oportunizar aos velhos melhor qualidade de vida, por meio de informações, esclarecimentos, conhecimentos, respeitando seus saberes e oportunizando a troca de saberes, o que, conseqüentemente, pode torná-los cidadãos ativos, participativos socialmente.

Nas palavras de Osório (2013, p.2),

a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins hoje é uma inovada atitude de “ser velho”. Ela evidencia um diferente estilo de vida para as pessoas com idade a partir dos 45 anos. Apresenta uma variação nas formas de envelhecer ativamente e com cidadania no século XXI, destacando este momento histórico, onde a ousadia da tecnologia patrocina a longevidade humana.

Neste tocante, no contexto da UMA, o processo educacional é compreendido “como um lugar mediador e preventivo da velhice bem-sucedida” (BOTH, 2006, p. 1448), pois por meio das experiências e interlocução dos diversos saberes, os velhos aprendem e ensinam, na interação com o outro, no compartilhamento do saber científico e o saber informal. Nesse viés, compreendemos a educação praticada na universidade na mesma concepção de Bosi (1994, p. 32) quando afirma que “há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças”.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da UMA (2018, s/p.), a Instituição tem como missão

Política educacional de atendimento da Universidade da Maturidade propõe educação ao longo da vida para adultos e velhos. Na prática pedagógica e pesquisas ligadas ao Envelhecimento Humano,

tem por objetivo desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, cobrar políticas públicas em defesa do velho, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos estudantes, buscando uma melhoria da qualidade de vida, o resgate da cidadania e a intergeracionalidade.

Neste contexto, a UMA é um espaço de múltiplas atividades mentais, culturais e sociais, também de orientações sobre saúde. Local em que o objetivo é ensinar e aprender, oportunizar ao velho a participação ativa na sociedade, visto que se sente valorizado e tem respeitado seus saberes adquiridos nas experiências vividas ao longo da vida. Compreende-se que esse ambiente educacional apresenta como propósito conhecer o processo de envelhecimento do ser humano e gerar mudanças sociais na conquista de uma velhice ativa e digna, tomando como base o Estatuto do Idoso (OSÓRIO; SILVA NETO, 2013).

A educação proporcionada pela UMA atende ao que dispõe o Art. 3º da Política Nacional do Idoso:

o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos, além de que, a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida.

Na Universidade, a educação tem como foco inserir o velho na sociedade por meio do conhecimento relacionado ao processo de envelhecimento nos aspectos biológico, psicológico e socioculturais. Nesse toar, a UMA concebe o que dispõe o Estatuto do Idoso quando apresenta a educação como prática social que tem o propósito de considerar o homem na sua totalidade, promovendo uma formação para o idoso de caráter social, político, cultural, biológico, ético e moral. Assim, as concepções do processo educacional, no sentido de educação para velhos, no Projeto Político Pedagógico da UMA (2018), abrangem “o entendimento sobre velhice, educação, processos pedagógicos e ensino e aprendizagem. Fazem parte também a pedagogia social e os princípios que norteiam o programa da universidade da maturidade.”

Na concepção de ensino e aprendizagem da UMA, a

tarefa de ensinar requer cuidar da aprendizagem do acadêmico, para que ele possa manejar, “por a mão” nas informações e construir seu conhecimento e sua autonomia. Portanto, ensinar adultos e velhos é exercer uma influência libertadora, promovendo a aprendizagem por meio de uma ação educadora emancipatória que libere as pessoas de atitudes e antigas suposições que limitam o seu potencial e que permitam a criação de possibilidades positivas para o crescimento pessoal e social (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UMA, 2018).

Nesse Contexto, entende-se que a educação ofertada pela UMA possibilita a transformação e inclusão social, maior autonomia, superação de preconceitos e, conseqüentemente, oportuniza melhor qualidade de vida para essa população, bem como tira-os do isolamento social. Assim, faz-se capaz de gerenciar a própria vida nas situações e relações do dia a dia, atendendo, assim, o que dispõe Estatuto do idoso, Art. 10 que assegura “à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.”

Compreende-se que, na proposta pedagógica da UMA, a metodologia de ensino busca valorizar os saberes dos velhos, suas histórias e experiências de vidas, narradas e partilhadas nas trocas intergeracionais,

na qualidade de um conjunto de saberes e fazeres socioculturais. Nesse cenário, o velho tem a sensação de pertencimento, de inclusão no contexto social e acadêmico, o que faz com que participe, busque informações, queira aprender e exerça a sua cidadania.

Segundo Ramos (2003), a existência de relações sociais favorece melhores condições de saúde e o velho que não se relaciona socialmente sofre, geralmente, danos em sua capacidade cognitiva que pode ocorrer devido à depressão. Para Dressler; Balieiro e Santos (1997), o velho que mantém um grupo maior de relações sociais vive com mais saúde e qualidade de vida dos que têm menos contato social.

Assim, faz-se importante que o velho participe mais de grupos, como nas Universidades, participe da família, tenha amigos, participe na igreja, clubes sociais, aumentando sua participação social, demonstrando e sentindo maior controle sobre a própria vida, tornando-se protagonista da sua história, capaz de participar, intervir, influenciar, transformar o meio ao seu redor.

Compreende-se que a educação para os velhos deve se fundamentar na necessidade social do respeito às diversidades, deve corroborar com a concepção de Delors (2002) de “aprender a ser” para “aprender a conviver”, em que a construção da inclusão social ocorre de forma coletiva no continuum sócio-histórico apoiado não somente em textos teóricos e legais, mas também em espaços formais e informais.

Nessa perspectiva, aos velhos é dada voz, são respeitados e valorizados os saberes construídos nas suas experiências de vida, estimulando-os, pois entendem que os saberes que trazem, mesmo que informal, são importantes para serem socializados e relacionados a outros saberes, e que podem produzir novos conhecimentos. Nesse processo, o velho é tido como um ser de saberes, opiniões e questionamentos, há uma troca mútua em que se aborda conhecimentos teóricos e os velhos expõem seus conhecimentos práticos, o que converte o processo em processo de ensino e aprendizagem, em que professores aprendem e alunos também. O que revela ser verdadeira a concepção de que não há saber absoluto, que os diversos saberes devem dialogar para enriquecer e produzir conhecimentos, o que corrobora com Santos (2006) quando afirma que

a ecologia dos saberes visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Consiste em conceder ‘igualdade’ de oportunidades às diferentes formas de saber (...) visando a maximização dos seus respectivos contributos para a construção de ‘outro mundo possível’, isto é, de uma sociedade mais justa e democrática(...)

Nessa concepção, depreende-se que a educação da UMA pode possibilitar ao velho o protagonismo social, gerando novas perspectivas para sua vida, ao disponibilizar um lugar de relações sociais, de troca de experiências, novos saberes.

Apreende-se que os conhecimentos advindos de experiências no mundo precisam ser valorizados e demandados com os conhecimentos científicos, pois entende-se que o saber e o conhecimento progridem na relação do indivíduo e sua realidade, daí perceber a validade do conhecimento dentro de um determinado contexto. Então, o conhecimento, de acordo Teixeira (2000, p.60),

caminha muito além da nossa visão pequena de mundo, visão esta que está contida nos livros e cadernos, Aprender não significa somente fixar na memória, nem dar expressão verbal e própria ao que se fixou na memória. Desde que a escola e a vida não mais se distinguem, aprender importará sempre em uma modificação da conduta humana, na aquisição de alguma coisa que reaja sobre a vida e, de algum modo, lhe enriqueça e aperfeiçoe o sentido.

Salienta-se que a proposta pedagógica da UMA corrobora com a concepção da Ecologia de Saberes de Santos (2006) quando aborda, no processo ensino e aprendizagem, o conhecimento como em construção por meio da conexão dos vários saberes, unindo, no processo ensino e aprendizagem, o senso comum e o conhecimento científico, desvelando a importância do conhecimento não-formal adquirido por meio das experiências e vivência dos velhos.

Como na concepção de Souza Santos (2006), da ecologia dos saberes, a UMA vem com uma proposta diferenciada sobre o velho e, aí, a educação vem para oportunizar a ação, tanto para a sociedade respeitar os saberes do idoso quanto aprender com ele, como para oportunizar ao idoso vivenciar novas experiências, conhecer seus direitos e construir novos conhecimentos. Essa Universidade que valoriza os diversos saberes e os sujeitos envolvidos, conseqüentemente, oportuniza o desenvolvimento de novos saberes, o que desvela ter um pensamento crítico pós-abissal.

Observa-se que nesse ambiente, ressalta-se o saber da experiência e a relação entre o saber e o conhecimento, de acordo Bondía (2002), é um espaço de expressar o que os velhos pensam, sentem e sabem para que, por meio da reflexão, possam construir e reconstruir os conhecimentos. Nesse contexto, os acadêmicos da UMA

estão prontos para se sustentarem no conhecimento adquirido, e para uma inserção participativa na sociedade. Saem com uma autoconfiança incrível, um senso crítico que os destacam e os colocam em igualdade na competitividade dos dias atuais. Estão preparados para discussões sobre todo tipo de assunto, onde quer que estejam (OSÓRIO; SILVA NETO (2013, p.21).

Assim, segundo Freire (1967, p.10), “o homem concebe o mundo como uma realidade objetiva independente dele, possível de ser reconhecida.” No entanto, é importante, partir do pressuposto de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo.

No contato com o mundo, no contar histórias, as narrativas intergeracionais promovem uma percepção positiva da velhice. É uma ponte entre os velhos e os netos e, nessas relações, sentimentos são revelados: tristeza, alegria, pavor, medo, raiva, insegurança, segurança, tranquilidade, confiança, solidariedade, afetividade, tanto para os que cotam quanto para os que ouvem. Os netos cedem aos avós entusiasmo, afeto e alegria, já os velhos, narrando suas histórias, fornecem confiança e orientação. Ainda, conjectura-se que essas atividades interferem positivamente no estado afetivo dos velhos, pois as trocas entre avós e netos desenvolvem um clima de intimidade, o que possibilita ao velho maior orgulho pessoal e mais contatos sociais. Para as crianças, os netos, mais conhecimento, mais capacidade de escuta e compreensão e respeito às gerações mais antigas.

Os netos e avós reiteram laços afetivos nos momentos de contação de histórias, no entanto,

[...] no enlace família e escola, muitas vezes esquecemos que os avós podem estar tão ou mais presentes na vida da criança [...]. “Os avós não são apenas representantes das famílias das crianças; eles são figuras importantes, que cuidam delas e contribuem para o crescimento e desenvolvimento” (RAMOS, 2011, p.19).

Nesse viés a universidade pode ser o espaço de narrativas orais, contação de histórias ricas em significados, em que é possível o desenvolvimento de laços de amizade entre velhos e crianças por meio da troca de conhecimentos, gentileza e afetividade. Assim, ações educacionais que possibilitam

a relação entre avós e netos enquanto algo que ultrapassa os limites biológicos, com a transmissão simbólica e o estabelecimento na contemporaneidade do exercício de novas funções, os avós nos permitem refletir e questionar sobre a concepção de envelhecimento e memória familiar (SILVA; CORRÊA, 2014, p.3).

A relação que os avós constituem com seus netos é diversa e intensa, é de amizade, parceria e cumplicidade. Nesse contexto, no contar histórias, os saberes do passado são rememorados com a coparticipação do interlocutor, o neto, que hora outra pode ser o contador, tendo o avó como interlocutor, o que colabora para reforçar laços, sentimentos afetivos que envolvem cuidado, atenção e amor.

3 MEMÓRIAS DOS VELHOS: UM MUNDO A REVELAR

Os indivíduos, ao contar suas histórias, relatam a própria vida e convertem-nas em experiências para os que escutam (BOSI, 2010). E o cerne das histórias é a memória, esse banco de dados tão importante para o velho, ou melhor para qualquer ser humano. Ao narrar sua própria história, o homem ressignifica sua existência, bem como a daqueles que o escutam.

A memória, na concepção de Bergson (2006), forma-se das concepções que temos do presente e das imagens do passado, assim cada experiência adquirida enriquece a memória. No mesmo toar, Pollak (1992, p.204) afirma que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.”

O passado é o conteúdo das lembranças, portanto a matéria-prima da memória é grande e a exposição dessas narrativas pode ser significativa para o narrador que se sente valorizado. Nesse viés, a lembrança é acionada quando provocada e, conforme Bosi (2012, p.39),

a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito.

O autor ainda relata sobre a lembrança “esta nos traz à tona momentos únicos, singulares, não repetidos, irreversíveis, da vida. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada” (p.39), por isso provocam emoções e significados distintos de uma mesma situação aos espectadores, dado que são subjetivas e, assim, são diversas maneiras de perceber experiências, sentimentos, vivências.

Pode-se inferir que na memória, o improvisado e o cotidiano real do contador da história realizam em informações do comportamento social, do local, de uma outra época. Dado que as experiências individuais reveladas nunca são solitárias, entrelaçam-se em uma teia de relações individuais e coletivas sempre interligadas com experiências de outros.

A memória retoma o passado, conjectura-se que, seletivamente, para buscar, recordar eventos de um indivíduo pertencente a um contexto social e cultural. Compreende-se, ainda, a memória como forma de proteger do esquecimento do que se fez e o passado, portanto é o registro da identidade dos indivíduos, segundo Agostinho (2004, p.268), “é grande esta força da memória, imensamente grande ó meu Deus. É um santuário infinito e amplo.”

Chauí (2005, p.142) discorre que

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas mais fundamentais de nossa existência que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente, distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

No contexto da memória, os velhos têm muito para contar, são agentes privilegiados, pois revivem as vivências passadas e transmitem, no presente, com a experiência e a sabedoria de quem muito viveu. Então, os velhos podem transmitir a memória com empenho, dão vida aos fatos com cuidados extremos daqueles que são possuidores de lembranças que pode ser transmitida por eles com esmero, afinal são detentores de lembranças de muitos fatos que aludem às histórias passadas fundamentais para presente (CHAUI, 2001).

3.1 MEMÓRIAS DOS VELHOS

A memória é, segundo Bosi (2015, p.53), a “conservação do passado [...] quer chamado pelo presente, sob as formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente.” Ainda, para Fernandes; Loureiro (2009, p.56), “memória é a capacidade de a mente humana fixar, reter, evocar e reconhecer impressões ou fatos passados”. A memória é compreendida como a capacidade humana encarregada pela conservação do passado, das experiências vividas, então, é um conjunto de funções psíquicas que possibilita ao homem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele vê como passadas (LE GOFF, 2013).

Porque “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2012, p. 55). Dado que a lembrança é uma representação criada pelas referências disponíveis em um agrupamento de imagens que ocupam a consciência, ela não está ilhada, fechada no indivíduo, por isso busca em aspectos externos, na lembrança dos outros, referências. Corrobora Halbwachs (2006, p.58) quando afirma que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio”.

A memória do sujeito é formada no grupo e, por vezes, rememorada em grupo, mesmo que quem lembre seja o sujeito, segundo Halbwachs (2006), é na memória coletiva que as tradições dos grupos buscam sua força. Assim, nos momentos de lembranças, as imagens, lendas e as crenças tornam-se mais atuais e a elas são atribuídos novos significados. Portanto, entende-se que a memória é tecida por fios sociais e individuais

Segundo Bobbio (1997, p. 53),

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção. (...) Esse imenso tesouro submerso jaz à espera de ser trazido à superfície durante uma conversa ou uma leitura; ou quando nós mesmos vamos à sua procura nas horas de insônia; outras vezes surge de repente por uma associação involuntária, por um movimento secreto da mente. Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade; (...) Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que aprecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.

O velho ao recordar suas vivências estabelece entre as gerações o sentido de continuidade cultural, por meio dessas recordações podem ser observadas e compreendidas as transformações ocorridas no

espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social (BOSI, 2012). Entende-se, então, que o velho é parte fundamental na dessiminação dos valores e crenças de uma geração. Bobbio (1997) corrobora quando afirma que o grande patrimônio da pessoa idosa está no mundo maravilhoso da memória social, fonte de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que se vive, sobre as pessoas e acontecimentos. No entanto, é importante observar que sociedade atual deixa o velho à margem da sociedade.

Neste tocante, robora-se com Bosi (2012) quando afirma que o velho busca a sua felicidade nas lembranças porque a sociedade esvaziou o tempo do velho de experiências significativas, e o que resta é buscar nas memórias, o tempo passado para tornar o presente significativo, pois “a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (Bosi, 2012, p. 82).

Quando se dá voz ao velho, deixando-o narrar suas histórias, é possível conhecer as transformações vivenciadas com o envelhecer, as suas expectativas, medos, alegrias, dilemas, “o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e de grupo”, como descreve Pollak (1989, p. 9). Nesse viés, narrar fatos, contar histórias e conversar são caminhos para exteriorizar, revelar as memórias e, assim, para o velho, relacionar e posicionar-se no espaço social.

Ainda, merece destaque o fato de que o narrador é que faz o elo entre fatos do passado com os do presente e do futuro, ou seja, nessas contações e conversas que transmite às outras gerações as tradições, os costumes, os arranjos sociais, o que possibilita aos mais novos uma melhor compreensão do mundo. Dado que, conforme Halbwachs (2006), até as memórias mais íntimas e pessoais estão ancoradas nas relações e interações que se desenvolvem com os outros na sociedade.

Então, as narrativas orais não são construções particulares, pois, apesar de se constituírem como histórias pessoais, são influenciadas pelo meio, pelas pessoas com quem interagem na comunidade, logo carregam valores morais, sociais e outros. O que, na concepção de Benjamin (1980), torna a narrativa uma transmissão de experiências entre gerações, conseqüentemente, o narrador, mesmo narrando as histórias com concepções próprias, vai além da memória individual, relata a memória social, pois “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

O velho, para Bosi (1998), deve desempenhar o papel social de rememorar, pois, com maturidade, por meio da sua imaginação, volta ao passado para trazer aspectos importantes no presente. Assim, o recordar do velho une o começo e o fim, fortalece o senso de identidade e a autoestima, ainda, pode possibilitar as pessoas velhas manterem integridade psicológica. Como afirma Bobbio (1997, p.55), “concentremo-nos. [...] as recordações não aflorarão se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória [...]. Na rememoração encontramos a nós mesmos e a nossa identidade.”

Ainda, com a concepção da importância das memórias dos velhos, Souza (1999) relata que os idosos, pela capacidade de armazenar lembranças e relembrar eventos do passado, podem contribuir muito

com a sociedade, dado que por meio de suas histórias de vida é possível construir a nossa cultura, e isso é possível por meio do processo de socialização dos mais velhos para os mais jovens.

A memória valoriza o velho como possuidor de experiência e conhecimento e, ainda, pode fomentar à percepção de si e da própria história não como uma história que termina agora, mas, sim, que continua no futuro (SANCHES-JUSTO; VASCONCELOS, 2010).

Nas narrativas orais, os velhos da UMA revelaram as verdades e histórias que se misturam contadas, por meio das narrativas orais, em que mitos, lendas, super-heróis são revelados junto às paixões humanas, junto ao fantástico, ao maravilhoso da vida de cada um.

3.1.1 Mitos

“O mito em sua definição primeira vem do grego *mythos*, fábula, lenda, narrativa, ação [...] (MOISÉS, 2013, p. 308). E, segundo Eliade (2013, p.123), é através da experiência do sagrado, do encontro com a realidade transumana, que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.

Mito, conforme Eliade (1989, p.12), é uma realidade complexa, dado que é um relato de como algo começou a existir. Entende-se essa existência como algo relacionado a seres sobrenaturais e suas ações nos tempos primórdios, feitos sagrados que atingiram, de alguma forma, o mundo. Assim, no contexto sagrado e sobrenatural, o mito é uma verdade para os que nele creem. O autor afirma que, na sociedade arcaica, as pessoas necessitavam conhecer os mitos por lhes

fornecerem uma explicação do mundo, mas, sobretudo, porque ao recordar, ao reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os deuses, os heróis os antepassados fizeram ab origine. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas (ELIADE, 1989, p.19)

Então, o mito surge como explicação ou interpretação do real e dos acontecimentos, simbolizam gestos, ações e significados que vivem com base na realidade constituída. De acordo Malinowski (1988), o mito é importante porque expressa crenças, conserva preceitos morais, disseminando regras usadas pelo homem no dia a dia.

O homem para dar sentido ao mundo exercita a imaginação, cria

o mito (que) conta uma história sagrada, ele retrata um acontecimento ocorrido do tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. [...] o mito narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre portanto, a narrativa de uma criação: ele retrata de que modo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente (ELIADE, 2013, p.11).

Entende-se que o mito vem historiar o pensamento e ações das sociedades passadas e presentes. Assim surge para “revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas

(ELIADE, 2013, p.13). Então, são narrativas que desvelam a cultura dos povos por meio de exemplos de seres humanos portadores de valores fundamentais para a sociedade.

No mesmo toar, os mitos, para Silva (1995, p.5),

falam sobre a vida e o modo como ela está organizada e concebida em uma determinada sociedade. Não a espelham simplesmente: problematizam-na, tornando-a objeto de questionamento e incitam reflexão sobre as razões de ordem social.

Compreende-se, à vista disso, que os mitos estão ligados aos costumes, às crenças, enfim, a vida social, ou seja, representam as experiências das pessoas. Assim, influenciam as pessoas por trazerem sensações como: autoconfiança, certezas, verdades, possibilidade de dirimir dúvidas.

Para Cassirer (1977, p.63-64), “mito é a experiência do homem, com ele o homem aprende a arte de exprimir, organizar os instintos mais enraizados, as suas esperanças e temores.” Desse modo, as sociedades criam seus mitos na ânsia de explicar suas contradições, inquietações, suas emoções: alegria, angústias, euforia, dor, fúria etc.

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais (ROCHA, 1991, p. 3).

O mito é um relato fantástico de tradição oral, existente na imaginação e na fantasia dos seres humanos. Sua função essencial é representar, por meio de simbologias, acontecimentos de uma cultura, povo ou um indivíduo em especial. Por meio dos mitos, o homem é capaz de representar conceitos para a vida, tornando-os pensamentos coletivos que traduzem sentimentos transcendentais, indo além dos limites normais.

3.1.2 Lendas

As lendas são narrativas transmitidas oralmente que revelam os sentidos que uma cultura constrói para a referida comunidade, está sempre relacionada à diversidade da condição humana, busca explicar acontecimentos misteriosos e sobrenaturais, é fruto da imaginação humana, resultado da junção de fatos reais com imaginários, refletem os anseios do grupo e vão se transformando por meio do imaginário popular. Nessas construções, o homem dá vida a seres extraordinários que dão respostas para todas as situações, até para as inexplicáveis cientificamente.

Lenda é, segundo Georges (1971 apud BRUNVAND, 2002, p.112)

[...] uma história ou narrativa que pode nem mesmo ser uma história ou narrativa; ela se dá em um passado histórico recente que pode ser concebido como remoto ou anti-histórico, ou nem mesmo em um passado; ela é tida como verdadeira por alguns, falsa por outros, e ambos ou nenhum dos dois pela maioria.

Corroborar com essa concepção Gerndt (1991 apud DÉGH, 2001, p.38) quando afirma que “Uma história se torna uma lenda somente se for apresentada na zona intersticial entre a crença e a dúvida.”

“A lenda é mais verdadeira do que a história” (BAYARDE, 1957, p.9), dado que essas narrativas são constituídas de sentimentos, emoções e da concepção do povo. Elas trazem ensinamentos humanos valiosos que se fundamentam em fatos históricos e apresentam personagens definidos. Elas são episódios heroicos ou sentimentais com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitidos ou conservados na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo.

Nesse contexto, as sociedades contemporâneas criam a partir dos mitos do passado, novos personagens, os super-heróis.

3.1.3 Super-heróis

Super-heróis nascem dos mitos, dos heróis gregos, romanos e de outras culturas, os poderes sobre-humanos do Super-homem, Homem-Aranha, são inspirados no herói Hércules que tinha força sobre-humana, porque era filho Alcmena com Zeus, deus do céu, do raio, do trovão, da lei, da ordem e da justiça.

A Mulher-Maravilha tem sua origem nas Amazonas, da mitologia grega, que eram mulheres guerreiras fortes, habilidosas e corajosas – que lutavam de igual para igual com guerreiros homens.

Thor, o dono do martelo mágico que o faz voar e controlar o tempo, foi inspirado, no Deus do trovão, também chamado Thor.

O homem mitificava e continua a mitificar o mundo a sua volta, tentando justificar o que não está em seu entendimento, com isso cria heróis, super-heróis, que retratam cada época, com curiosa capacidade de crítica cultural e política que os colocou, desde muito cedo, como testemunhas privilegiadas da história de seu tempo. Eles se apresentam como seres humanos comuns, porém com superpoderes, que podem ser próprios, como os do Super-homem e adquiridos, como por exemplo, a superforça do Capitão América.

Esses super-heróis apresentam-se como pessoas comuns, com sentimentos de alegria, tristeza, angústia, namoram, trabalham, transitam socialmente com uma identidade secreta, transformam-se quando fazem uso da roupa e símbolos para proteger os cidadãos. Essas características que levam as pessoas a se identificarem com esses seres, considerados normais, mas com superpoderes.

A justiça é peculiar aos super-heróis. Estão sempre na luta contra o mal, contra os vilões que atacam a sociedade e que a polícia comum não consegue deter. Nesse cenário, entram com seus superpoderes. Assim, avesso às injustiças sociais no período da grande depressão ou grande crise de 1929, que durou mais de dez anos e foi considerada a pior e mais grave crise econômica da história econômica do século 20, surgiram os super-heróis que viveram a grande era do ouro dos quadrinhos entre o final da década de 1930 e anos de 1950.

Nas décadas de 20, 30 e 40 do século passado, os quadrinhos viraram febre nos EUA e no mundo com a criação de suplementos infantis dos jornais e revistas. Centenas de novos heróis e personagens de humor surgiram. Já havia uma produção de desenhos animados, para onde alguns desses heróis migraram, demonstrando que vieram para ficar (LOVETRO, 1993, p. 13).

Desde então, esses super-heróis estão presentes nas narrativas humanas, estão no imaginário popular e fazem parte do cotidiano. Os heróis nas histórias em quadrinhos funcionam como um modelo mítico, são matéria-prima dos mitos e a sua função é mostrar caminhos para que a sociedade avance, fazendo com que os leitores expliquem o mundo por meio de suas histórias e experimentem sentidos colocando a mente em contato com as experiências vividas, levando o leitor a quase uma catarse vivendo seus medos e desejos, projetando-se no personagem da história. É, do ser humano, quando criança, pensar que os super-heróis nunca vão morrer e sempre vencerão a batalha enfrentada.

Os super-heróis exercem um certo fascínio em muitas pessoas, talvez porque buscam acreditar que lutam pelo próximo, mesmo possuindo defeitos e qualidades e desprovidos de superpoderes, são super-heróis e, observando bem, no dia a dia, encontram-se esses heróis cotidianos. Ainda, que o tempo passe, mudem costumes e culturas, os super-heróis estão lá, com protótipos diferentes, mas capazes de realizar atos acima da capacidade humana, por isso o encantamento por essas figuras continua, sendo criança, jovem, adulto ou velho, todos precisam ou se identificam com um super-herói.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresenta-se os Procedimentos Metodológicos utilizados na pesquisa para atingir objetivo principal de compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos. O método de pesquisa é Estudo de Caso, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa.

Apresenta-se, também, o local, os participantes e as etapas da pesquisa, que tem abordagem qualitativa, e foi planejada e iniciada, no primeiro momento, em quatro etapas: primeira, a revisão da literatura sobre a temática do estudo e seus principais conceitos; segunda, a realização das entrevistas semiestruturadas no ambiente da UMA; a terceira, transcrição das entrevistas e organização dos resultados, por último, a análise dos dados coletados. No entanto, devido ao momento atual de pandemia, causado pelo COVID-19, desde o começo de 2020, o isolamento social foi uma das estratégias propostas pela Organização Mundial da Saúde (2020) como tentativa de contenção de disseminação da doença. Ainda, sendo os velhos considerados população de risco, motivou que as atividades de coleta de dados fossem realizadas de duas formas, inicialmente (antes de março 2020) de forma presencial e, posteriormente, em ambiente virtual pelo aplicativo Google-meet. Assim, ao final, os dados foram coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, presenciais, no espaço da UMA; rodas de conversas no ambiente virtual google-meet.

4.1 METODOLOGIA

O método de pesquisa escolhido foi o estudo de caso, pois, segundo Yin (2005) pode-se aprofundar e compreender de forma intensiva em um contexto específico e

em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2005, p. 19).

Ainda, o estudo de caso possibilita pesquisar as características de aspectos que constituem uma unidade social: um indivíduo; um núcleo familiar; um grupo social [...] e propicia a organização dos dados de caráter social do objeto para se preservar, de forma íntegra, sua natureza e seu caráter(Goode ; Hatt, 1975). Na mesma direção, Gil 2007, p.58) conceitua estudo de Caso “como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicando nas mais diversas áreas do 12 conhecimento.”

As vantagens do estudo de caso, segundo Gil (2007, p. 59) são: “a) sua capacidade de estimular novas descobertas, em virtude da flexibilidade do planejamento e da própria técnica; b) a possibilidade de visualização do todo, de suas múltiplas facetas; e c) a simplicidade de aplicação dos procedimentos, desde a coleta até a análise de dados

Assim, para alcançar ao objetivo de compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis, utilizou-se de entrevista semiestruturada abordando o tema mitos, lendas e super-heróis que permearam a vida dos velhos participantes da pesquisa.

As entrevistas, com autorização dos acadêmicos, foram realizadas presenciais e a distância, via Google meet, gravadas e depois transcritas. Ressalta-se que se vê a história contada por meio da multiplicidade de diálogos, vivências e experiências. “Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (THOMPSON, 1998, p. 44-45).

Ainda, utilizou-se como instrumento de coleta de dados as rodas de conversas, em que o pesquisador se torna integrante da discussão e, por meio da observação, da interação, dos diálogos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa é possível a coleta. Segundo Moura; Lima (2014), entre suas vantagens está a possibilidade de utilizar a escuta e a fala e sua compreensão do que é compartilhado.

Como procedimento metodológico tomou-se a abordagem qualitativa, devido ao processo compatibilizar, com o que diz Ludcke; André (1986, p. 11) quando afirmam que

são características da pesquisa qualitativa: 1. Tem ambiente natural como fonte de coleta de dados; 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos; 3. A preocupação com o processo mais do que com o produto; 4. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Ainda, é qualitativa porque estudou-se o fenômeno no ambiente natural e utilizando depoimentos dos atores envolvidos, e os significados atribuídos por eles. Esse tipo de pesquisa valoriza a descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem (Vieira; Zouain, 2005).

É Descritiva porque objetivou-se observar, registrar e analisar os fatores relacionados ao fenômeno, ou seja, os mitos, as lendas e os super-heróis que fizeram para da vida dos velhos da UMA. Segundo Silva; Menezes (2000, p.21),

a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento

“A pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza (VERGARA, 2000, p.47).

A análise, o registro e a interpretação das entrevistas ocorreu sem a interferência do pesquisador. Utilizou-se como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada e a roda de conversa para obtenção de dados dos participantes.

4.2 LOCAL DA PESQUISA E OS PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi realizada na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins localizada à Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte | 77001-090 | Palmas/TO.

No caso concreto, a pesquisa ocorreu depois de autorizada pela coordenadora da UMA, e da aprovação do comitê de Ética (CEP).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFT constituiu-se por um grupo de pessoas que trabalham em prol da garantia dos direitos dos participantes da pesquisa e para garantir que a pesquisa seja desenvolvida dentro de padrões éticos.

A escolha de realizar a pesquisa com os acadêmicos da UMA deu-se devido à proximidade com esses velhos, durante realização de vários eventos, e de aulas ministradas para a turma, assim, nesses momentos de interação, vínculos de confiança foram estabelecidos, bem como sentimentos de empatia e afetividade.

Primeiramente, apresentou-se aos velhos a pesquisa e como seria desenvolvida. Fez-se o convite aos acadêmicos da UMA para participarem. Apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizou-se a leitura do TCLE, neste momento, 60 velhos se prontificaram a participar da pesquisa, o documento foi entregue para que assinassem.

Também foi explicado que a qualquer momento da pesquisa, o acadêmico poderia desistir de participar, mesmo que tivesse assinado o TCLE.

Explicou-se aos 60 acadêmicos que seria realizada uma entrevista em horário conforme a disponibilidade de cada um, que a entrevista seria gravada e as falas seriam transcritas, ainda que seria realizada uma roda de conversa sobre o tema.

No entanto, dos 60 (sessenta) alunos convidados para participar da pesquisa, 26 (vinte e seis) não entregaram o TCLE assinado. Portanto, ao final, temos como sujeitos da pesquisa 34 (trinta e quatro) acadêmicos da UMA, desses 6 (seis) são homens e 28 (vinte e oito) mulheres. Como trabalhou-se com mitos, lendas e super-heróis, o fantasioso, escolheu-se nominar os acadêmicos com nomes de deuses e deusas, figuras mitológicas, e dessa forma preservar o anonimato e evitar qualquer tipo de constrangimento.

O corpus da pesquisa são acadêmicos com faixa etária entre 60 a 80 anos de idade, a quem é dada voz, são respeitados e valorizados os saberes construídos nas suas experiências de vida, estimulando-os a falar, contar suas histórias, pois entende-se que é preciso compreenderem que os saberes que trazem, mesmo que informal, são importantes para serem socializados e relacionados a outros saberes, e que podem produzir novos conhecimentos.

O quadro abaixo traz a descrição dos participantes.

Quadro 01 – Participantes da Pesquisa

	Acadêmico(a)	Sexo	Poder
1	Afrodite	Fem.	Deusa do amor, da beleza e do sexo
2	Anteia	Fem	Deusa das flores
3	Apolo	Masc.	Deus da música, do sol, da poesia, da
	Acadêmico(a)	Sexo	Poder
			beleza, das pragas, das doenças e da cura
4	Ares	Masc.	Deus da guerra

5	Ártemis	Fem.	Deusa da caça, da fertilidade animal, da lua, animais selvagens, região selvagem, parto e protetora das donzelas
6	Astreia	Fem.	Deusa da justiça
7	Até	Fem.	Deusa da fatalidade
8	Atena	Fem.	Deusa da sabedoria, das guerras justas, da estratégia em batalha, da civilização, da habilidade, da justiça e dos votos finais
9	Bia	Fem.	Deusa da força física e violência
10	Cronos	Fem.	Deus do tempo, da agricultura e das estações
11	Deméter	Fem.	Deusa da agricultura, da vegetação e das estações do ano
12	Dionísio	Masc.	Deus da vida, do teatro, do vinho, festas, prazer
13	Dolatóia	Fem.	Deusa da crueldade
14	Dóris	Fem.	Deusa da generosidade do mar
15	Élpi	Fem.	Deusa da esperança
16	Éris	Fem.	Deusa da Discórdia
17	Gaia	Fem.	A terra, a mãe-terra, como berço gerador de toda a natureza e de seus elementos
18	Hebe	Fem.	Deusa da juventude
19	Hefesto	Masc.	Deus das forças, do fogo e da metalurgia
20	Hemera	Fem.	Deusa do sol, a primeira divindade do sol e da luz
21	Hera	Fem.	Deusa da família, da mulher e do casamento
22	Héstia	Fem.	Deusa do lar, lareira, arquitetura, vida doméstica
23	Iriana	Fem.	Deusa da paz, da obediência, da construção e da destruição
24	Íris	Fem.	Deusa do arco-íris e mensageira menor
25	Nix	Fem.	Deusa da noite, o véu da escuridão que cobre a terra
26	Perséfone	Fem.	Deusa da primavera
27	Réia	Fem.	Titânide da maternidade e da fertilidade
28	Tétis	Fem.	Titânide da fecundidade das águas. Consorte de Oceano
29	Tálassa	Fem.	Deusa do mar calmo e dócil
30	Téia	Fem.	Titânide da visão e da profecia
31	Têmis	Fem.	Titânide da justiça, das leis, da ética e do governo
32	Thisi	Fem.	Deusa do impulso e da coragem.
33	Urano	Masc.	Deus que personifica o céu, marido de Gaia
35	Zeus	Masc.	Deus do céu, relâmpago, trovão, lei, ordem, justiça e Rei dos Deuses

Fonte: Autora

4.3 ENTREVISTAS

As entrevistas, roteiro em anexo, ocorreram em um encontro individual presencial quando foram colocadas questões que versavam sobre mitos e super-heróis, temática do estudo.

Depois foi realizado um encontro em grupo, presencial, dois grupos com nove acadêmicos e dois com oito, quando conversavam entre si e com a pesquisadora sobre o tema da pesquisa, ou seja, os mitos e

os super-heróis que fizeram parte da vida de cada um. Nas roda de conversa, a pesquisadora iniciava perguntado sobre sobre alguns mito ou e lenda, como quem aqui já ouviu falar do mito de Narciso? Daí começa a discussão. Uns respondiam que não, outros que já ouviram falar, mas não sabiam bem o que era. A pesquisadora, então, explicava o mito de Narciso que era um jovem tão belo que ao ver sua imagem refletida na água apaixonou-se por si mesmo, e por muita vaidade acabou morrendo, transformou-se em flor. Nesse momento começa a discussão. “Ah!!! Ele era igual essas mulheres que andam olhando para elas mesmas.” “Hum! Aqueles que se acham.” São aquelas mulheres que se acham as mais bonitonas, e que todo mundo está olhando pra ela.” “Gente metida.” “Eu hem! como gostar dele mesmo?”. “Isso é, é coisa de doido.” E a conversa vai rendendo, e os possíveis mitos surgem, como o Don Juan.

Ainda, foram realizados dois encontros online, devido ao período de pandemia, com os mesmos quatro grupos, dois de oito e dois de nove acadêmicos, os mesmos que participaram dos encontros presenciais, por meio do google-meet, em que a entrevista versou sobre as lendas que fizeram parte de suas infâncias.

Os entrevistados foram estimulados a responderem às perguntas e participarem das conversas em grupo, foram instigados a conversarem sobre o tema, buscarem na memória lembranças boas e ruins da infância.

A primeira etapa ocorreu de forma individual em que os participantes iam respondendo as perguntas que foram feitas pelo pesquisador, as perguntas ocorriam mais em tom de conversa para que os entrevistados pudessem se sentir à vontade, alguns falam muito, outros respondiam de forma breve, mas era possível observar que voltavam ao passado, ao banquinho na porta, sentados à mesa, ou até à beira da cama, bem como o brilho nos olhos de felicidade e, às vezes, tristeza, mas nesse momento as palavras traziam memórias.

Na segunda etapa, em grupos, as perguntas eram realizadas com o mesmo foco, mas de modo a possibilitar a troca de informações. Como por exemplo, quando uma acadêmica descreveu o curupira anão, com cabelo de fogo e pés ao contrário e, conforme a mãe falava, quem saísse à noite, o ser pegava. A outra, logo defendeu o ser mítico dizendo que não, o Curupira que a mãe dela falava, era, sim, muito feio, mas não pegava ninguém, era muito bonzinho, e que dava medo pela feiura, mas ele só queria defender a mata.

Na terceira etapa, a entrevista aconteceu em clima de roda de conversa, por meio do google meet, talvez pela distância, no início, o grupo ficou meio quieto, mas a pesquisadora buscou aguçar a atenção contando a história de Penélope, que não era uma deusa, mas uma ninfa, mulher de beleza singular, e considerada modelo de fidelidade, pois foi fiel ao marido Ulisses, mesmo estando ele ausente, lutando na guerra de troia, por 20 anos. E contou que ela enganava ao pai, que queria casá-la novamente, tecendo uma manta durante o dia e desmanchando à noite, assim postergou por 20 anos o casamento, nesse meio tempo Ulisses voltou. Os comentários renderam e daí pra frente se soltaram.

4.4 TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

As entrevistas foram todas transcritas, conforme proferidas pelos acadêmicos, porque as transcrições possibilitam analisar e observar de forma detalhada os conteúdos das entrevistas. Pois, segundo Halcomb; Davidson (2006, p. 38), a transcrição é a “reprodução das palavras faladas, como as que provêm de uma entrevista gravada, em texto escrito”. Corrobora Bailey (2008, p.127) quando afirma transcrever é um processo de “reduzir, interpretar e representar as conversas orais para que o texto escrito seja compreensível e tenha significado”.

Fez-se uma leitura das entrevistas transcritas, selecionando os conteúdos, a análise das narrativas aconteceu de forma qualitativa, em que se buscou compreender por meio das vivências, das experiências pessoais, da forma de colocar as palavras, ou seja, a linguagem, qual o significado atribuído aos mitos, às lendas e aos super-heróis que povoaram a infância dos velhos da UMA.

5 OS VELHOS, A MEMÓRIA, SEUS MITOS, LENDAS E SUPER-HERÓIS

Esta seção está carregada de representatividade, significados da vida dos velhos da infância à velhice, pois apresenta e discute-se os dados coletados nas entrevistas e nas rodas de conversas em grupo.

A vida é uma história, cada ano, situações, cada pessoa que atravessa o caminho vai compondo o mosaico da vida, mosaico único, sem igual, assim há muito para contar. História escrita em várias cores, nem todas são vibrantes, algumas são quentes, outras são frias, e outras são neutras que estão presentes nos momentos de calmaria.

No palco da vida, o dramaturgo e poeta espanhol, Calderón de la Barca, a define assim:

“O que é a vida um frenesi?

O que é a vida uma ilusão? Uma sombra, uma ficção? E o maior bem, é pequeno:
Que toda vida seja sonho, E os sonhos, sonhos são.”

E nesse ir e vir de emoções, sensações e sentimentos, o presente é temporário, o passado, as lembranças, e o futuro, ah...são sonhos!

As lembranças são memórias do cotidiano, das histórias vividas que estão guardadas de forma particular que, muitas vezes, quando narradas misturam sentimentos que entrelaçam realidade e ficção. São histórias de um ser particular que, na caixinha, lá no fundo da memória, guardou tudo que vem de suas experiências, de momentos difíceis, momentos bons, enfim, da própria vida.

As narrativas orais são histórias que aconteceram com o próprio contador, por isso, muitas vezes, vai-se escutar “aconteceu comigo”, “eu vi”, elas são ricas em informações, vão além das palavras, desvelam histórias entrelaçadas no tempo, ensinam sobre a vida, sobre experiências vividas. A narrativa deve ser compreendida de forma ampla, segundo Barthes (2008, p.19), “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm narrativas...”

Nesse toar, toda experiência humana pode ser externada, revelada, não existe uma única forma de narrativa, para Barthes (1994, p. 251-252),

a narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopéia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura (pensemos na Santa Úrsula de Carpaccio), vitrais de janela, cinema, histórias em quadrinhos, notícias, conversação. Além disso, sob esta quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórico, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida

Uma experiência narrada permite a ressignificação do que se viveu, dado que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1994, p.15).

Os velhos viveram experiências únicas e, mesmo que tenham vivido a sombra do senso comum, eles têm em suas memórias a sabedoria da existência. O velho, por meio da história oral, possibilita a compreensão do sujeito pela própria percepção da realidade. Nesse contexto, a memória é fundamental para revelar elementos para relacionar passado com presente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, lembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, buscou-se por meio de entrevistas e rodas de conversas as diferentes representações, percepções dos velhos, acadêmicos da UMA, sobre os mitos, as lendas e os super-heróis que permearam suas vidas desde a infância, pois entende-se que as imagens gravadas na memória estão carregadas de sentimentos desses velhos, então não são apenas histórias, mas registros sobre a vida, os costumes, a cultura, a herança, a memória.

A primeira pergunta da entrevista, foi se, na infância, pai, mãe, irmãos e tios contavam histórias fabulosas. Urano (2020) disse que não, justificou dizendo que os pais não tinham tempo, trabalhavam muito na roça, levantavam muito cedo, e mal escurecia, já estavam todos dormindo. Ainda, diz que ele também começou a trabalhar muito cedo.

Da fala de Urano (2020), pode-se inferir que não havia momentos de interação com as crianças, como acontece nos momentos de contar histórias, e que a vida ia acontecendo no mesmo ritmo, pais trabalham na roça, filhos trabalham na roça, os poucos momentos em casa, são para repor o sono. Não se percebe fato significativo que valesse apenas ser lembrado, pois Urano pouco falou. Momento algum deixou evidenciar que isso o marcou de forma negativa, para ele, era o percurso natural da vida. O que vai ao encontro da concepção de Bosi (2015) quando afirma que o indivíduo seleciona o que quer lembrar ou esquecer.

É o momento de desempenhar a alta função da memória. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quinta essência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito esperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las as imagens de agora (Bosi, 2015, p.81).

Nesse tom, o indivíduo, segundo Halbwachs (2006), quando narra suas recordações, adentra a lembrança una, a experiência solitária, da qual o narrador é a única testemunha, no entanto, ele não é só, está inserido em uma “comunidade afetiva”, que carrega o contexto das situações sociais partilhadas com outros membros do grupo, ou seja, são lembranças que envolvem nas memórias os fatos sociais, potencialmente históricos de que tenham participado (Sá, 2012).

É visível na fala de Urano que na concepção de seus pais, da sociedade da época, a criança desde muito cedo deveria ser inserida na vida adulta, deveria ser produtiva, executar as tarefas como seus pais, ou seja, seguia os mesmos caminhos dos pais, aqui no caso do acadêmico, trabalhador rural. Nesse contexto,

a família não se organizava em torno da criança, e não se percebe a concepção de infância como uma fase em que há a necessidade de afeto, orientação e educação.

Corroborando com essa concepção Dolatía (2020) quando narra a realidade de muitas crianças que moram nas fazendas, em que os pais, ainda criam como foram criados, que o respeito deve ser ensinado mantendo uma certa distância das crianças, e que na presença de adultos a criança não deve falar.

Dolatía (2020)

Não, ninguém nunca contou história. Ninguém nunca contou história, eu nunca tive amor de pai e mãe. Era só benção, bom dia, quando a gente chegava perto, eu e minha irmã, mandava sair pra lá, porque conversa era de adulto. Não tinha aquele carinho, criança tinha que ficar em outro lugar, diferente do adulto.

Já adulta que ouvi minhas primas falarem de mula-sem-cabeça e o bicho do mato, Caipora. Mas aquela coisa de pai e mãe sentar com filho, de acariciar, de olhar pra eles, aquele momento de contar histórias que os pais faz, isso nunca, meus pais nunca. Isso me marcou muito com tristeza, essa falta de carinho.

A fala de Dolatía faz com que se retorne no tempo, quando as crianças eram tratadas como se não fossem relevantes. Quando os adultos estabeleciam certa distância em relação às crianças, evitavam o apego afetivo. Infere-se que para a acadêmica a falta de interação dos pais com os filhos caracteriza falta de carinho.

Vê-se, na narrativa da acadêmica, sentimento que revela feridas que ficaram dessa sensação da falta de demonstração de afeto, não ser acolhida pelo pai, pela mãe, pois depreende-se de suas palavras que ela compreende esses momentos de contar histórias para os filhos como momentos de carinho, e essa relação distante, marcou profundamente a infância de Dolatía.

Muitos que crescem com esses sentimentos, podem não se valorizar, quando adultos, por entender que não merecem afeto. Reverbera Kuhlmann (1998) quando expõe que as experiências vividas pelas crianças nos diversos contextos históricos, geográficos e sociais são mais do que representações dos adultos.

No mesmo toar, Comenius (1997, p.45) afirma que a infância é base para o bom desenvolvimento do ser humano,

[...] assim como uma árvore frutífera pode se desenvolver por si mesma, mas ainda silvestre e dando frutos também silvestres; é preciso que, se devem dar frutos agradáveis e doces, seja plantada, regada e podada por um agricultor experiente. Do mesmo modo, o homem desenvolve-se por si próprio em sua figura humana.

Entende-se que a criança tem necessidades próprias, por isso, sendo a infância uma fase fundamental para a formação do ser humano, é preciso proporcionar interações sociais positivas à criança para desenvolver laços afetivos saudáveis, dado que a infância é a interação, a relação com o mundo, é a partir dessa interação que acontece a participação social, cultural e histórica, a apropriação de valores e comportamentos. Ratifica Sarmiento (2002, p.21), ao

afirmar que “nas interações com os adultos, mediadas por produtos culturais a ela dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas tidos como expressões da verdade.”

Artemis, também, disse que não lembrava dos pais contando histórias, mas lembrava da professora do primeiro ano contando histórias, no passado, mas significativo para ser lembrado no presente.

Artemis (2020)

Eu não lembro deles contando histórias, nem pai nem mãe. Não tinha isso lá em casa. Mas tenho lembrança do primeiro ano, da minha professora Stela contar as mais belas história, eu ficava olhando pra ela, viajava nas histórias, imaginando, eu ali naqueles lugares. Nunca esqueci, como gostava daqueles momentos, era o que eu mais gostava da escola, me marcou pra vida toda.

A narrativa de Artemis corrobora com as ideias de Bassedas; Huguet e Solé (1999, p.54) quando afirmam que “as vivências, as experiências compartilhadas, os sentimentos, as frustrações, as ilusões são tudo o que a criança apresenta” ao longo da vida. Ainda, completa a concepção de Kramer (2011, p.19) de que “é preciso ainda compreender que as relações sociais não se esgotam na mera presença física subjetiva de duas ou mais pessoas. Para ela, “é preciso o encontro delas para sua concretização.”

A narrativa de Artemis corrobora com ideia de Bosi quando afirma que quem lembra é o indivíduo, por isso o objeto de lembrança pode ser significativo para ele, mesmo que o grupo seja suporte da memória, dado que “quando o grupo é efêmero e logo se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos, as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres são sua convivência de anos a fio” (BOSI, 1994, p. 414).

Artemis ainda cita, como mito, o espelho quebrado e o sapato virado, que a tia e a mãe falava que dava má sorte “até hoje se vejo um sapato virado vou logo desvirá”. Na verdade, o que a acadêmica cita como mito é superstição, pois ocorrem em um universo das crenças populares, não são ancorados em construções simbólicas, culturais ou filosóficas para a compreensão da vida.

A grande maioria respondeu que sim, que os pais, tios, irmãos contavam histórias, e quem mais contava essas histórias, segundo o grupo, eram as mães.

Apenas Têmis e Apolo disseram ser o pai quem mais contava histórias, e não eram contos de fadas.

Têmis (2020)

Sim, Mamãe gostava de contar do voto em Cametá. Mas não lembro direito. A gente pedia para ela contar, e todo dia era a mesma história, ela não sabia outra.

Meu pai, não, era contador de histórias e minha mãe contava um pouco. Meu pai começava a contar e era como se fosse verdade, tinha o jeito. Era a forma de falar, o jeito de mexer com as mãos, a gente parecia até hipnotizado, de tanto que a história parecia viva. E tudo que ele contava era real, parecia real.

Nesse limiar, o contador de histórias torna o momento de contar único, sedutor, seja pelo olhar, sorriso, tom de voz ou gesto, encena, descreve, de modo a levar o ouvinte a viajar, vivenciar a cena que está sendo relatada, pois para Bosi (1994, p.90), “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.”

Nesse limiar, Gouvea (2009) relata que a criança tem uma produção simbólica, e é o adulto a fonte de experiência social e material de suas formas de expressão. Portanto, é por meio das interações com os adultos que a criança conhece, atribui significado, interioriza valores e normas. Faz-se importante, então, que os pais, nesses momentos de contação de histórias, possam envolver a criança na história, dar vida aos sonhos dos pequenos, despertar emoções e sensações, permitindo a ela uma viagem ao mundo da fantasia, ou seja, é viver o mundo dos personagens, chorar com eles, sorrir com eles, é conhecer outros lugares, é aprender, pois “ é através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo [...] (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

É visível no tom de voz, como esses momentos em que pais e filhos estavam juntos na fantasia, nas histórias, marcaram de forma positiva a vida desses velhos, o quanto é prazeroso relembrar, as lembranças fluem e voltam ao passado, naquele momento que ficou registrado na memória.

Apolo (2020)

Meu pai gostava à noite de botar os mais novos para dormir, contava a história do Papa-fígado, pessoas leprosas pegavam crianças, matavam e comiam o fígado cru para curar a doença. Eu ficava apavorado, corria de quem eu achava que era leproso.

Hoje eu sei que era uma forma de proteger a gente, pois na comunidade tinha lepra, e para que a gente não corresse o risco de pegar, inventou a história para a gente ficar bem longe dessas pessoas. Acho uma forma de contar como a doença era aterrorizante. Pensa como era sabido.

O forte era contar as histórias dos folhetos cordelistas. Pavão misterioso. O herói que raptou uma princesa montado num pavão.

Infere-se que antigamente lepra era uma maldição divina, e o Papa-fígado surge para mostrar a criança que deve ficar longe de quem está doente, e à noite é escura, quando tudo que é ruim pode acontecer, então é hora de ficar quietinho em casa, dormir. Como Apolo falou, a sabedoria do pai em inventar uma história para tentar resolver um problema sério, o medo que os filhos pegassem a doença incurável levou-o a fantasiar, a criar um personagem, uma explicação para a doença, que naquela época não tinha explicação, por isso tinha que encontrar uma forma de deixar as crianças bem distante das pessoas portadoras da doença, porque estaria ali o perigo.

A fala de Téia se diferenciou dos outros que responderam que essas histórias marcaram suas vidas, pois evidenciou que o mais importante do momento não era as histórias, mas a presença física da mãe.

Téia (2020)

Sim, contavam histórias, chapéuzinho vermelho, curupira, da princesa, e não importava se era bonita, feia, triste ou alegre, eu esperava ansiosa o momento, era o melhor momento do dia, porque era o melhor jeito de ficar mais tempo com a mãe, perto dela, conversando com ela, tendo ela ali pra mim.

O que se pode deduzir é que, talvez por necessidade de trabalho, a mãe de Téia não disponibilizava de muito tempo para ela e os irmãos, e a história independente de causar medo, despertar curiosidade, encantamento, era um momento afetivo, em que a mãe de Téia estava próxima, dando a ela atenção que

necessitava, isso significou, ficou marcado. O que vai ao encontro da concepção de estudiosos quando afirmam que contar histórias para os filhos auxilia a desenvolver o imaginário, a inteligência emocional e as capacidades cognitivas. E, ainda, possibilita a construção de um ambiente de confiança e afetividade.

Atena narra com ar de felicidade, como se voltasse no tempo e vivesse o momento de novo. O seu relato, como se percebe, está cheio de lembranças afetivas, lembranças de situações que a afetaram positivamente e, por essa razão, os detalhes se fazem presente, nas suas lembranças.

Atena

No meu tempo, coisa boa era ficar na frente de casa ao anoitecer, todo mundo de banho tomado, cabelo molhado, eu meus irmão minha vó e minha mãe, eu sentia o perfume de jasmim da minha vó, ficava no ar, aquele cabelinho fino, molhado, em vez enquando D. Maria vinha com os meninos, todo mundo sentado, uns no chão, outros, os mais velhos, nas cadeiras, lembro bem que algumas até capengas, balançavam, não sei porque, vovó na cadeira velha de balanço, e uns nos bancos, e minha vó começava a história, ela tinha o dom, sabe? A voz tinha pausa, de repente o tom subia, nossos olhos arregalados, cada barulho um susto, chegava até sair lágrima, mas ninguém desgrudava o olho dela. A casa era simples, mas a gente era feliz! Hoje não tem isso mais, ninguém senta para contar nada, cada um no seu canto.

Compreende-se que as lembranças trazem saudades das relações familiares, dos momentos que juntos ouviam as histórias que a avó contava, e esses momentos eram educativos, momentos de prazer e lazer, permitiam aos ouvintes transportarem-se para o mundo da fantasia, vivenciar experiências e emoções infinitas, pois a cada um cabe interpretar da sua forma, do seu modo o acontecimento contado.

As respostas permitem conjecturar que mesmo a maioria dos pais trabalhando na roça, encontravam tempo para contar histórias para os filhos, faziam como faziam seus pais e avós, ou seja, iam passando de geração em geração as histórias que buscavam explicar problemas do cotidiano.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

É certo que, por meio da contação de histórias, transmite-se conhecimentos, expressa-se sentimentos e busca-se explicar fatos e situações que trazem inquietação, bem como se transmite costumes, tradições e valores de geração a geração. Ainda, nos momentos de contação de história, cria-se um ambiente de emoção, encantamento, surpresa. Nesse toar, “as histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento. Dizem que os olhos são os espelhos da alma e a fala é o espelho da personalidade” (ROSSINI, 2001, p.56).

Infere-se que, no passado, os pais tinham mais tempo para estar com os filhos, para contar histórias, não tinham televisão e o celular, e as histórias chegavam até a criança na voz dos familiares, eram histórias inventadas, contos de fadas, lendas, lembranças da própria infância que estavam conectadas ao desenvolvimento da imaginação, à construção de identidade e aos cuidados afetivos. Contar histórias, nas

sociedades primitivas, tinha a função de difundir conhecimentos acumulados pelas gerações (BUSSATO, 2003).

Quando perguntado sobre os mitos que conheceram e fizeram parte da suas vidas, as respostas eram sempre evasivas, “mito é lenda?” “É o que mesmo?” “Não tenho compreensão do que é mito?” “Minha vida não teve mito, tudo foi verdadeiro, acho que o mito é uma mentira que vira verdade”.

Na verdade essa dúvida é comum, mas há diferenças entre os mitos e as lendas. Como já visto, os mitos nascem para representar fato natural, histórico ou filosófico, age de modo a equilibrar o sagrado e o profano. O mito tem como personagem os Deuses, as lendas, homens e animais. Vale destacar que o mito nasce para explicar a origem das coisas, explicação que parte da relação sexual entre deuses e da guerra de forças entre eles, buscavam explicar os castigos e os mazelas do mundo. Como por exemplo, a caixa de pandora, um dos mitos que iniciou uma roda de conversa, que os deuses puseram todas as mazelas do mundo, guerra, discórdia, ódio, inveja e as doenças do corpo e da alma, mas também continha a esperança. Pandora, primeira mulher que viveu com os homens na terra, era linda, inteligente, meiga, paciente e cheia de outras habilidades, mas sucumbiu à curiosidade e não resistiu à ordem de Zeus de nunca abrir a caixa. Ao abrir libertou todas as desgraças do mundo, desesperada fechou novamente, mas somente a esperança não havia saído e ficou presa na caixinha de Pandora. O que vem explicar porque no mundo temos tantas mazelas.

Apenas uma acadêmica, Íris, afirmou conhecer um mito, narrou sobre um mito que conhecia, Meduza.

Íris (2020)

A Meduza, aquela com muitas cobras na cabeça, e quando alguém olhava para ela virava pedra. Sempre fiquei muito impressionada porque as cobras não picavam. Mas não sei a história direito, só sei que é uma deusa má.

Importa saber que a concepção de Íris, de que Meduza era uma deusa má, é a da grande maioria das pessoas que conhecem pouco o mito ou ouviram falar. Mas, vale a pena analisar por outro lado. Medusa era linda, corpo lindo e com lindos cabelos dourados, era muito desejada por homens e Deuses. E Poseidon, deus dos mares, a tomou no santuário de Atenas, que furiosa se vingou, transformando os belos e longos cabelos em cobras, transformando-a em um monstro.

Na verdade, ela foi estuprada e foi punida por isso, o deus dos mares não foi acometido de nenhuma punição, o que desvela a sociedade machista desde os primórdios. Então, entende-se que mito da Meduza retrata a sociedade primitiva, em que a mulher era responsabilizada pelo abuso sexual, era impura, ou seja, o mito surge para explicar as sentimentalidades e complexidades humanas, até as mais absurdas e horríveis. Ainda desvela que a cultura de que a vítima é responsável pelo estupro tem sua origem há milênios, não é de hoje.

Nesse tocante, o mito, visto na perspectiva histórico-religiosa, é compreendido como um elemento de cultura, desprovido do caráter anormal, monstruoso, como explica Brandão (2002, p.36),

o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se.

Na antiguidade, os homens criaram deuses, deusas, monstros e heróis para explicar fenômenos naturais, assim por meio das narrativas maravilhosas trouxeram explicações para os fenômenos naturais, amenizando o medo dos homens. Como por exemplo, o mito que explica as quatro estações do ano. Deméter, deusa de toda terra cultivada, teve uma filha com Zeus, Perséfone que era muito bela. Hades, deus do inferno, apaixonou-se por ela e a raptou. A mãe desesperada saiu a sua procura pelo mundo e a deusa não mais fez suas tarefas, e a terra ficou infértil, chegou a fome, olhava-se em volta só devastação e abandono. Então, Zeus ordenou a Hades que devolvesse a ninfa. No entanto, Hades já tinha dado a Perséfone um bago de romã que a ligou ao mundo de Hades. Zeus buscou a solução, Perséfone passaria com a mãe metade do ano e a outra metade com Hades. Assim, na primavera e no verão, a ninfa está com a mãe que feliz floresce a natureza, e quando está no mundo dos infernos, a mãe triste, desola a natureza, outono e inverno.

Os deuses além dos poderes imensos, são imagem e semelhança do homem, com sentimentos como ciúmes, cólera, amor, e têm ações como mentir, têm artimanhas para conseguir o que querem. Nesse caminho, entende-se que o mito vem explicar um fenômeno que ao homem era inexplicável, e com a criação do mito encontra-se a explicação e ela é aceita e passada de geração em geração.

Para a pergunta, das histórias que seus pais contavam qual ficou marcada na memória? E por quê? As respostas na sua maioria foram mula sem cabeça, lobisomem, saci pererê, claro que contadas com alguns detalhes diferentes, pois ao serem contadas oralmente sofrem alterações, de região para região, de época para época, mas é a mesma lenda.

Para Afrodite, as histórias que a mãe contava eram feias, de coisas ruins.

Afrodite (2020)

Essas todas e mais outras horríveis. Tinha uma história que me marcou. Um homem vendeu um prego na parede pro diabo. Passado alguns anos, aparecia pendurados coisas com mau cheiro e quando o homem ia tirar, não conseguia e a casa ficava insuportável. Até que um dia ele questionou com o diabo pq ele não conseguia tirar as sacolas com as carniças e o diabo respondeu: a casa é sua, porém o prego é meu, vc me vendeu e eu penduro o que eu quiser ali. O homem não suportando vendeu a casa e se mudou. Porém, o prego o acompanhou na mudança. Até hoje essa se história me deixa um ponto de interrogação! Me marcou muito.

Apreende-se o quão complexos são os processos de construção da memória, dado que as representações das situações estão ligadas às experiências individuais, controladas por impressões, sentimentos, sentidos e relações afetivas. Como ocorre com Afrodite, quando se percebe que há fortes lembranças afetivas permeando toda a sua narrativa.

Sabe-se que quando a história é escolhida, os pais a escolhem com um objetivo, ou seja, um ensinamento para que a criança possa enfrentar com segurança as adversidades e buscar caminhos para

solução dos problemas. Por meio dessas histórias, a criança vive e sente muitas emoções, como a tristeza, a alegria, a raiva, a vergonha e outros tão importantes para a formação da identidade. Então, "... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!" (ABRAMOVICH 1997, p. 17).

Nas palavras de Afrodite, as histórias da mãe principalmente esta, da venda do prego para o diabo, marcou muito, fizeram muito mal a ela. E ela afirma que "até hoje, não passei isso para meus filhos e nem para os meus netos, porque me fizeram muito mal!"

Talvez a mãe de Afrodite quisesse passar o ensinamento de que temos que ter cuidado com nossas ações, porque nem sempre é possível arrepender e voltar atrás, que não se deve desobedecer as leis do desconhecido. Mas como afrodite relatou, essa história marcou, mas não pelo ensinamento, por medo e outras emoções ruins que despertou e parece que ela não conseguiu decifrar bem esses sentimentos até hoje.

Entende-se que o mal geralmente está presente nas histórias, mas o bem também, o que faz com que se possa escolher a solução que leve ao bem vencer. Esses aspectos são inerentes à vida psíquica da criança. Quando o bem vence mostra a possibilidade de nunca desistir diante dos problemas da vida real, que tudo tem solução, que é preciso ter forças para superar os obstáculos.

Anteia aponta que a história que mais ouviu e que a marcou foi a do Chapeuzinho vermelho, porque a mãe sempre dizia que não podia confiar em estranhos.

Anteia (2020)

Minha mãe conta a história de Chapeuzinho, e ia falano com a gente, tá veno, as pessoas não são o que parece, confie sempre desconfiando, só pode confiar no papai e na mamãe. Tem lobo em pele de cordeirinho. Cara bonita não significa gente boa. Isso me marcou muito. Sempre lembrei dessas palavras. Sempre fui uma filha obediente e nunca dei conversa pra estranhos. Por isso contei muitas vezes essa história para meus filhos, porque aprendi muito com ela e sei que meus menino também.

A história de chapeuzinho Vermelho traz os ensinamentos de que não se deve desobedecer aos pais e não se deve dar ouvidos a desconhecidos e, ainda, para os pais de que nem sempre os filhos estão totalmente seguros, é preciso cuidar, acompanhar, é preciso desenvolver laços de confiança e orientar.

Para Hebe, dentre as histórias que a mãe contava, a que mais marcou foi João e Maria. Conjectura-se que o fato da história retratar o cotidiano de uma família com dificuldades financeiras, o cuidado dos pais e a necessidade de escolhas, que, muitas vezes, vão contra a vontade do ser humano pode ser o motivo da identificação de Hebe.

Hebe (2020)

Minha mãe contava a história de João e Maria, eu não cansava de escutar, talvez porque me identificava com eles, nós erámos muito pobres. E eu gostava do final feliz. Uma vez perguntei a minha mãe se ela não tivesse dinheiro ia abandonar a gente, lembro do rosto dela sorrindo, _não minha filha, isso é só uma história. Mamãe nunca vai fazer isso, não tenha medo. Também perguntei porque uma mãe e pai é tão ruim e abandona filho. Ela só me disse, tem coisa que não tem resposta.

A hitória de João e Maria narra, de início, a situação de pobreza, as dificuldades enfrentadas por pais que nao têm como alimentar os filhos. Assim, traz o ensinamento de que, nossos heróis, os pais, nao são

perfeitos e, como todo ser humano, têm limitações, têm qualidades, defeitos, prazer e dor. Ainda, traz a compreensão de que a união faz a força, quando os irmãos se unem para pensar estratégias para resolver os problemas. Também ensina a não confiar nas aprências.

A história de João e Maria realmente é atraente, e ajuda a pensar e aprender alguns aspectos da vida cotidiana que, com certeza, as crianças terão que enfrentar. Os contos de fadas, de forma simples, abordam temas como as perdas, a fome, a morte, o abandono, a violência, por isso é tão fácil de se identificar com eles, já que trazem histórias e sentimentos comuns da humanidade.

Outra questão que foi colocada para os velhos foi sobre as lendas. Alguma lenda ficou marcada em sua memória? Qual? Conte o por quê?

Esse assunto foi o mais discutido, todos falaram muito, percebe-se que essas narrativas são fascinantes e, cada vez que são narradas parece que são vividas pelo narrador, apareceram o Lobisomem, Mula sem Cabeça, Saci Pererê, Curupira, Matinta Pereira, Boto e Iara.

Bia, disse que se lembra da lenda que a irmã mais velha contava da Matinta Pereira, e sempre contava essa.

Bia (2020)

A lenda conta que uma velha da região foi amaldiçoada e vira um ser indescritível que voa, uma ave, a Matinta Pereira. À noite sempre um assobio agudo acordava as pessoas e assustava as crianças, o pai então tem que responder Matinta pega o seu tabaco e, no dia seguinte, a velha vai na casa buscar o fumo. A Matinta é um ser endemoniado que atrai doenças e mal agora. Falam que a Matinta, quando está para morrer, pergunta: "Quem quer? Quem quer?" Se alguém responder "eu quero" recebe a maldição. Lembro que se a gente escutasse um assobio, nossa!! Cobria a cabeça e dormia até sem querer de medo.

Bia, lembra-se bem que sua irmã falava com ela que se promettesse à alguém alguma coisa tinha que cumprir se não a Matinta vinha cobrar. Nesse toar, a irmã ia ensinando o poder da palavra, da sinceridade, a confiança. Ninguém é obrigado a prometer, mas prometeu tem que cumprir.

Essas histórias fantásticas ganhavam vida entre a população da comunidade porque o ambiente na época era escuro, sem luz elétrica, poucas casas, mais matos, e, nas palavras de Bayard (1957, p.9), "a lenda exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez da cronológica de fatos consignados." Assim, lenda é compreendida como uma história real, a qual sua narrativa foi acrescentada imaginação e fantasia popular.

Ares afirma que a lenda que mais despertou seu interesse era a que sua mãe contava sobre Pai-do-Mato, porque mesmo sendo uma criatura monstruosa não machucava as pessoas, apenas as amedrontava para proteger os animais dos caçadores.

Ares (2020)

Minha mãe falava muito de um tal de pai do mato, ele era todo peludo quase não via boca nem olhos e ele pegava as pessoas e arrancava um punhado de cabelo da cabeça e daí ele ficava contando os cabelos, a pessoa corria, quando ele terminava de contar os cabelos que ele tinha pegado, ele alcançava a pessoa de novo e arrancava mais uma mão cheia de cabelo e ia contar de novo. A pessoa podia correr tanto que for, que na hora que ele quisesse ele só estende a mão, já tava lá pertinho da

pessoa de novo, mas isso eles contavam assim, sempre conversando com as comadres e a gente sempre ficava ouvindo aquelas histórias. Meu tio contava muitas histórias de assombrações aí a gente ia embora à noite eu nunca tive medo Graças a Deus, não tinha mesmo. Eu fiquei um pouco com receio, quando minha mãe me disse uma vez: _ minha filha se você achar qualquer coisa pode ser uma agulha pode ser um dinheiro, não importa o que você achar na casa dos outros devolva porque esse não é seu. Aí ela contou uma história de um menino que achava coisas assim né e falava para a mãe dele que tinha achado, e ele esse menino veio a falecer, aí ele morreu e a unha dele nunca parou de crescer, eles ia lá na sepultura e cortava a unha dele, quando era no outro dia já tava enorme de novo. Tudo isso me ajudou, eu nunca peguei nadinha na casa dos outros, nada em lugar nenhum, nunca peguei. E também eles falava muito em mula sem cabeça né, e dizem que se uma moça namorar compadre ela virava mula-sem-cabeça coisas assim.

A fala de Ares evidencia os objetivos das lendas que, são narrativas fantásticas que marcam a vida das pessoas, ensinam valores, como no caso de Ares, a honestidade. Ainda, desvela como a imaginação do ser humano se revela fértil na tecitura situações e histórias fantasiosas em que o homem viaja no mundo lendário para responder sobre os acontecimentos na natureza, e contam para filhos e netos essas histórias que, com as asas da imaginação, dão vida a esses seres lendários. Nesse toar, “a lenda demanda do contador e do ouvinte a crença na verdade do que se conta”, e que as pessoas contam lendas a fim de “verbalizar ansiedades e medos e, ao explicá-los, liberar-se do poder opressivo de seus medos” (RÖHRICH, 1988 apud DÉGH, 2001, p. 37).

Já nas lembranças de Dionísio, o povo contava que o Pai do Mato fazia tudo para defender a natureza.

Dionísio (2020)

No mato quando fazia um barulho à noite, mãe falava que era o pai do mato, não sabia se era homem ou bicho, era grande e muito forte, com cabelos e unhas compridos, orelhas grandes, voz alta e rouca, seu urro é ouvido em toda a floresta, é assim que defende os animais e as plantas e come gente. Ninguém queria ir no mato à noite com medo de encontrar o pai do mato, quando alguém ia à noite caçar a gente perguntava se tinha visto o bicho. Do jeito que todo mundo falava, parecia até verdade, a gente criança acredita mesmo que era verdade, eu nem sabia que era lenda. O povo inventava as histórias e a gente acreditava. Na quaresma, quem tinha coragem de comê carne, ninguém, já que nessa época era que mais aparecia, todo mundo queria era ovo rsrsrsrs.

No palco do imaginário local, surgem os personagens, não é humano e nem animal, parecem animais com características humanas, com poderes extraordinários, como nas lendas que mais chamaram a atenção de Astreia, a do Lobisomem e do Boto.

Astreia (2020)

As histórias que mais me chamam atenção são as do Lobisomem e do Boto, do Lobisomem porque falam que foi uma praga jogada por uma mãe, e eu ficava pensando como a mãe joga uma praga dessa no filho e do Boto porque falam que é um peixe que transforma em homem e atraí as moças para o lago e as engravida e acho inacreditável e minha mãe gosta de ouvir e contar. E eu ficava ali me fazendo um monte de perguntas: Que mãe é essa que faz isso com o filho? Minha ideia de mãe era outra, mãe tinha era que proteger o filho. E do Boto eu ficava pensando, com é que ninguém sentia o cheiro de peixe, porque se era um peixe que virava homem tinha o cheirinho, porque no mato não tinha perfume. E se era diferente de todo mundo, todo mundo devia saber que era aquele o boto, porque ninguém fazia nada. Minha curiosidade era grande, mas ninguém me dava as respostas, mais curiosa eu ficava.

Astreia ainda coloca que “cada história dessa que a gente ouvia e ainda ouve não deixa de não marcar, pois a tendência é confiar e acreditar no que nossos pais falam, se é certo ou errado não sabemos, como o homem do saco que intimida as crianças teimosas, então sempre fica uma marca”.

O Boto também foi tema das conversas em grupo, as narrativas sobre a lenda do boto foram bastante intensas. Reza a lenda que, no Amazonas, o boto cor-de-rosa, num noite estrelada, em época de festa junina, transforma-se em um lindo rapaz que vai para as festas, dança com as moças e escolhe a mais bonita e leva para um barco, passa a noite com ela que amanhece sozinha no barco, no rio, ao lado do barco um boto dançando e emitindo sons, como se cantasse alegremente. A conversa sobre o boto foi animada, cada um com sua concepção e crença. Para Cronos, essa lenda foi inventada por alguma mulher que nas festas de São João saiu da linha e não tinha como contar para os pais.

Cronos (2020)

Essa lenda foi inventada de conveniência, para justificar safadeza das moças nas festas de São João. Bebiam escondido, beija um, outro e depois nem sabia quem era o pai. Ou se sabia o caboco não queria assumir, ou era casado, noivo, ou não queria nada mesmo. Ai com medo dos pais, as moças falavam que era do boto, como que o pai ia atrás. Garanto que tem é menino que a mãe fala que é filho do boto, rrsrrsrr.

Doris (2020)

Não, minha mãe contava e afirmava que era verdade, que esse moço aparecia e que todo mundo via, porque ele era diferente de todo mundo das festas, chamava a atenção porque era muito bonito da pele clarinha e rosada e as moças ficam todas encantadas. Ele enfeitiçava elas. Tinha vez que os homens da festa colocavam ele para fora, com medo de pegar as moças mais bonitas, minha mãe falava que era inveja pura. E muita gente acredita, porque muita gente afirma que viu o boto, mãe, tias, conhecidas, dizem que é verdade, que o boto é mesmo encantado, e encanta as mulheres que se entregam a ele e depois ficam com os filhos nas costas, mas isso acontecia era antigamente.

Hera (2020)

Já ouvi muita gente falano no boto, os rapazes até hoje nos povoados pequenos na beira dos rios, nem gostam que as mulheres e namoradas nadam nos rios, pois acreditam no boto e ficam com medo do boto puxar as mulheres. E as famílias acreditam mesmo que a moça está buchuda do boto. São histórias que muitas pessoas falam que são verdadeiras, e que pode acreditar.

Na verdade, Cronos tem a mesma concepção de Aliverti (2005, p.284), que afirma que a lenda do boto,

é a saída social para as moças que engravidam sem casar. Desculpa fundamental que desvia a jovem do papel de pecadora para o de vítima. O mito também serve ao rapaz que engravidou uma jovem, uma vez que não será procurado, nem identificado, nem responsabilizado. Como resolve tantos 'desconfortos', o Boto apresenta-se como um mito socialmente perfeito, sendo talvez esta a razão que o mantém tão vivo até hoje.

Entende-se que as narrativas folclóricas não podem ser consideradas apenas ficção, segundo Henrique (2009) “mais do que uma lenda, o boto é um mito, uma forma de explicação de determinada realidade.” No caso do boto, uma gravidez indesejada, e, percebe-se que, entre os participantes da pesquisa, muitos realmente acreditam nas histórias contadas sobre o Boto.

Importa saber que essa foi a lenda mais comentada nos grupos, uns céticos e críticos e outros crendo que é possível que os botos virem homens para seduzir as moças, pois já ouviram muitas pessoas afirmarem que aconteceu com elas.

Outra lenda que deu o que falar, foi a do Lobisomem, aquela que conta que, durante o dia, ele tem as características de um homem comum e à noite transforma-se em um feroz lobo que tem como alimento principal o sangue.

Para Perséfone, as lendas que fizeram parte da sua infância foram as lendas do Lobisomem, Mula-sem-Cabeça e o Bicho Papão.

Perséfone(2020)

Sempre no período da quaresma, mamãe falava que se fizesse alguma coisa errada, aparecia o lobisomem, a mula sem cabeça ou desses outros para pegar a gente. Era um medo danado, até na rede eu achava que debaixo tinha eles. E a gente passa 40 dias quietinho, querendo nada com a levadeza com medo de vê esses bicho feio. À noite era tenebrosa, todo barulho agoniava e a imaginação já voava, pensava logo que um deles ia aparecer. Ficava quietinha, era tão desesperador que eu imaginava a porta abrindo e aquele bicho- homem tão feio vindo pra cima de mim. E, na quaresma, era assim, todo mundo falando no lobisomem e na mula sem cabeça, não tinha outro assunto, era mamãe, era titia, era a vizinha, tudo mundo falando nos bichos. Se acordasse de noite, cobria a cabeça e nem olhava pro lado, ficava durinha, e o medo?

Gaia e Tálassa também citam a lenda do cachorro de olhos vermelhos, o Lobisomem, como a lenda que mais marcou.

Gaia (2020)

Minha mãe contava a história do lobisomem e falava que era verdade que muita gente tinha visto o lobo. O lobisomem porque era um bicho feio, peludo, parecia com um lobo e pegava as pessoas nas noites de lua cheia, e que ele virava lobisomem porque a mãe dele jogou uma praga nele. E minha mãe falava que tinha era muitos lobisomem. Quando mamãe ficava brava, rezava baixinho para ela não colocar praga.

Tálassa(2020)

O lobisomem porque muitas pessoas na minha cidade afirmava que já tinham encontrado com ele na noite de lua cheia, então eu acreditava e tinha medo. E quando era lua cheia, eu e meus irmão não queria sair de casa. O povo ficava na envolta do fogo, assando milho, tocando violão, e contando essas histórias, até mais tarde, mas o medo era grande e quando a gente saía, ficava olhando pro mato, e se ventava e o mato mexia, corria pra dentro e ficava tentando escutar algum uivo, chegava a amarelá, o medo era tanto que a gente dormia. Também as pessoas falavam que quem ele mordida a maldição passava para a pessoa e a gente ficava com tanto medo de ser mordido pelo bicho.

Observa-se que a lenda do lobisomem também foi muito citada e as explicações sempre demonstram o medo, que ocorre até nos dias atuais nas localidades rurais. Vale destacar que essa lenda tem sua origem na mitologia grega, Segundo Machado (2018, s/p).

Referências a homens-lobo aparecem nas obras de filósofos antigos como Heródoto, Pausânias e Plínio, o Velho. Na mitologia grega, existe a história do rei Licaão da Arcádia, que fez Zeus comer as vísceras cozidas do próprio filho. Para puni-lo, o deus o transformou num lobisomem. É dele que vem o termo “licantropia” (a habilidade mágica de se transformar nessa criatura).

A lenda do lobisomem é a mesma, mas com algumas particularidades, uns falam que ele come as pessoas, outros que é feio, mas tenta não fazer mal às pessoas, que se esconde nas noites de lua cheia, outros

que ele pega somente crianças, o que demonstra que as lendas vão sofrendo modificações, adequando-se às particularidades, à cultura da comunidade.

É visível a empolgação dos velhos contando as histórias, o que vai ao encontro das ideias de Bosi (1994) quando afirma que o velho se vê sujeito da sua própria história, sente-se importante, pois "o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria, dado que é uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos" (p. 82), pois o ouvido atento acompanhando a história oportuniza ao velho lembrar que já produziu. Nesse toar, a memória devolve sua dignidade, pois descobre ser narrador da própria vida, narrando a sua história e, de acordo Critelli, nossa própria história nos ronda numa síntese emblemática e silenciosa.

É uma síntese, pois certamente condensa autointerpretação que vivemos fazendo de nós mesmos e das razões de sermos como somos. É emblemática porque, na maioria das vezes, está ligada a algum episódio que referenda e fundamenta tal autointerpretação. E é silenciosa porque quase nunca falada e expressa: acompanha-nos na surdina (CRITELLI, 2012, p. 51),

E, nas narrativas, revela-se a memória contruída com a convivência em família, em grupo, na comunidade, grupos esses que servem de referências. E, é, no mundo da memória, que o velho expõe a sua história e, nesses momentos, narra de forma crítica, recompondo, recontruindo a própria história. Ainda, destaca a autora que a singularidade das histórias construídas desnudam a identidade do velho e as experiências dos velhos que as contam são legitimadas. E, nesse toar, as narrativas desvelam lembranças e afetividades, estão cheias de representações visíveis nas palavras escolhidas para contar suas histórias.

Iriana, a princípio, escutou calada, nas rodas de conversa, até o momento em que criou coragem, depois de ouvir os colegas, começou a contar a lenda que marcou a sua vida, e o que estava gravado na memória.

Iriana

A lenda marcou a minha vida, foi o curupira, meu avó chamava de pai do mato, e contava que se a gente arrancasse uma folhinha da árvore, ou uma florzinha da planta, ele ficava tão bravo, que saía fogo dos olhos e da boca e vinha pegar a gente. Vovô contava que ele morava dentro da mata, e que muita gente sumia na mata, porque ia lá tirar madeira, acabar com a mata. E, aí, como ele era o guardião da mata, ele matava o home. Ainda, falava que, às vezes, ele nem precisava tocar na pessoa, só aparecia no breu da noite e a pessoa via aquela coisa feia e morria de susto. Essa lenda ensinou nós, eu e meus irmão a protegerem a natureza, porque a gente tinha medo do curupira.

A narrativa da acadêmica demonstra que, na prática, os pais buscavam ensinar os filhos com as mesmas histórias que serviram de base para os seus ensinamentos. É mister que as narrativas míticas valem do medo para passar ensinamentos e valores, como a própria Iriana afirmou quando disse "eu aprendi a respeitar a natureza com essas histórias e também fiz isso com os meus filhos, então é um jeito bom de aprender, e a gente acreditava mesmo, porque respeitava o que a mãe, pai e avó falava."

Réia disse que a lenda que ela conhece é a da Iara.

Réia (2020)

Eu vim conhecer essa lenda já era mocinha, adolescente, mas ela me encantou, ficava na beira do rio, horas, imaginando uma mulher linda, de longos cabelos negros e os olhos verdes, metade mulher, metade peixe, na verdade, a imaginação era tanta que parecia escutar seu canto. Queria ver. E contavam que o canto encanta e a mulher fascina, os homens entram no rio atrás dela e só saem mortos. Na região, quando algum homem que era bom nadador morria afogado, e morria, eles falavam que foi seguir o canto da Iara e não conseguiu voltar. Quando acontecia alguma dessas tragédias, aí que eu ficava olhando o rio para ver se via a sereia. Eu eu gostava muito da história da sereia, acho que porque todo mundo falava que não tinha boniteza igual e que o canto era mais lindo que dos passarinhos, aí eu queria vê.

A lenda preferida de Réia busca explicar porque pescadores, que sabem bem nadar, morrem, muitas vezes afogados, já que é difícil entender como uma pessoa que sabe nadar morre afogada, mas como não há uma explicação, a lenda vem para explicar. Ela retoma o mito das sereias descrito nas aventuras de Ulisses em sua odisseia, quando belíssimas sereias com seu canto puxavam os marinheiros para a morte. Pode observar a mensagem e a história compartilham elementos comuns, no entanto mudam de cultura para cultura, adquirem características próprias da cultura de quem narra a história (LIMA, 2003).

Inferi-se que as narrativas míticas são fundamentais para que o indivíduo se desenvolva na proporção que auxiliam compreender a si e ao outro. Dessa forma, para Bronckart (1996-1999, p.61) “os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas ao mesmo tempo que constroem uma compreensão de seu estatuto de gente.”

Importante salientar que, nas tecituras das narrativas, é desvendado que as lembranças dos velhos precisam ser valorizadas, pois elas trazem histórias de vida que falam de memórias pessoais e coletivas e, segundo Benjamin (1994, p. 200) “a fala possibilita a percepção de um mundo que está em nós e com o qual nos identificamos; ela amplia nossa percepção do real, revelando uma insuspeitada faceta, que, ao se mostrar, incorpora-se a nós, alargando nossa compreensão”.

Nessa perspectiva, essas histórias de figuras lendárias são criadas pela população local e os fatos relatados são compreendidos como verdade e são transmitidos de geração para geração por meio das narrativas orais, em que as pessoas narram o que viveram e o que acreditam que existe porque fazem parte da cultura, então são reais.

Percebe-se nas palavras, no tom de voz dos velhos, como esse momento de contar histórias é prazeroso e isso dá um tom diferente à narrativa dessas histórias fascinantes que são formas de retratar a realidade, a relação do homem com o meio em que vive. Assim, a lenda para Lima (2003), é uma narrativa mítica possuidora de peculiaridade cultural que traz consigo aspectos socioculturais presentes na vida das pessoas.

Os velhos entrevistados, na sua grande maioria, evidenciaram que na infância não conheceram mitos e super-heróis, para dois deles, os seus super-heróis eram os pais, “pra mim pai e mãe é que sempre foi super-heróis.” Mesmo que o Superman, o mais conhecido por ser o primeiro dos quadrinhos, tenha mais de 80 anos, e antes dele existirem outros, como por exemplo, o Zorro.

Ainda, citaram como seus heróis os professores da UMA. Como evidenciado nas respostas a seguir.

Nix (2019)

Herói é do bem, porque muda a vida das pessoas, faz elas mais felizes, são os nossos professores da UMA. Depois que comecei a fazer a UMA, comecei a viver de novo. Então vejo meus professores como heróis, eles ajudaram a mudar minha concepção de velhice, a me valorizar, hoje eu posso tudo, sou mais feliz.

Afrodite (2019)

Nós temos professores na UMA que são nossos heróis, valorizam a gente, ensinam, faz a gente sentir bem, sentir útil, sentir vivo.

Nesse contexto, são sábias as palavras de William Shakespeare quando afirma que

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as consequências. Aprende que paciência requer muita prática. Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se.

Conjectura-se que os professores da UMA desenvolvem um trabalho que aumenta autoestima dos velhos, que se sentem reconhecidos, úteis, ativos, o que possibilita a autovalorização. Assim, é fato que os professores da UMA são diferenciais na vida desses velhos, são heróis, pois, além de propiciar novos conhecimentos, possibilitam a continuidade do desenvolvimento, transformam a vida do velho dando sentido ao cotidiano, levando-os a encontrar o que tem de melhor em si para que possam vivenciar, com otimismo, os conflitos advindos desta fase da vida. Corrobora com essa concepção, Duarte (1998) ao afirmar que para uma velhice saudável, além de bom estado de saúde física, o velho precisa de respeito, reconhecimento, sentir-se parte ativa de sua comunidade, em que tenham vez e voz para poderem compartilhar experiências.

Nesse sentido, o projeto pedagógico da Universidade da Maturidade da UFT busca valorizar a diversidade dos saberes dos velhos por meio de atividades que possibilitam uma educação emancipatória, que permitam aos velhos libertarem de antigos estigmas que os impossibilitam de ser ativo socialmente, uma educação que permite aos sujeitos cognitivos se relacionarem, interagirem os saberes formais e não-formais, buscarem o que, ainda, não sabem, sentir-se capazes de atuar como atores principais na sociedade, que tenham atitudes, tenham crescimento pessoal e social, deixando de lado a condição de coadjuvante.

Quando perguntado qual super-heróis dos quadrinhos e filmes conheciam, apontaram; Zorro, Três Mosqueteiros, Mulher-Maravilha, Mulher-Gato, Homem de Ferro, Superman, Hulk e MacGyver.

Estranhou-se quando MacGyver foi citado, já que não é propriamente um super-herói, é um agente secreto muito inteligente que resolve os problemas sem armas, sem violência, porém, ao longo da pesquisa, percebeu-se que foi escolhido pela inteligência, visto que, quando perguntado sobre as características de um super-herói que mais os fascinavam, a inteligência e a justiça vieram em todas as respostas, seguidas da força e coragem. Como exemplificado com as respostas a seguir.

Hera (2019)

O que mais me chama atenção é a Inteligência, com certeza, vem em primeiro lugar, depois a justiça e a força.

Atena (2019)

As características principais para mim são inteligência, a força e o senso de justiça são os atributos de um super-herói pra mim.

Zeus (2019)

Inteligência, buscar resolver, dar um jeitinho usando a inteligência.

Percebe-se que, na concepção dos velhos pesquisados, a inteligência é a característica que mais diferencia o cidadão comum de um super-herói, então, parafraseando Francis Bacon (1597, apud ZATERKA 2004, p. 14), “o conhecimento é poder.” Nesse contexto, destaca-se, pelas respostas, que relacionam a inteligência à solução de conflitos por meio de estratégias, sem violência e sem armas.

Afrodite (2019)

A justiça é um valor que o super-herói tem que ter, para acabar com tanta injustiça, tanta maldade, tanto desrespeito com as pessoas.

Têmis (2019)

Acho que a justiça não pode faltar no pensamento do super-herói, porque senão não tem poder nenhum, pois eu entendo que ele tem que ser bom e respeitar os direitos dos outros em todas as situações. Seria bom que todo mundo fosse justo.

Infere-se que a opção de todos pela justiça está relacionada ao desrespeito, às injustiças que presenciam e, muitas vezes, sofrem nas relações sociais, o desprezo, descaso, a violência, o que faz com que valorizem o valor ético de justiça nas pessoas, principalmente em um ser com superpoderes, que está além do ser humano. Ainda, entende-se que compreendem que são pilares da justiça igualdade e equidade para o bem, para melhor qualidade de vida, o que segundo Perelman (2005, p. 9) é “dar a cada um a mesma coisa; dar a cada um segundo seus méritos; dar a cada um segundo suas necessidades; dar a cada um o que a lei lhe atribui.”

Nesse contexto, entende-se que a justiça, na concepção dos acadêmicos, corrobora com a concepção de Rawls (2003, p. 181) que afirma que além “dos direitos e liberdades fundamentais, “acrescenta a “liberdade de movimento e livre escolha de ocupação”; “poderes e prerrogativas de cargos e posições de responsabilidade nas instituições políticas e econômicas”; “renda e riqueza” e, sobretudo, “as bases sociais do autorrespeito.”

A força foi a terceira característica escolhida que mais fascina os velhos, como revela Artemisa.

Artemisa (2019)

A força, ser potente, dar conta de superar todos os obstáculos, por isso sou fã do Hulk, nada detém ele.

Conjectura-se que a escolha da força está relacionada à ambição humana de elevar sua condição física, retratar os próprios desejos de voltar a ter agilidade e força muscular de antes. Ainda, se veem nesses personagens que, mesmo tendo superpoderes, como todo ser humano, há momentos de fraqueza, de sentir medo, de precisar da ajuda do outro.

A acadêmica afirmou que até hoje, quando está assistindo o Hulk, não precisa conversar com ela, porque ela se teletransporta para o outro mundo, identifica-se muito com o super-herói, pois em toda sua vida encontrou muitos obstáculos e foi, como Hulk, derrubando tudo, vencendo os problemas.

A fala deixa evidente que, quando citam a força, nem sempre estão se referindo à força bruta, mas, na maioria das vezes, a capacidade de enfrentar situações difíceis, encontrar soluções e ir em frente, porque pelos relatos, a maioria, não teve uma trajetória de vida fácil. Então, há, conforme Weschenfelder (2011), uma alusão, já que as histórias dos super-heróis versam sobre questões do cotidiano, relacionadas à suplantação de adversidades, apresentam valores como ética, moral, justiça, ainda, aparecem nas situações de conflitos, violência, enfrentamento dos seus medos e, ao final, a vitória, vence a dor e o sofrimento, nesse contexto entram o fortalecimento, a superação da adversidade. Entende-se que os velhos se enxergam nos super-heróis, pois representam a garra, a força, como se pode alcançar o que se quer.

Das mulheres, a maioria, apontou identificar-se com a Mulher-Maravilha, e fizeram um paralelo com as situações da dona de casa, que têm mil e uma tarefas ao mesmo tempo e dá conta de tudo. Uma se vê a Mulher-Gato, como exemplificam as respostas a seguir.

Gaia (2019)

Me identifico com a Mulher-Maravilha, porque nós mulheres criamos uma condição de super-heroína, quando temos que cuidar de tudo, trabalhar fora, cuidar da casa, cuidar dos filhos, heroínas do dia a dia.

Nix (2019)

Acho que a mulher gato, gosto de escalar morros, quando falo, quero dizer obstáculos, não tenho medo das situações difíceis, enfrento, vou a luta, me vejo assim mais discreta.

Percebe-se que as escolhas estão relacionadas às expectativas de cada um, e buscam nas narrativas dos super-heróis a inspiração para enfrentar os problemas com esforço pessoal.

Outro aspecto importante detectado é a concepção de que as velhas da UMA trazem o empoderamento da mulher, deixam de ver a mulher como a dependente, aquela que precisa da figura máscula para tudo. Hoje, sentem-se importantes, guerreiras, como a Mulher-Maravilha.

Lógico que, na conversa, todas apontaram que se pudessem queriam o corpinho, a cinturinha e a beleza das super-heroínas, mas, ao mesmo tempo, deixaram claro que toda fase da vida tem sua beleza, e que são lindas hoje como estão, se veem lindas, mesmo nessa fase da vida, e atribuem à UMA essa autoestima alta, como a resposta a seguir.

Téia (2020)

Quero a beleza, a cinturinha de pilão, o corpão. Há!! Bobagem, no fundo sei que todo mundo é bonito, cada idade tem sua beleza, e cada um é bonito do seu jeito. E isso aprendi aqui na UMA.

É fato que os acadêmicos entrevistados demonstram alta autoestima. Infere-se que a Universidade, o estar no convívio com outras pessoas faz com que tenham capacidade maior para enfrentar os desafios.

Compreende-se que a autoestima apreende autoconfiança e autorrespeito. O Autorrespeito está relacionado à autoconfiança, a concepção de que é eficaz para pensar, para aprender, participar em decisões, encontrar soluções, enfrentar os desafios.

No entanto, uma acadêmica respondeu que na fase adulta já não tem fascínio pelos super-heróis porque não tem mais fantasia. Ora, se o ser humano perde a fantasia, encolhe-se no esquecimento e nulidão, dado que a fantasia é que possibilita ao homem caminhar e construir sua história.

Héstia (2019)

A fase de criança passou, sem fantasia, sem conhecer os super-heróis, não vivi isso, minha vida foi só dureza, muito trabalho desde pequena, agora, nessa fase, já não tem fantasia, o desejo muda, já não tem como fugir da realidade, não me iludo com nada. Não vejo graça em super-herói e, muito menos, me vejo sendo uma heroína.

Héstia não se comparou com nenhum super-herói, apenas citou. Infere-se por suas falas que talvez esteja em um momento não muito bom. É certo que a resiliência, segundo Neri (apud Fontes 2006, p. 11), ocorre por meio de “mecanismos de autorregulação do self, aprendidos ao longo da vida, podendo variar de indivíduo para indivíduo, conforme a exposição a diferentes condições de saúde, inteligência e personalidade.”

Ainda, considera que “o envelhecimento bem-sucedido é medido não apenas pela ausência de problemas, mas por indicadores de bem-estar subjetivo, como são a satisfação com a vida, a felicidade, a moral, o contentamento, a qualidade de vida percebida [...]. (LARANJEIRA, 2007, p.330). Corrobora-se com a concepção do autor da necessidade de apoio social e autoestima para que os velhos se adaptem melhor ao processo de envelhecimento.

Entende-se que a autoestima, que segundo Hutz; Zanon (2011), é um conjunto de sentimentos e pensamentos sobre si mesmo, assim essa representação pessoal pode ser positiva ou negativa está relacionada, principalmente, com o sonhar, querer realizar algo, visto que deve haver a fantasia, a perspectiva de futuro, e a universidade é um espaço de engajamento social que induz a projetar o futuro, a ter objetivos, a planejar o amanhã, o que gera satisfação, alta autoestima, e qualidade de vida.

Percebe-se que a escolha dos super-heróis está relacionada aos valores morais e éticos e que os velhos buscam na fantasia desses personagens mudar a sociedade que, conforme as palavras de Zeus, “queria o mesmo, poder para acabar com tanta marginalidade, com tanta violência, com tanto desrespeito.” Ainda, corrobora com Zeus, Artemisa ao afirmar que “as pessoas perderam a noção do mal, queria o poder para combater tanta maldade.”

Depreende-se, das narrativas, que os velhos entendem que a UMA tem um papel preponderante para que possam assumir papel de protagonistas, sintam-se pertencentes a um grupo e com ele podem se tornar um super-herói, podem salvar o mundo, o mundo deles. Como quando mencionados, como heróis, os Três Mosqueteiros, que na verdade eram quatro, tinham um lema: “um por todos, todos por um”, que juntos eram invencíveis, competentes, excelentes espadachins, defendiam o rei e o reino contra os inimigos. Nesse

contexto, infere-se que é essa a sensação que sentem no espaço da universidade, que estão se cuidando, são fiéis escudeiros do rei, cada um assume o papel de rei em determinado momento, quando precisa da tropa de elite que está ali para duelar por eles.

Então, acredita-se que frequentar à Universidade traz para o velho autoconfiança, o que possibilita o empoderamento, valorização pessoal com a inserção social, o que proporciona, conseqüentemente, melhor qualidade de vida. E nesse contexto, se veem como heróis, como nos exemplos abaixo em que pode-se perceber o papel importante da UMA no empoderamento e, por consequência, pode gerar o aumento da qualidade de vida.

Artemisa (2019)

Eu sou uma heroína, uma mulher maravilha, passei tanta coisa, e hoje estou aqui na universidade, estudando, dançando, ajudando, participando de todas as atividades, sou feliz, a Mulher-Maravilha.

Gaia (2019)

Todo mundo tem hora que tem que ser super-herói, pode até ser que de brincadeira, aqui na UMA, mas é herói. Aqui é cheio de herói. Amigo herói, professor herói, tem é muito herói bom aqui.

Hera (2019)

O Zeus é um herói pra nós, conserta tudo, tem sempre a solução perfeita. No nosso grupo, é nosso herói, depois dos professores.

Outra concepção que foi possível conjecturar, com as narrativas dos velhos, é que existem muitos heróis nas nossas vidas, nossos pais, alguns amigos, professores, entre outras pessoas. E que, em cada fase de vida, encontra-se heróis, visto que eles surgem da admiração, do respeito, mesmo que não tenham superpoderes.

Assim, em harmonia com as reflexões prefaladas, compreende-se que as memórias dos velhos inter-relacionam às relações afetiva deles com os acontecimentos, lugares e pessoas, quanto mais significativa a lembrança mais detalhes são descritos como sensações, gostos e sentimentos.

As narrativa dos velhos da UMA revelam histórias lendárias contadas com marcas pessoais presentes, assim evidenciam imagens simbólicas que agem, segundo Durant (2001, p,35), como “hormônio da imaginação”. As histórias do coração se espalham por todos os sentidos, divagando até chegar ao imaginário. Assim, ao contar suas histórias, o velho revive o passado entrelaçado com o presente e, segundo Fernandes (2005, p.143), “o vivido implica ter passado pela experiência da vida, ter sido exposto ou expor-se, ter permitido o acontecimento em si do conhecido e do novo, do inusitado, do imprevisto. Implica criar significado. A vivência permite o conhecimento.”

Nesse caminho, a memória retida é lembrada, e mesmo que transmitida coletivamente, é trabalhada, recordada de modo a individualizá-la, pois retem-se apenas o que é significado. Nesse limiar, Bosi declara que somos testemunhas de nossas lembranças, e, nem sempre é possível crer nos próprios olhos, quando solicita-se para o outro confirmar a visão, pois “só eu senti, só eu compreendi...” (BOSI, 1994, p. 408).

É importante destacar que velhos ao narrarem sobre seus mitos, lendas e seus Super-heróis reativaram suas memórias, trouxeram à tona vínculos com outras épocas, experiências vividas, sentimentos

e desvelaram feridas da infância, como, por não ter momentos de interações com os pais, em que os pais presentes contavam histórias, na porta da casa, na cama para dormir, ou em outras situações do cotidiano, possam ter despertado o sentimento de não ser amado pelos pais, de não se sentirem valorizados enquanto seres humanos presentes ali no seio da família. Então contar suas histórias, pode, conforme Vasconcelos (2016, p.37), atuar

[...] nas mais diferentes dimensões do processo humano, pode, de alguma forma, colaborar com a criação de uma visão mais holística do ser humano. Pode ainda, trazer novas respostas, as inquietudes conscientes e inconscientes, sejam elas, respostas individuais ou coletivas. Pode alterar estados de ânimos, com isto, construir pontes para uma nova compreensão do processo da doença, da cura, da vida. Com isto, colaborar com a realização de um estado harmonioso de viver a vida em sua totalidade.

Nesse viés, o velho quando rememora realiza, segundo Bosi (1994), a função de unir o começo e o fim, o que pode auxiliar a fortalecer o senso de identidade e aumentar a autoestima. Ainda, o fato de manter vivo o passado pode colaborar para preservar a integridade psicológica.

Nos momentos das entrevistas em grupo, alguns ficaram calados observando os que tinham e queriam contar suas histórias. Tétis (2020), com olhar distante, disse: “eu não tenho nenhuma história para contar, só se for história triste porque eu não tive infância, a vida sempre foi dura comigo, nem pai e nem mãe perto, vim saber um pouco das coisas depois de casada, mas antes só tristeza, ouvi falar em super-herói velha.”

Entende-se que os velhos têm muito o que contar e terão prazer em contar suas histórias para as outras pessoas de sua geração ou de outras, como percebeu-se nos momentos das narrativas, esse contar ao outro, essa interação, pode dar a sensação de bem-estar, pode ajudar à saúde mental. Nesse contexto, o bem-estar, segundo, Seligman; Csikszentmihayi (2000) aparece como uma experiência subjetiva reconhecida pela psicologia positivista junto ao otimismo, à esperança, à satisfação e à felicidade.

Nos momentos da entrevista e da roda de conversa, foi possível observar que os velhos são reservados, são mais seletivos e desconfiados, demoram mais a se abrir, falam pouco e as histórias apresentam menos detalhes, as narrativas são bem objetivas. Já as velhas, narram os pormenores, estendem bastante a história, são mais desinibidas, até para exporem seus medos.

Entende-se a atividade de contar suas histórias como um meio de facilitar o desenvolvimento de novas relações de reconhecimento social, fator fundamental para o desenvolvimento da alta autoestima. E pode favorecer a qualidade de vida do velho, já que um dos fatores principais deliberativos do alto nível de qualidade de vida é convívio social ativo. Ratifica essa concepção Diener et al (1999) quando relata que a qualidade de vida está relacionada diretamente ao bem-estar psicológico, constituído em quatro esferas: satisfação com a vida, felicidade, afetos positivos e afetos negativos

A narrativa de suas histórias para os velhos da UMA é um exercício de memória que proporciona bem-estar, porque se pode verificar relatos de alegrias, tristezas, feridas que se abriram na infância e não se

fecharam até hoje, e o quão se sentem importantes, protagonistas no momento em que estão como contadores de história, conjectura-se, então, que essas atividades podem dar sentido a vida dos velhos.

Compreende-se que quando os velhos sentem-se ativos, tornam-se mais felizes e buscam conquistar novos espaços. Os velhos da UMA revelaram estarem felizes com as atividades, sentem-se cuidados, a maioria sentem-se à vontade de contar suas histórias para os colegas e a pesquisadora. Nesse toar, pode-se depreender que, por meio da contação de suas histórias, podem minimizar as carências sociais e afetivas, resgatar sua autoestima, livrar-se do sentimento de solidão, e até a depressão, pois nesses momentos de narrativa é possível lidar com seus sentimentos, bons e ruins, transmitir valores e tradições, sentir-se importante, pertencente a um grupo social. Assim, não se deixa para trás essas coisas, como desnecessárias, essa força, essa vontade de revivescência, arranca do que se passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

A histórias dos velhos podem ser estratégias para aproximar as gerações, para estabelecer diálogos dos velhos com as crianças, jovens e adultos, em que as trocas de experiências podem ser ricas, resgatando a cidadania. Relações em que há reciprocidade, repasse de conhecimentos dos velhos para as gerações mais novas e dessas gerações para os velhos, o que enseja resiliência, deixarem-se se aproximar, independente das gerações, exige atitude de amorosidade. Então, apreende-se que a sensação e percepção de reciprocidade fortalece o ser humano para estar na vida e vivo.

Nesse contexto de aproximar as gerações, foi perguntado aos velhos da UMA se contavam histórias para seus netos? Se gostariam de participar de momentos de contação de histórias para crianças e jovens? Alguns responderam que não contam histórias para os netos porque hoje só querem saber de celular, estão sempre distantes no mundo do celular. Outros afirmaram que sempre que dão oportunidade, contam as mesmas histórias que os pais contavam e ficam muito felizes em estar próximos nesses momentos de interação e afetividade. Ainda, Gaia disse que contar não conta porque só a televisão e o celular prende a atenção das crianças, mas que coloca os desenhos e filmes dos super-heróis para os netos e assiste junto, vez por outra, faz um comentário para ensinar algo. Iriana destacou que acha muito importante contar histórias para as crianças, como desvelado em sua fala a seguir.

Iriana (2020)

Como aprendi muitas coisas nas histórias que meus pais contavam, faço o mesmo com meus netos para que possam aprender também. Gosto muito quando estão perto de mim e ficam prestando atenção.

Na fala de Zeus, é evidente que, se não contam sobre seus heróis, mitos e as lendas para as outras gerações é porque acha que não se interessarão.

Zeus (2020)

A geração de crianças, principalmente de jovens de hoje já não interessa muito pelos contos de fadas, porque os pais para terem descanso, porque criança dá trabalho sim, dão logo o celular, não contam

mais nada de fantasia, nem coelho da páscoa, nem papai noel, às vezes, ficam atentos quando tem curiosidade para saber sobre a minha própria vida. Mas gostaria muito de ter mais momentos para contar histórias.

A fala de Zeus retrata a sociedade atual, em que as pessoas não têm mais tempo, as crianças não têm tempo para ser criança, já que estão deixando a fantasia e o faz de conta de lado, o que, para Oaklander (1980), são conceitos representativos típicos na vida da criança e, ainda, evidenciam o que ela é e sente no presente de sua existência. Então, esses momentos de interação entre idosos e netos, jovens ou crianças, são momentos ricos em que a relação que se constitui apresenta-se como satisfatória e benéfica para as distintas gerações.

Héstia foi taxativa, “não vivi isso, acho que não sei fazer e não tenho esse dom para fazer com meus netos.” Ora, entende-se que os velhos são excelentes contadores de histórias e que, nos momentos de narrativa oral, as relações afetivas podem ser constituídas e enriquecidas por meio da troca de gentilezas e de afetividade entre os idosos e as crianças (Ramos, 2009), assim infere-se que Héstia, se participasse de momentos de contação de histórias, ganharia muito com essa experiência, poderia perceber o quão interessante é e apaixonante contar histórias, no entanto precisa-se desenvolver a paixão, pois, segundo Sisto (2005, p.30), “só a paixão vai permitir o trânsito e a circulação da história”, dado que só podemos ser bons contadores quando a história faz o coração pulsar, toca algo dentro da gente.

Quando perguntados se gostariam de participar de momentos de contação de histórias para crianças e jovens? A maioria dos velhos disse que sim.

Thisi que esteve bem quieta o tempo todo, esse é o jeitinho dela, se manifestou sorrindo.

Thisi (2020)

Nossa, como eu gostaria! Acho que as crianças iam gostar da minha história e eu tenho um jeitinho com criança, queria muito contar histórias para as crianças.

Dionísio se entusiasmou e disse:

Dionísio (2020)

Nossa como tenho histórias para contar e histórias minhas mesmo, da minha vida, da minha ideia e as que todo mundo conta, eu também quero ser contador de história.

Tálassa também se entusiasmo,

Tálassa (2020)

Tenho muita facilidade para o teatro, gosto de representar e contar histórias é representar, tenho certeza que vou fazer bem feito, deixar as crianças curiosas, querendo mais. E eu vou ficar muito feliz se esse momento acontecer. É na escola ou aqui na universidade?

Na verdade, a pergunta despertou o interesse da maioria dos velhos que se prontificaram em participar e demonstraram que esses momentos os fariam muito felizes. Duas deusas não manifestaram

interesse. Quando perguntado se não tinham vontade de participar desses momentos de contação, uma disse que não tinha o jeito com a palavra e a outra disse que não tinha jeito para isso.

Entende-se que a UMA deve planejar e propiciar momentos de contação de histórias em que os velhos da universidade sejam os contadores e o público seja as crianças e jovens, pois estimular a interação entre diferentes gerações favorece troca de conhecimentos e propicia construção de relações positivas e afetivas. E pelo entusiasmo demonstrado pelos velhos para participarem desses momentos, atendem o disposto por Bussato (2011, p.82) quando afirma que

Para que a criança possa viver uma experiência significativa e enriquecedora é indispensável que sintam a presença de uma participação ativa, de uma partilha com o adulto que conta. Narrar é um desafiante exercício de palavras e afetos, conferindo-lhes forma e visibilidade (BUSATTO, 2011, p.82).

Apreende-se depois das entrevistas e rodas de conversas, das interações entre pesquisador e acadêmicos que os velhos da UMA serão, são excelentes contadores de histórias, estarão ali, darão vida à narrativa, emprestarão “seu corpo, sua voz, seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.” (Busatto, 2011.p. 79).

Importa ressaltar que os momentos de contação de histórias podem favorecer o contato intergeracional de forma descontraída e possibilitar relações educativas que despertam a vontade de aprender tanto no velho quanto na criança e no jovem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como principal interesse compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos, percebeu-se que, para a grande maioria dos velhos pesquisados, essas narrativas estão relacionadas à infância, ao convívio familiar e às relações de afetividade com pais, irmãos e parentes. Também relacionam às pessoas que transformaram suas vidas

As narrativas dos velhos desnudam uma grande gama de sentimentos, na sua grande maioria, sentimentos bons de momentos em que os pais se fizeram presentes nas vidas dos filhos e as famílias nesses momentos de contação de histórias realizados valem-se dos mitos, lendas e super-heróis para passar para os filhos ensinamentos de um conjunto de valores e significados, culturas. Situações que emergem nas lembranças dos velhos como momentos de carinho, acolhimento, cuidado, quando sentiam-se amados. E, quando os velhos estão narrando as memórias da família, do grupo a que pertenciam estão atribuindo significados da sua cultura, da sua família, do grupo, da sociedade.

Também são reveladas, em poucas narrativas, marcas profundas de situações sentidas como abandono, feridas que se abriram na infância e que, nesse momento da pesquisa, por meio da memória, foram resgatas, reveladas, estavam ali, a própria história das acadêmicas. Compreende-se, então, que, nos momentos das narrativas, essas acadêmicas vivenciaram suas próprias experiências da infância, como explica Machado (2004, p.13) "pouco a pouco, como protagonistas da sua própria história, dentro da história, com todos os riscos, perdas, danos e benefícios que essa descoberta possa lhes trazer." Nesse toar, o velho, no presente, olha para o passado, suas vivências e experiências, o que se faz importante para desvendar e enfrentar os problemas atuais.

Em relação aos mitos que permearam a infância dos velhos, a grande maioria disse não conhecer nenhum, e não conseguiam diferenciar se os mitos e as figuras lendárias eram a mesma coisa. Apenas Iris apresentou como mito a Medusa, que para acadêmica era uma deusa má. Na verdade, como não sabia a história direito, não conseguiu atribuir sentido para esse mito, que permite compreender a sociedade primitiva, em que a mulher era responsabilizada pelo abuso sexual, como ainda hoje, uma sociedade machista.

As lendas que mais se revelaram nas narrativas dos velhos são a do Lobisomem, Mula sem Cabeça, Saci Pererê, Curupira, Matinta Pereira, Boto e Iara. Na contação de histórias, fica evidente que os pais, tios e irmãos dos velhos as escolhiam ou porque foram as que escutaram quando pequenos, ou para trazer alguns ensinamentos para os acadêmicos. E, nas falas, percebe-se que compreendem essa relação de significados e ensinamentos nas histórias escolhidas pelos pais, e os olhos e o tom de voz desvelam o prazer em rememorar momentos do passado que os identificam, que marcaram suas vidas e, a sensação é tão boa, que a conversa rende, o que corrobora com a concepção de Bosi (1994, p.139) quando afirma que "a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...] lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito".

Importante ressaltar que, nesses momentos da contação de histórias, os velhos da UMA puderam despertar memórias que estavam adormecidas e sentiram-se à vontade para expô-las, o que possibilitou a eles prazer e distração, e pode-se dizer que é a conservação das próprias histórias, pois encontraram ouvidos atentos para suas narrativas, em que são protagonistas de riquíssimas lembranças carregadas de identidade sociocultural de seus grupos, memórias vivas da família, da sociedade. Ressalta-se que os relatos foram de experiências pessoais, no entanto, vêm carregados de experiências da comunidade em que viveram.

Das histórias contadas há o misto das experiências cotidianas, de um lado as que revelam comunidades em que a família não se organizava em torno da criança, e não se percebe a concepção de infância como uma fase em que há a necessidade de afeto, orientação e educação. De outro, os pais dispunham de seu tempo para estar com os filhos, para contar histórias, compreendiam a importância desses momentos para o desenvolvimento da imaginação, da construção de identidade e dos cuidados afetivos.

Alcançou-se o objetivo de compreender como a narrativa oral pode contribuir para a autoestima do velho e trazer a sensação de pertencimento, dado que durante a pesquisa, nos momentos da entrevista, depreendemos que oportunizar aos velhos a contação de histórias é lançar mão de um valioso instrumento para levantar a autoestima, tornar o velho protagonista de sua história, pois ao narrar torna-se o principal personagem, carrega consigo relatos de um tempo passado, que se transmitem significativo para o presente. Assim, nesses momentos, socializam crenças, valores, lembranças e sentimentos, trocam experiências, o que auxilia na melhoria da qualidade de vida do velho.

Então, a contação de histórias é uma ferramenta importante na educação intergeracional, em que o velho tem um acervo rico na memória para contar para crianças, jovens e adultos, o que fomenta visitar e rever pensamentos, atitudes e crenças, de modo a melhorar a competência interpessoal, para tornar-se mais forte diante de situações sociais desfavoráveis.

Nesse toar, confirma-se nossa hipótese de que as narrativas dos velhos, com seus elementos composicionais, trazem as marcas de uma cultura, que traduz a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade, desenvolve a autoestima, a autopercepção e melhora a qualidade de vida. As palavras de Zeus revelam que a rotina dele foi modificada pela UMA, desde suas necessidades mais básicas ao aumento da sua autoestima e autopercepção.

Destaca-se que o resultado da pesquisa mostrou que, na concepção dos velhos da UMA, os heróis podem ser pessoas comuns que fazem parte do cotidiano, pais, professores, amigos e outros que revelam características e valores morais e éticos que admiram muito, mesmo que não tenham superpoderes, o que os leva a respeitá-las e considerá-las heróis, como pais citados e os professores da Universidade que respeitam e valorizam os velhos, favorecem a independência, o autorespeito, a autoconfiança, as relações sociais, o que propicia o bem-estar, levando-os a serem referências para eles.

Importa destacar, que a escolha dos professores da UMA como super-heróis expõe a UMA como um espaço de voz que oportuniza ao velho enxergar-se como protagonista de sua história, de sua vida e, assim, ser respeitado no cenário familiar e social, pois proporciona, troca de saberes, cultura e integração

social, mais ânimo, mais vontade de viver, o que revela um processo educacional em que há mediação de conhecimentos com foco na pessoa como ser social. Ora, nesse cenário, a Universidade tem a concepção de que os velhos não estão ali só para ocupar o tempo com atividades recreativas, estão ali para saber mais, crescer, mudar, ter mais autonomia, o que vai na mesma direção de Moragas (1991, p. 54) quando afirma que “muita gente se surpreende ao comprovar que pessoas idosas desempenham atividades físicas e intelectuais com plena efetividade”.

Quanto a maioria escolher a Mulher-Maravilha como sua heroína, aquela que caracteriza e vem defender os direitos da mulher, revela como as velhas da UMA veem a evolução do papel do feminino, o seu papel na sociedade contemporânea, papel importante depois da emancipação social das mulheres. Enxergam-se na Mulher-Maravilhada quando têm que assumir vários papéis, como ser profissional atuante, cuidar da casa, ser mãe e ser mulher.

Outro aspecto a destacar é a importância dos heróis em todos os momentos da vida, como quando apontam os professores da UMA como seus heróis, agora na velhice, pois aparecem com papel importante em suas vidas, o que ressalta a necessidade do ser humano de se identificar com figuras, mitológicas ou reais, que possam ser referências para, da melhor forma possível, viver com melhor qualidade de vida.

Ainda, revelou-se nas narrativas que os velhos se identificam com super- heróis que revelam o seu lado humano, mesmo com superpoderes, revelam suas fraquezas, sentimentos comuns do ser-humano, tristezas, medos, angústias e alegrias, seus conflitos pessoais.

Então, é fato que heróis podem ser deuses imortais, como seres humanos comuns, podem ser ricos ou pobres, forte de força bruta ou não, superinteligentes ou com inteligência normal, suas ações podem ser sobre-humanas ou ações comuns que qualquer ser humano consegue realizar, o que os fazem diferentes, heróis, são suas ações em relações às pessoas, como fazem a diferença na vida de cada um, segundo Campbell (2006, p. 21), “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se a aquelas outras fantasias humanas constantes que tendem levá-lo para trás.”

Depreendeu-se que o ato de contar histórias revelam saberes que permitem a reflexão sobre os acontecimentos familiares e sociais que, em momentos de colaboração entre avós e netos, as histórias podem revelar medo, tristeza, pavor, irritação, insegurança agitação, alegria, resiliência, segurança, tranquilidade e solidariedade. Por certo, a relação entre avós e netos é intensa, avigora laços de afeto, confiança, cumplicidade, amor e aprendizagens.

É fato que o tema é muito importante para a educação e muito ainda se tem a entender sobre as relações intergeracionais, por isso a universidade da maturidade deve estar aberta para momentos de contação de histórias entre as várias gerações e, em específico, entre avós e netos, netos de sangue ou não, em que há uma conexão muito carinhosa que pode ser despertada nestes momentos ricos de trocas de sentimentos, momentos de aprendizado de amor e (des)solidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque ele existe e é bom o tempo todo, Ele me dá sabedoria. Meus pais por me ensinarem a sempre amar e respeitar os mais velhos. Aos meus amigos e irmãos sempre juntos nessa caminhada com palavras e gestos de amor e carinho. A minha “Musa” adorável professora Doutora Neila Barbosa Osório, a mãe do doutor Luiz Sinésio Neto, João Paulo e avó do doce Tarcila e do lindo Benjamim. Agradeço imensamente a cada velho da UMA minha fonte inesgotável do saber.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. 4 ed., São Paulo: Scipione, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. In *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005
- ALIVERTI, Márcia Jorge. Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, n.54. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.
- ALMEIDA, R. C. (2001). *Memórias do rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos*. São Carlos, 2001. 120p. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- ARALDI, Marilani. *A descoberta de projetos de vida – contribuição do projeto idoso empreendedor no processo de envelhecimento*. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, UFSC. Florianópolis: 2008.
- ÁVILA, J. J. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. *Senecta, Revista Médica, Clínica e Terapêutica da Terceira Idade*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n.1, p.22-25, 1978, ÁVILA, J. J. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. *Senecta, Revista Médica, Clínica e Terapêutica da Terceira Idade*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n.1, p.22-25, 1978.
- BAILEY, J. First steps in qualitative data analysis: Transcribing. *Family Practice*, 25(2), 2008, p. 127–131. doi:10.1093/fampra/cmn003
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLE, Isabel. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BACELAR, R. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. 2. ed. rev. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, 2002.
- BARTHES, R. *Estrutura da notícia*. In: . *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1966/2003.
- BAYARD, Jean-Pierre. *Histórias das lendas*. Jeanne Mariller. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1957 [Coleção Saber Atual].
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice: uma realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia, Volume, 1970.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _. *A Velhice: uma realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia, 1970.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1).
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

- BOBBIO, Norberto. O tempo da memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan/ fev/ mar/ abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e prática. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega. Petropolis: Vozes. 2002.
- BRASIL . Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- . Lei 8.842, 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 jan. 1994. p.77.
- . Lei 10.741, 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 out. 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul. (1996/1999). Atividade de Linguagem textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo; trad. Anna Rachel Machado, Péricles da Cunha, São Paulo: Educ.
- BROTTO, Fábio. Jogos cooperativos: o jogo e esporte como exercício de cidadania. Campinas: Aratebi, 1999.
- BRUNVAND, J. H. Encyclopedia of urban legends. New York: W.W. Norton & Company, 2002.
- BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUSATTO, C. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. Mitologia na vida moderna. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- CARVALHO FILHO, E. T. de. Filosofia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETO, M. Tratado de Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 2007
- CARSTENSEN, L.L. The Influence of a Sense of Time on Human Development. Science, v. 312, n. 5782, 2006, p.1913-1915.
- CASSIRER. Ernest. Antropologia Filosófica. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASSIRER. Ernest. Linguagem e Mito. Trad. da editora (s/c). Sao Paulo: Perspecpita, 2000.
- CASTRO, O. P. Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaí do Sul: Notadez, 2001.
- CHAUÍ, M. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2005.

- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. COMENIUS. Didática magna. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CRESWEL, J. W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CRITELLI, D. M. História pessoal e sentido da vida: Historiobiografia. São Paulo: ed. EducPucSp, 2012. p.63-76.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.
- DEBERT, G.G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G.G. (Org.). Antropologia e velhice. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 7-27. (Textos Didáticos).
- DEBERT G. G. A reinvenção da velhice. Edusp-FAPESP, São Paulo, 1999.
- DÉGH, L. Legend and belief: dialectics of a folklore genre. Bloomington: University of Indiana Press, 2001.
- DELORS J. Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. 10th ed. São Paulo: Cortez DF MEC UNESCO; 2002. p 89–102.
- DIENER, E., Suh, E. M., LUCAS, R. E., & SMITH, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. Psychological Bulletin, v.125, p. 276-302. Disponível em: http://dipeco.economia.unimib.it/persona/stanca/ec/diener_suh_lucas_smith.pdf. Acessado em: 30 jun.2020.
- DUARTE, Luzia Travassos. Envelhecimento: processo biopsicossocial. (Monografia). Disponível em: <www.psiconet.com/tiempo/monografias/brasil>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- DUARTE, M. J. R. S. Autocuidado para a qualidade de vida. In: CALDAS, C. P. (Org.). A saúde do idoso: a arte de cuidar. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 17-34.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução de Helder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 200.
- ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa: Edições 70, 1989.
- . Mito e Realidade. 6 ed. São Paulo: Prespectiva, 2013.
- FABIETTI, D. M. C. F. Cuidando do Idoso: a saúde e a doença. In: GONÇALVES, R. P. Envelhecer Bem, Recriando o Cotidiano. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.
- FALCÃO, D.V.S.; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. Resiliência e saúde mental dos idosos. In: Falcão, D.V.S. & Araújo, L.F. (Orgs.) Idosos e saúde mental, pp.33-52. São Paulo (SP): Papyrus, 2010.
- FERNANDES, Renata Sieiro. As marcas do vivido sentido: memórias e jovens ex-frequentadores de um projeto de educação não-formal. 2005. 281p. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252889>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FERNANDES, Maria das Gracas Melo; LOUREIRO, Lara de Sa Neves. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. *A Terceira Idade*, v.20, n.45, p.53-66, 2009.

FERRAROTTI, F. Breve nota sobre historia, biografia, privacy. *Historia y fuente oral*. Universidad de Barcelona, n. 2, p.53-58, 1989. [Reedição 1996].

FONTES, A. P. Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida. *Revista Kairós*, São Paulo, Caderno Temático 7, junho 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/3917>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In.: *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar todos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDMAN, S. N. Velhice e Direitos Sociais. In: PAZ, S. F. et al (Orgs.) *Envelhecer com Cidadania: quem sabe um dia*. Rio de Janeiro: CBCISS: ANG/Seção, 2000.

GONÇALVES, R. P. *Envelhecer Bem, Recriando o Cotidiano*. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da História da Infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da infância: Educação e Práticas Sociais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 97 a 118.

GRANJEIRO, I.; COSTA, L. (2006). A ação dos operadores do direito e da psicologia em casos de abuso sexual. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0378.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

HADDAD, E. *A ideologia da Velhice*. São Paulo, Editora Cortez, 1986. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALCOMB, E. J.; DAVIDSON, P. M. Is verbatim transcription of interview data always necessary? *Applied Nursing Research*, v. 19, n.1, 2006, p. 38–42. doi: 10.1016/j.apnr.2005.06.001

HENRIQUE, Márcio Couto. Folclore e medicina popular na Amazônia. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 981-998, 2009.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702009000400008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 08 ago. 2020.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, v.10, n.1, 2011. p. 41-49.

IBGE. Número de Idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acessado em: 10 jun. de 2019.

IBGE. Idosos indicam caminhos para uma melhor idade. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor>

http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1432035743_ARQUIVO_UFFGIlzetePassosMagalhaes.pdf. Acessado em: 10 mai. 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Tradução. Georgina Segurado Lisboa: 70, 1998.

MANNION, Greg. Intergenerational Education: The significance of reciprocity and Place. *Journal of Intergenerational Relationships*, v. 10, n.4, 2012. p. 386-399. Doi:10.1080/15350770.2012.726601.

MARTINS, J. de S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MATOS, Patrícia Ribeiro Mendes Alves de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8. 2004, Coimbra. Anais. Coimbra: CES, 2004. p. 1-22.

Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 1 v.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: ALEPH, 1993.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MORAGAS, R. M. *Gerontología social: envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Herder, 1991.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, v. 23, n. 1, p. 98–106, 2014.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus, 1993.

. *Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2001.

NEWMAN, Sally, & SÁNCHEZ, Mariano. Los programas intergeneracionales: Concepto, historia y modelos. In Mariano Sánchez (Dir.). *Programas intergeneracionales: Hacia una sociedad para todas las edades*. Barcelona: Fundación «la Caixa», 2007. p.34-69.

OAKLANDER, V. *Descobrimos crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo, Summus Editorial, 1980. p.362.

O'NEILL, P. (2016). Intergenerational gatherings among the water and willows. In M. Kaplan, L. Thang, M. Sánchez, & J. Hoffman (Eds.), *Intergenerational contact zones - A compendium of applications*. University Park, PA: Penn State Extension. Disponível em: <http://extension.psu.edu/youth/intergenerational/articles/intergenerational-contactzones/recreation-china>. Acessado em: 10/03/2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300009. Acessado em: 10 mar. 2020.

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório mundial da saúde. Saúde mental: nova concepção, novas esperanças. Lisboa: OMS, 2002.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Guia Clínica para Atención Primaria a las Personas Mayores. 3. ed. Washington, DC, 2003.
- OSÓRIO, Neila Barbosa; SOUZA, D. M.; SILVA NETO, Luiz Sinésio. UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ressignificando vidas. (2013) Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo8-direitosepoliticaspUBLICAS/universidadedamaturidade-ressignificandovidas.pdf>. Acesso em: 10. jan. 2020.
- PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Universidade da Maturidade - UMA – UFT, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PAUL, Constança; FONSECA, António. Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi Editores, 2006. ISBN 978-972-796-18-56.
- PERELMAN, C. Ética e direito. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 20 jun. 2020.
- . Memória e Identidade Social. In: Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992.
- PINHEIRO JUNIOR, G. O Brasil de cabelos brancos: dos conceitos e números sobre a velhice a universidade da terceira idade. 2003. 100 f. (Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Instituto de Ciências Humanas. Campinas, 2003.
- PRETI, D. A linguagem dos idosos: Um estudo da análise da conversação. São Paulo: Contexto, 1991.
- RAMOS, L.R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos Residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15882.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2007.
- RAMOS, A. C. (2009). Cultura Infantil e Envelhecimento: O que Crianças têm a dizer sobre a Velhice? Um Estudo com meninos e meninas da Periferia de Porto Alegre (Dissertação de mestrado não publicada). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RAMOS, Anne Carolina. Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na educação das Crianças. 2011, 464f. Tese (Doutorado) em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32306/000785424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 30 abr. 2020.
- RANDALL, L. Narrative intelligence and the novelty of our lives. Journal of Aging Studies, v. 13, n.1, 1999, p.8-18.
- RAWLS, John. Justiça como equidade: uma reformulação. São Paulo: M. Fontes, 2003.

ROCHA, E. O que é mito. 5 ed. São Paulo. Brasiliense, 1991.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e Contação de histórias. Goiânia. 2005.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Pedagogia afetiva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SÁ, C.P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, n.14, (Ano 9), 2012. p. 94-103

SÁEZ, Juan (2002). Hacia la educación intergeneracional. Concepto y posibilidades. In Juan Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: educación de personas mayores* (pp. 99–112). Málaga: Aljibegerontology. *Education and Ageing*, v. 17, n.1, 1352-8580.

SALGADO, M.A. Conceituação de velhice. *Terceira Idade*, São Paulo, ano VI, n. 11, mar. 1996. SESC.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os Grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. Políticas públicas para a habitação do idoso. *A Terceira Idade*, v. 39, São Paulo, 2007.

SANCHES-JUSTO, Joana; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pesquisa em psicologia social com a terceira idade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.9, n.2, 2010. p.168-171.

SANTOS, Sônia Maria; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. *Cadernos de História da Educação – nº6 – jan./dez. 2007*. pp.1-11.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Conocer desde El Sur: Para uma cultura Política Emancipatória*. Fundo Editorial FCS: Lima, 2006.

SANTIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. *Saeculum- Revista de História*. Revista[18]; João Pessoa, jan/ jun. 2008. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11395>. Acesso em 10 de mar. 2020.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/2002.

SCHIRRACHER, Franck. A ditadura dos jovens. *Revista Veja*, 18 de ago. de 2014.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Tradução Maria do Carmo Ventura Wollny. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SELIGMAN, M.E.P., & CSIKSZENTMIHALYI, M. (2000). Positive psychology. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=2005-08033-003>. Acessado em: 30 mai. 2020.

SILVA, Camila Cuencas Funare Mendes; CORREA, Marieli Rodrigues . Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil. *Pensando Famílias*. Porto Alegre, v.18, n.1, jun 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100011. Acessado em: 20 dez. 2019.

SILVA ACS; SANTOS I. Promoção do autocuidado de idosos para o envelhecer saudável: aplicação da teoria de Nola Pender. *Texto Contexto Enferm*. 2010.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000400018. Acessado em: 02/10/2018.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativismo e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo. Unesp. 1995.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

SILVEIRA, Éder da Silva. *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SISTO, C. (2005). *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Curitiba: Editora Positivo.

SOUTO, Luiza. *A culpa não é do boto*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/boto-para/#cover>. Acessado em: 10 mar. 2020.

TEIGA, M. *As relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas*. Lisboa: Instituto politécnico de lisboa - Escola Superior de Educação de Lisboa, 2012.

TEIXEIRA, A. *Pequena introdução à Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VASCONCELOS, Benedito Clarete de. *A arte de contar histórias: uma experiência de cuidado no projeto de extensão Palhasus*. 2016. Dissertação.UFPB, João Pessoa. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8741>. Acesso 11 mar. 2020.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA, Albertina; RAMOS, Natália; MONTERO, Inmaculada. *Elaboração de Programas Intergeracionais. O desenho do perfil comunitário*. Educação, Sociedade & Culturas, n. 44, 2015. p. 31-47.

Weschenfelder, G. V. (2011). *Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética*. (Dissertação de mestrado não publicada). Mestrado em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman.

Yunes MAM. *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda [tese]*. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

ZATERKA, Luciana. *A filosofia experimental na Inglaterra do século XVIII: Francis Bacon e Robert Boyle*. São Paulo: FAPESP, 2004.

ANEXOS ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Na sua infância, seus pais, tios, irmãos contavam histórias para vc?
- 2) Quais histórias seus pais, tios, irmãos contavam para você?
- 3) Dessas histórias quais você mais gostava e qual marcou sua infância? Como?
- 4) Alguém falava de mitos para você? Você conhece algum mito(s)? Qual (is)?
- 5) Você sabe o que é uma lenda? Alguém já contou alguma lenda para você? Qual(is)? Alguma lenda marcou sua vida? Como?
- 6) Alguma lenda ficou gravada na sua memória? Conte por quê?
- 7) Qual (ais) Super-herói (s) dos quadrinhos e filmes você conhece?
- 8) Quais características de um super-heróis que mais fascinam você?
- 9) Com qual super-herói você se identifica? Por quê?
- 10) Você gostaria de um contador de histórias? Que tipo de histórias você gostaria de contar?

EDITORA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

ORGANIZADOR DO LIVRO

Silvanis dos reis borges pereira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Alan Ferreira de Moraes

BIBLIOTECÁRIA

Aline Grazielle Benitez

IMAGENS DE CAPA

AdobeStok

ÁREA DO CONHECIMENTO

Educação

2022 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2022 Os Autores

Copyright da Edição © 2022 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pela autora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Silvanis dos Reis Borges

A intergeracionalidade por meio da contação de histórias na universidade da maturidade da universidade federal do Tocantins [livro eletrônico] / Silvanis dos Reis Borges Pereira. -- Palmas, TO : Seven Events, 2023. PDF.

ISBN 978-65-84976-27-6

1. Contação de histórias 2. Educação
3. Lendas 4. Literatura brasileira 5. Narrativas orais 6. Universidade Federal do Tocantins (UFTO)
I. Título.

23-143309

CDD-808.5

Índices para catálogo sistemático:

1. 1. Narrativas orais : Ensaios : Literatura 808.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOI – 10.56238/intemcohisunivtocanti

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra **DECLARAM** para os seguintes fins que:

1. Não possui qualquer interesse comercial que enseje um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado;
2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; "
3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos e vícios de autoria;
4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas;
5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa;
6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Seven Publicações Ltda.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Seven Publicações Ltda **DECLARA**, para fins de direitos deveres e eventuais acepções metodológicas ou jurídicas, que:

1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, constituindo direito sobre a publicação e reprodução dos materiais. Não se responsabilizando solidariamente na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; Sendo única e exclusivamente responsabilidade do (s) autor (es) a verificação de tais questões autorais e outras, se eximindo portando a Editora de eventuais danos civis, administrativos e penais que surjam.
2. Autoriza A **DIVULGAÇÃO DA OBRA**, pelo (s) autor (es) em palestras, cursos eventos, shows, meios midiáticos e televisivos, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos **CRÉDITOS** a **SEVEN EVENTOS ACADÊMICOS**, podendo ser responsabilizado o autor (es) e divulgadores pela omissão/apagamento de tais informações;
3. Todos os e-book são open access, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico. Sendo, portanto, isenta de repasses de direitos autorais aos autores, vez que o formato não enseja demais direitos que não os fins didáticos e publicitários da obra que podem ser consultados a todo momento.
4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro;
5. A Seven Eventos Acadêmicos, não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra, em conformidade ao Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.



Silvanis dos Reis Borges Pereira

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), mestre em Educação pela UFT, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM. Professora Universitária da Universidade Estadual do Tocantins UNITINS. Pesquisadora na área de educação intergeracional.

Nas páginas deste livro, você vai encontrar a concepção de velhice como uma fase natural da vida que pode ser vivida intensamente, com boas relações interpessoais, atividades físicas, relações sociais, realizando sonhos e vivendo relações intergeracionais, um processo ativo de envelhecimento com bem-estar e qualidade de vida. Aqui você vai descobrir o quanto os velhos têm a nos contar, como são ricos de saberes e que esses saberes podem ser compartilhados comigo, com você, com todos nós. Que tal mergulhar nessa leitura?

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1

Pirâmide Etária

.....11

Gráfico 2

População em Idade Ativa 2000/2020

.....13

Quadro 1

Participantes da pesquisa

.....33

LISTA DE TABELA

Tabela 01

Crescimento médio dos grupos etários por década

.....33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIA	População Idade Ativa
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UMA	Universidade da Maturidade do Tocantins

SUMÁRIO

RESUMO

..... 1

1- INTRODUÇÃO

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-001](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-001)

..... 2

2 - ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-002](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-002)

..... 7

2.1 - Conceituando a velhice

..... 7

2.2 - O envelhecimento no Brasil

..... 10

2.3 - Intergeracionalidade

..... 14

2.4 - Educação intergeracional

..... 17

2.5 - O velho e universidade da maturidade: espaço de partilhar memórias

..... 19

3 - MEMÓRIAS DOS VELHOS: UM MUNDO A REVELAR

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-003](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-003)

..... 24

3.1 - Memórias dos velhos

..... 25

3.1.1 - Mitos

..... 27

3.1.2 - Lendas

..... 28


3.1.3 - Super-heróis

..... 29

4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

  [10.56238/intemcohisunivtocanti-004](https://doi.org/10.56238/intemcohisunivtocanti-004)

..... 31

4.1 - Metodologia	31
4.2 - Local da pesquisa e os participantes	32
4.3 - Entrevistas	34
4.3 - Transcrição e análise das narrativas	36
5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
 10.56238/intemcohisunivtocanti-005	37
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
AGRADECIMENTOS	64
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	74

A intergeracionalidade por meio da contação de histórias na universidade da maturidade da Universidade Federal do Tocantins

Silvanis dos reis borges pereira

Doutoranda em Educação pela

Universidade Federal do Tocantins

(UFT), mestre em Educação pela UFT, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM.

Professora Universitária da Universidade Estadual do Tocantins UNITINS. Pesquisadora na área de educação intergeracional.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado versa sobre a representatividade dos mitos, lendas e super-heróis na vida dos velhos da Universidade da Maturidade da UFT- UMA. Tem como objetivo geral: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos e o elo entre o presente e o passado, que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: i) identificar por meio das narrativas orais os mitos, as lendas e os super-heróis dos velhos da UMA;

ii) compreender como a narrativa oral pode contribuir com a autoestima do velho e trazer a sensação de pertencimento; iii) entender como a narrativa oral pode ser ferramenta para a educação intergeracional. Participaram do estudo 34 acadêmicos matriculados no ano de 2019 da Universidade da Maturidade - UMA da Universidade Federal do Tocantins do campus de Palmas. Os dados foram coletados por meio de entrevista, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Como resultados, pode-se apontar que as narrativas estão relacionadas à infância, ao convívio familiar e as relações de afetividade com pais, irmãos e parentes. Também relacionam às pessoas que transformaram suas vidas. Os velhos desnudam uma grande gama de sentimentos, na sua grande maioria, sentimentos bons de momentos em que os pais se fizeram presentes nas vidas dos filhos e as famílias, nesses momentos de contação de histórias realizados, valem-se dos mitos, lendas e super-heróis para passar para os filhos ensinamentos de um conjunto de valores e significados, culturas. Em poucas narrativas, foram evidenciadas marcas profundas de situações sentidas como abandono, feridas que se abriram na infância, que por meio da memória

foram resgatas, reveladas, estavam ali. Desvelam que os heróis podem ser pessoas comuns que fazem parte do cotidiano, pais, amigos, professores e outros que revelam características e valores morais e éticos que admiram muito. Apontam os professores da UMA como seus heróis, agora na velhice, pois aparecem com papel importante em suas vidas. Identificam-se com super-heróis que revelam o seu lado humano, mesmo com superpoderes, sentimentos comuns do ser humano, tristezas, medos, angústias e alegrias, seus conflitos pessoais. Verificou-se que as narrativas orais podem propiciar o protagonismo, trazer a sensação de pertencimento, o que contribui para aumentar a autoestima do velho, pois ao narrar torna-se o principal personagem, carrega consigo relatos de um tempo passado, que se transmitem significativamente para o presente.

Palavras-Chave: Acadêmicos da Universidade da Maturidade. História de vida. Mitos. Lendas. Super-heróis.

ABSTRACT

This Master's research is about the representativeness of myths, legends and superheroes in the life of the elders of University of Maturity UFT-UMA. The general objective is to understand the memory of the old through the narratives of legends, myths and superheroes in the voices of the old of the U.S.A., their representativeness in the lives of these scholars and the link between the present and the past, which unfolds in the following specific objectives: i) identify through oral narratives the myths, legends and superheroes of the elders of the U.S.A.; ii) understand how the oral narrative can contribute to the self-esteem of the old and bring the feeling of belonging; iii) understand how oral narrative can be a tool for intergenerational education. The study involved 34 academics enrolled in the year 2019 of the University of Maturity - UMA of the Federal University of Tocantins of the Palmas campus. The data were collected through interview, it is a research of applied nature and qualitative

approach. As a result, it can be pointed out that the narratives are related to childhood, family coexistence and affective relationships with parents, siblings and relatives. They also relate to people who have transformed their lives. The old have a great range of feelings, in the vast majority, good feelings of moments when parents became present in the lives of their children and families, in these moments of storytelling accomplished, rely on myths, legends and superheroes to pass on to their children teachings of a set of values and meanings, cultures. In a few narratives, profound marks of situations felt as abandonment were evidenced, wounds that opened up in childhood, which through memory were rescued, revealed, were there. They reveal that heroes can be ordinary people who are part of everyday life, parents, friends, teachers and others who reveal

characteristics and moral and ethical values that they greatly admire. They point to UMA teachers as their heroes, now in old age, because they appear with important role in their lives. They identify with superheroes who reveal their human side, even with superpowers, common feelings of the human being, sorrows, fears, anguish and joys, their personal conflicts. It has been found that oral narratives can propel the protagonism, bring the feeling of belonging, which contributes to increase the self-esteem of the old, because by narrating it becomes the main character, carries with it accounts of a past time, that transmute significantly to the present.

Keywords: Academics of the University of Maturity. Life History. Myths. Legends. Superheroes

1 INTRODUÇÃO

O desejo de fazer essa pesquisa vem desde o primeiro dia que entrei na Universidade da Maturidade do Tocantins - UMA, das relações de afetividade, empatia e amizade que vêm se desenvolvendo entre professora-alunos e, também, carinho demonstrado durante o período que desenvolvi com os velhos atividades culturais, festivas e educativas. Essa inquietação vem da busca para entender o que é qualidade de vida para o velho, qual função desenvolvida pelas relações intergeracionais para melhorar a qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade do Tocantins.

Atualmente, muitos estudos são realizados sobre o aumento crescente da expectativa de vida do ser humano e sobre os fatores que impactam diretamente na qualidade de vida do idoso. E, observando, no dia a dia das aulas, as relações se desenvolvendo entre os estudantes, entende-se que é preciso identificar meios para que esses idosos cuidem além do físico, do social, e do psicológico. Diante desta realidade, faz-se necessário refletir sobre a importância da memória desses velhos, como são contadores de histórias instigantes, em que suas mentes fantasiosas podem favorecer a educação intergeracional e trazer à tona elementos culturais de uma comunidade que, até então, podem estar esquecidos, ou seja, trazer a história.

Esses velhos viveram em um tempo em que não havia celulares, computadores, nem mesmo a televisão, viviam mais próximos, sentavam-se à porta das casas, à noite, após o jantar, para contar histórias de sua infância, histórias que pais, avós, tias, contavam, que vivenciaram, que ouviram sobre a explicação de fatos corriqueiros das comunidades, como percebiam seus problemas, experiências e as dificuldades. Então, a luz da lua, eram narradas as lendas, os mitos, as histórias, algumas causavam pânico, outras risos, outras revelavam as características sociais e culturais da região em que viviam e, hoje, eles podem deliciar as gerações mais jovens narrando essas histórias, as suas histórias.

A população de velhos cresce aceleradamente mundialmente e, no Brasil, não é diferente, o que acarreta mudanças consideráveis no contexto social, nesse novo cenário, revelam-se novos paradigmas para o envelhecer. Dessa forma, faz-se preciso conhecer, ouvir, dar voz a essa população para contarem suas vivências e, por meio das narrativas orais, conhecer as suas subjetividades, entender como se adaptam ao processo de envelhecimento.

Nesse novo cenário de aumento da esperança de vida, há a concomitância de várias gerações, o que resulta em interações entre as gerações, então, faz-se preciso estratégias que estimulem o respeito pela diversidade e a diferença, a pluralidade de valores, os costumes e as identidades individuais ou coletivas, o que na concepção de Sáez (2002, p.104) requer o desenvolvimento da educação intergeracional que são “processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respetivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal.” Nesse viés o velho é concebido como educador, similarmente como educando. Nessa permuta favorece o desenvolvimento ético e cultural, bem como humaniza as relações interpessoais.

A interação dos velhos e gerações mais jovens pode ser muito prazerosa e enriquecedora, dado que o velho pode resgatar informações importantes, por meio da contação das suas histórias, sobre a sociedade da época, da família, costumes, valores, podendo ser referência para as novas gerações, dado que, segundo Randall (2002), o envelhecimento é um processo biográfico, compreende incessantemente o contar e o recontar contínuos da experiência vivida.

Precebe-se que as narrativas pessoais se realizam frequentemente na fala de dos velhos por sua habilidade natural de contarem histórias, dado que eles fazem uso das memórias do passado para analisar o presente, como se buscassem preservar a imagem social por meio da linguagem (Preti, 1991). Ainda, nas atividades de contar suas histórias, são desveladas distintas experiências de mundo, são despertados sentimentos de valorização do sujeito, sentem-se vivos, sentem-se parte ativa da sociedade, proporcionam ao velho a confirmação da identidade do “ocupar-se consigo mesmo”, (FOUCAULT, 2004). E o sentimento de ser capazes de contar sua história para alguém que dê ouvidos, ouvidos atentos, pode fortalecer as relações familiar e social, as relações intergeracionais.

Nesse contexto, quer-se dar ouvidos aos velhos da UMA, ouvidos atentos, possibilitar um espaço de relações intergeracionais, por isso este trabalho versa sobre a representatividade dos mitos, lendas e super-heróis na vida dos velhos da Universidade da Maturidade da UFT- UMA. Na velhice, rememorar é revelar a própria imagem construída durante a vida, é trazer à tona histórias e sentimentos, é ressignificar as experiências e a própria existência, pois, segundo Bobbio (1997, p.30), “somos aquilo que lembramos”. Então, as recordações são elementos típicos do processo da identidade formada no presente (MATOS, 2004). Ainda, na concepção de Bosi (2012), o velho, por meio das lembranças narradas no presente, dá acesso, revela um mundo social rico e diverso não conhecido no presente. Assim, é por meio das narrativas que os velhos resgatam as tradições e lembranças de tempos passados, e são pelas memórias dos velhos que

as gerações mais jovens compreendem as transformações acontecidas no tempo, no espaço, na história, no imaginário.

As memórias possibilitam, por meio do recordar trazer a realidade acontecimentos vividos, a identificação de valores. Ademais, “se a vida humana não consiste numa sucessão de feitos. Se a vida humana tem uma forma, ainda que seja fragmentária, ainda que seja misteriosa, essa forma é a de uma narrativa: a vida humana se parece com uma novela” (LARROSA 2002, p. 145), pois a vida humana é uma história entremeadada a outras e a história da humanidade, dado que é tecida por fatos, por vários personagens que se apensam à narrativa, construindo-a nos espaços em que se vive e durante o tempo de vida.

Ainda, corrobora Ferrarotti (1996, p.183) quando afirma que

(...) cada vida individual, todas as vidas individuais, são documentos de uma humanidade mais ampla, com suas descontinuidades históricas. O fio que une esses mosaicos biográficos, singulares ou coletivos, em suas diferentes perspectivas, é a articulação do tempo coletado em seu duplo aspecto da experiência individual e coletiva, dos momentos mutuamente integrados (Tradução autora).

Nessa perspectiva, acredita-se que, por meio da história, os velhos reconstruem suas vivências e experiências, resignificam o presente, e desvelam sentimentos que precisam ser enfrentados para desenvolverem relações sociais, ocuparem seus espaços, para ter melhor qualidade de vida nessa fase. Faz-se, então, importante dar voz aos velhos, pois Almeida (2001, p.33) afirma que “A memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. A partir dessas memórias, pode-se compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente.”

E esses aspectos naturais do ser humano é que revelam que o velho deve ser ouvido, pois lhe é peculiar transmitir a tradição, os valores e os costumes para as gerações mais jovens. Nesse cenário, são guardiões da história e necessitam dessa história para dar sentido a sua vida, pois “(...) o passado pertence aos velhos que exercem uma função peculiar: de refletir e escavar lembranças (ALMEIDA, 2001, p. 28).

Sabe-se que o medo e o mistério concatenados aos fenômenos originados da natureza compõem o imaginário humano e é, na busca para explicar os medos, desde a antiguidade, que o indivíduo cria representações em relação a acontecimentos e situações, assim surgem os mitos, as lendas, na busca de justificar as histórias na sociedade. Então, é a história, a memória cultural que busca o sentido da vida, e esse sentido é revelado às gerações mais jovens por meio de narrativas, de repetições.

Os velhos relatam fatos, por meio das narrativas orais, em que dão vidas a personagens enigmáticos, que habitam nos rios, nas matas, no imaginário, são histórias que ouviram e viveram e que hoje residem na memória, são as lendas, narrativas orais sobre algo fabuloso, sobre o princípio de uma realidade em que o homem e a natureza se misturam na interpretação de fenômenos naturais que, nas vozes dos velhos, são tomadas como verdade, pode-se dizer que a lenda retrata algo mítico.

Ainda, que o tempo passe, mudem costumes e culturas, os super-heróis estão lá, com protótipos diferentes, mas capazes de realizar atos acima da capacidade humana, por isso o encantamento por essas

figuras continuam, sendo criança, jovem, adulto ou velho, todos precisam ou se identificam com um super-herói. Os super-heróis exercem um certo fascínio em muitas pessoas, talvez, porque buscam acreditar que lutam pelo próximo, mesmo possuindo defeitos e qualidades e desprovidos de superpoderes, são super-heróis e, observando bem, no dia a dia, encontram-se esses heróis cotidianos.

Os velhos não podem e não devem abandonar suas memórias, ignorar suas lendas, mitos, seus super-heróis, sua história, se isso acontece se esvaziam suas vidas e, conforme Schirmacher (2005), tira-se dos velhos sua dignidade, sua biografia, sua memória, exclui o velho socialmente, pois nas suas narrativas, com seus elementos composicionais, trazem as marcas de uma cultura que traduz a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade.

Nesse contexto, tem-se como objetivo da pesquisa: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos. Para tal, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a representação dos mitos, lendas e super-heróis para os velhos da UMA revelada por meio das narrativas orais?

A partir desta delimitação de problema que seria o foco da pesquisa, passou-se a buscar pela resposta do seguinte questionamento que gerou o objetivo geral: compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos.

Nesse limiar, para alcançar o objetivo geral, traçou-se os seguintes objetivos específicos: i) identificar por meio das narrativas orais os mitos, as lendas e os super-heróis dos velhos da UMA; ii) compreender como a narrativa oral pode contribuir com a qualidade de vida do velho e trazer a sensação de pertencimento; iii) entender como a narrativa oral pode ser ferramenta para a educação intergeracional.

A Hipótese neste estudo é de que as representações dos velhos sobre mitos, lendas e super-heróis trazem as marcas de uma cultura, de valores que traduzem a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade, desenvolve a autoestima e melhora a qualidade de vida.

O escopo da pesquisa abrangerá 34 (trinta e quatro) acadêmicos matriculados no ano de 2019 da Universidade da Maturidade - UMA da Universidade Federal do Tocantins do campus de Palmas.

Escolheu-se como método de pesquisa o estudo de caso, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Utilizou-se do estudo de caso por, segundo Gil (2007, p.58), ser compreendido “como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno.” Este trabalho foi organizado em seis seções sendo que a primeira, esta, a introdução que com a concepção de que o velho, por meio das lembranças narradas no presente, dá acesso, revela um mundo social rico e diverso não conhecido, traz uma breve apresentação sobre o objeto de estudo, o problema da pesquisa e os objetivos gerais e específicos.

A segunda apresenta o referencial teórico que discorrerá sobre o conceito de a velhice, na concepção dos autores: Bacelar (2002), Debert (1999), Messey (2007), Carvalho Filho (2007), Hadad (1986), Beauvoir (1990), Duarte (2001), Salgado (2007), Neri (2001), Araldi (2008) e da Organização Mundial de Saúde,

em que a velhice é discutida como experiência comum a todos, porém é um processo único de indivíduo para indivíduo. E a Universidade da Maturidade do Tocantins-UMA que, por meio da educação, possibilita ao velho o protagonismo social, gerando novas perspectivas para sua vida, ao disponibilizar um lugar de relações sociais, de troca de experiências, lugar de narrar suas vivências.

A terceira seção traz uma discussão sobre a memória enquanto criação psíquica e intelectual que retorna ao passado, seletivamente, para buscar, recordar eventos de um indivíduo pertencente a um contexto social e cultural, Especificamente a memória dos velhos que é fonte de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que se vive, sobre as pessoas e acontecimentos, sobre mitos, lendas e super-heróis. A memória dos velhos revela a sabedoria da existência, narra experiências únicas que desvelam uma memória coletiva de outra geração, de comunidades distintas, a história carregada de significados.

Na quarta seção, descreve-se método de pesquisa que é o Estudo de Caso, a abordagem que é qualitativa e a natureza aplicada e traça os caminhos que foram percorridos para a realização do trabalho. Apresenta-se, também, o local, os sujeitos e as etapas da pesquisa, que têm abordagem qualitativa, e foi planejada e desenvolvida em quatro etapas: entrevistas semiestruturadas, presenciais, no espaço da UMA; rodas de conversas no ambiente virtual google-meet, transcrição das entrevistas e análise dos dados coletados.

A quinta traz as narrativas orais dos velhos da UMA e os significados revelados nas experiências, nos sentimentos e significados que se misturaram contados, por meio da história oral temática, nas narrativas em que os velhos desvelaram os mitos, lendas e os super-heróis que permearam suas vidas desde a infância, as representações dessas experiências registradas nas lembranças, bem como os costumes, a cultura, a herança, a memória.

Na última seção, tece-se as considerações finais sobre as experiências e significados apresentados nas narrativas orais sobre mito, lendas e super-heróis dos velhos da UMA que estão relacionadas à infância, ao convívio e as relações de afetividade com a família. A concepção diferente de super-herói como pessoa comum que pode transformar vidas. E como as narrativa orais, os momentos de contação de suas histórias podem contribuir para aumentar a autoestima do velho, trazer a sensação de pertencimento e servir de vínculos afetivos com seus netos.

2 ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE

2.1 CONCEITUANDO A VELHICE

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), é considerado Velho a pessoa com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. De acordo à OMS (2005, p.13), o “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social (DEBERT, 1999).

Então, coaduna-se com Bacelar (2002, p.29) quando afirma que

velhice não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre as características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. O conceito cronológico seria determinado a partir os 65 anos nos países desenvolvidos, e dos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Na concepção da autora, não há como conceituar a velhice tomando como base apenas o critério cronológico. Deve-se considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que o velho apresenta.

Para Messy (1993, p. 18), “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais”.

Carvalho Filho (2007, p. 105) considera que o envelhecimento “pode ser conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas que vão alternando progressivamente o organismo, tornando-o mais suscetível às agressões intrínsecas e extrínsecas”.

Haddad (1986, p. 27) caracteriza a velhice citando um texto de Ávila (1978),

o que caracteriza a velhice não é a quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof¹. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende². O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho.

Esses fatores, citados pela autora, leva a conjecturar que desencadeiam sentimentos destrutivos de inutilidade e perda, que acentuam os conflitos internos dos velhos, relacionados à desmotivação, dificuldade de adequar-se a novos papéis sociais, sem estímulo para pensar e planejar o futuro.

¹ Microbiologista e zoólogo russo nascido em 1845, na Ucrânia, e falecido em 1916. Recebeu o Prêmio Nobel da Fisiologia e da Medicina em 1908, juntamente com o cientista alemão Paul Ehrlich, por ter descoberto os fagócitos e o seu papel na defesa do organismo (INFOPÉDIA, s/d).

² Nicola Pende, médico italiano, criou o termo biotipologia, para identificar, nos anos 1920, a “ciência das constituições, temperamentos e caracteres” (CUNHA 2002).

De acordo Gonçalves (2010, p.23), o envelhecimento envolve fatores biológicos, físicos e psicológicos que vai “proporcionando perdas na tomada de decisões, lentidão, capacidade de analisar e sintetizar, insegurança, dependência e confusões mentais”. Ainda, revela características desse processo, a introspecção, resultante de problemas de relações interpessoais e a dificuldade de equilíbrio.

A Lei 8.842/1994, Lei da Política Nacional do Idoso, em seu art. 2ª, dispõe que “Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”.

Simone de Beauvoir (1990, p.17) lança um olhar crítico sobre a velhice, quando destaca que:

a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.

Para Beauvoir (1990, p.15), “a velhice é como um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada.” Então, indere-se que, para a autora, a velhice é carregada de subjetividade, desenha-se nos aspectos relacionais e funcionais. Então, na concepção da autora,

a velhice modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca um estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence (BEAUVOIR, 1990, p.15).

Nesse mesmo toar, a longevidade cada vez mais acentuada aparece como um paradoxo em relação a uma sociedade em que há supervalorização das aparências, da juventude. Como esconder as marcas do tempo, na face, no corpo envelhecido que apontam para o sentido negativo da velhice, em que o velho é desvalorizado, visto como improdutivo, mesmo portador de experiência e sabedoria adquiridas ao longo dos anos de vida. “Enquanto o sentimento íntimo de juventude permanece vivo, é a verdade objetiva da idade que aparece uma aparência, tem-se a impressão de estar usando uma máscara emprestada” (BEAUVOIR, 1990, p. 363).

Nesse viés, cita-se o poema de Cecília Meires, Retrato, que desvela quão profunda é a questão da velhice, dos anos que passam e não se percebe as marcas externas e muitas, também, internas, mesmo que se tenha a juventude interna, que se esteja ativo, a “máscara” está ali, e parece que só revela a passagem dos anos, o lado negativo da velhice.

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro, Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança, Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida a minha face?
(MEIRELES, [1939] 2001, p. 232)

Questiona-se porque, sendo uma condição natural da vida humana, é tão difícil a aceitação social que leva o velho a se perguntar em que momento da vida perdeu sua identidade. Ora, se o velho fica sem atividade, normalmente perde sua identidade, o que acarreta o sentimento de inutilidade diante da vida. E, segundo Beauvoir (1990, p.129),

é no corpo que aparecem as características mais evidentes do envelhecer. A senescência vai modificando também a conduta: os relacionamentos pessoais já não são os mesmos de períodos anteriores da vida, todo o afetivo e o emocional do sujeito têm outras feições e expressões, a presença entre os parentes, amigos e conhecidos tomam formas distintas, a própria história pessoal e até o sentido da existência passam a apresentar outros significados. A sociedade, por sua vez, reserva ao idoso novos lugares, papéis e status, dando-lhe um tratamento bem diverso do que lhe concedia nas etapas anteriores de sua vida.

Entende-se que no limiar do pensamento da autora, envelhecer é um processo em que há mudanças físicas, psíquicas e sociais, como em qualquer outra fase da vida em que transformações acontecem e são vivenciadas. Então, não se pode olvidar que envelhecer deve ser compreendido como um ciclo natural dos indivíduos, é inevitável, uma ação do curso da vida, como descrito por Salgado (1996), quando afirma que o envelhecimento tem seu início com o nascimento e termina com a morte, assim

ao lado da indagação sobre o que é velhice, podemos lançar outras questões como, por exemplo: o que vem a ser infância, a juventude e, mesmo, a idade adulta? As ciências que por longo tempo já vêm desenvolvendo amplos estudos sobre essas etapas da vida ainda não conseguiram compor definições que satisfaçam integralmente a natureza especulativa dos homens, pois, para qualquer proposta apresentada, sempre serão descobertos aspectos não considerados, mais ou menos importantes segundo as diferentes óticas de análise, convertendo as definições em simples aproximações, de caráter absolutamente temporal (SALGADO 1996, p.5)

Nesse toar, para compreender a velhice, é necessário lançar um olhar para o todo, ou seja, para os aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Segundo Beauvoir (1990, p.108),

é o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins.

Reforçando a concepção da autora, entende-se que as representações sociais são desenvolvidas no jogo das relações sociais, construídas por meio de crenças, valores, adsorvidas criadas e fortalecidas pelos indivíduos durante a vida. Portanto, a concepção de velhice, positiva ou negativa, está relacionada aos elementos formadores das representações, comportamentos e ideias sociais que retratam o momento sócio-histórico.

Envelhecer é uma experiência comum a todos que conseguem viver longa vida, porém é um processo único de indivíduo para indivíduo, visto que está relacionado com as experiências vivenciadas durante a vida (PAÚL; FONSECA, 2008).

Duarte (2008, s/p) conceitua envelhecimento como um processo natural de todo o ser humano, processo com as seguintes características: “[...] é universal, por ser natural, não depende da vontade do indivíduo, todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece, e morre. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina [...] nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter”.

Para Salgado (2007, p. 68),

o envelhecimento é um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos.

É relevante compreender que a velhice é resultado de fatores biológicos, cronológico e psicológicos, como também do meio e das condições em que se vive.

Nesse toar Araldi (2008, p. 16) afirma que

o envelhecimento é complexo e compreende determinadas características: Para entender o processo de envelhecimento é necessário ter uma compreensão da totalidade e da complexidade do ser humano, pois cada aspecto seja biológico, cultural ou social não estão desconectados. Desse modo, entende-se os ciclos pelo qual o ser humano perpassa na sua existência.

Então, envelhecer é um processo multidimensional, é uma fase natural da vida e o indivíduo para sentir-se dono de suas ações, ser autônomo, deve buscar vivê-la de forma saudável, tanto física como psicologicamente.

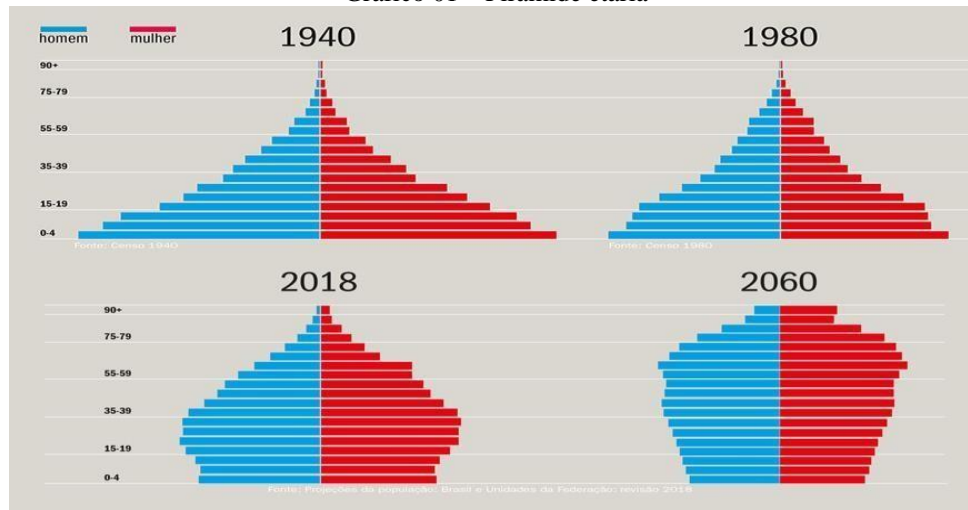
“A velhice é a última fase do ciclo vital e é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especializações cognitivas” (NERI, 2001, p. 69). Corrobora Beauvoir (1970, p.17) quando expõe que “a velhice não é um fato estático; é o término e o prolongamento de um processo, processo este denominado de envelhecimento”.

Nessa perspectiva, a velhice é inerente ao ser humano, desde que aspire viver muitos anos, e é um processo dinâmico e progressivo que compreende diferentes fatores. Nesse viés, “o envelhecimento saudável “é a interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica” (RAMOS, 2003, p.794).

2.2 O ENVELHECIMENTO NO BRASIL

A população velha tende a crescer no Brasil, segundo projeção do IBGE (2019), em 2043, um quarto da população terá mais de 60 anos, por outro lado a proporção de jovens até 14 anos deve cair, será de 16,3% apenas, conforme pode ser visualizado no Gráfico 1.

Gráfico 01 – Pirâmide etária



Fonte: IBGE (2019)

“A relação entre a porcentagem de velhos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento” (IBGE, 2019, s/p), conforme evidencia o Gráfico 1, a população de velhos deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060. “Esse processo pode ser observado graficamente pelas mudanças no formato da pirâmide etária ao longo dos anos, que segue a tendência mundial de estreitamento da base (menos crianças e jovens) e alargamento do corpo (adultos) e topo (idosos) (IBGE, 2019, s/p).

Segundo o IBGE (2017), a população brasileira ultrapassou 30,2 milhões de velhos em 2017. Ainda, constatou que, em 2020, a população de velhos representará 13% da população total e apresentará um crescimento contínuo alcançando em 2025, 34 milhões de velhos, o que corresponde a 15% da população brasileira e, em 2050, serão aproximadamente 64 milhões de velhos, 27% da população total. A tabela a seguir traz uma projeção do crescimento médio por grupos etários.

Tabela 01 - Crescimento médio dos grupos etários por décadas

Período	0 - 14 anos	15 - 64 anos	65 + anos	Razão crescimento
				Idosos/ativos
2001 - 2010	-0,4%	1,7%	3,1%	1,83x
2011 - 2020	-1,2%	1,1%	4,2%	3,77x
2021 - 2030	-1,2%	0,4%	4,1%	10,22x
2031 - 2040	-1,0%	-0,1%	3,0%	N/A
2041 - 2050	-1,1%	-0,6%	2,5%	N/A
2051 - 2060	-1/2%	-0,9%	1,3%	N/A

Fonte: Projeção populacional do IBGE (2013)

A Tabela 01 revela que entre 2000 e 2010 houve um crescimento de 1,7% ao ano da população em idade ativa (PIA). No entanto, em uma proporção bem maior, 3,1% ao ano, cresceu a população de velhos. Na década de 20, o múltiplo atingirá (10!). O IBGE (2013, s/p), “projeta que a população idosa crescerá quatro vezes mais rápido do que a PIA.”

Nesse cenário, o relatório Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio (2012, p.3), dispõe sobre a necessidade de:

novas abordagens para as formas de estruturação das sociedades, forças de trabalho e relações sociais e intergeracionais. Estas abordagens devem apoiar-se em um forte compromisso político e uma sólida base de dados e de conhecimento, que assegurem uma efetiva integração do envelhecimento global no seio dos processos mais amplos de desenvolvimento”.

É fato que há um crescimento da população idosa em todo o Brasil, o que desvela que a sociedade deve se preparar para os problemas que podem emergir junto a essa evolução desproporcional de crescimento da taxa de velhos no país. E, neste contexto, os resultados apresentados pelo IBGE (2017) “apontam claramente para um processo de envelhecimento populacional no País, o que vai exigir novas prioridades na área das políticas públicas”. Nesse cenário, acentua-se a fragilidade da saúde, aumenta a situação de solidão e isolamento social, e, ainda, há muitos casos de dependência física ou mental, ou as duas.

Assim, faz-se importante buscar formas de que essa população envelheça de forma saudável. A OMS (2002, p.12), assevera que devemos buscar o envelhecimento ativo que é o processo de “[...] otimização das possibilidades de saúde, de participação e de segurança, a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice”. Ainda, conforme a Organização Mundial da Saúde – OMS (2005), envelhecimento ativo não compreende apenas os aspectos promotores da saúde, constitui-se também de fatores ambientais e pessoais que se inter- relacionam com condições de saúde.

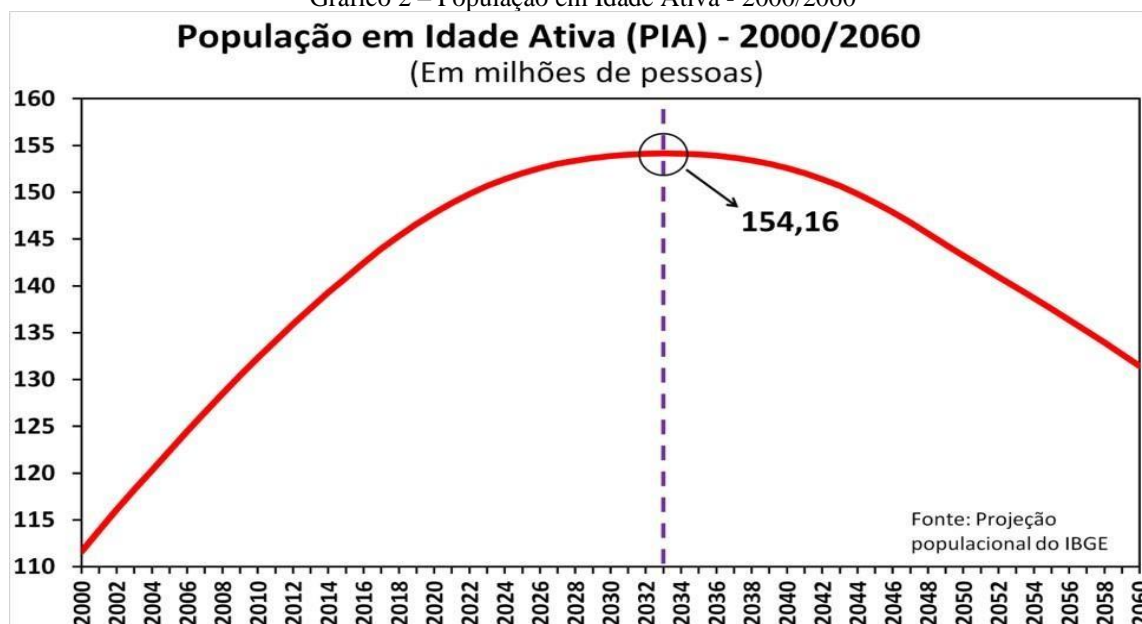
Entende-se que para garantir os direitos dessa população crescente, as leis são fundamentais, como a Lei 10.741/03 - Estatuto do Idoso; Lei 8.842/94- Política Nacional do Idoso, a Declaração dos Direitos Humanos e a própria Constituição Federal. O Estatuto do Idoso, 2003, amplia e assegura aos velhos todos os direitos fundamentais pertinentes à pessoa humana. A Constituição Federal (CF) dispõe que um dos objetivos da assistência social é a proteção à família e à velhice.

Diante das transformações demográficas da sociedade brasileira, do envelhecimento populacional que, segundo Neri (2001, p.22), é reflexo da “combinação de três fenômenos: redução da natalidade, redução da mortalidade e aumento da expectativa de vida na velhice”. É fato, então, que as pessoas estão vivendo mais e se faz essencial pensar a qualidade de vida e o envelhecimento saudável desses indivíduos e como são direcionadas as ações para atender às necessidades desse grupo crescente. Nesse contexto, a legislação garante os direitos fundamentais do velho, no domínio social, da saúde, físico, financeiro.

Entende-se que se os Direitos Humanos são imprescindíveis para uma vida com dignidade, então são direitos à pessoa, pelo simples fato de ser humana e existir. São garantias e valores universais que têm como objetivo garantir dignidade aos sujeitos, ou seja, dar-lhes o mínimo necessário de condições para uma vida com significado.

O Gráfico 2 revela a diminuição significativa da PIA.

Gráfico 2 – População em Idade Ativa - 2000/2060



Fonte: Projeção populacional do IBGE (2000)

Segundo a curva apresentada pelo Gráfico 2, a população em idade ativa em 2033, será de 154,2 milhões de brasileiros. E, a partir desse ano, a queda é vertiginosa, chegando em 2050-2060, em quase -1% ao ano (IBGE, 2000).

O documento do IBGE (2016) Indicadores Sociodemográficos – Prospectivos para o Brasil, período de 1991 – 2030, destaca que o processo de envelhecimento populacional vivenciado pela sociedade brasileira ocorre de modo generalizado, cada vez mais, o padrão etário será envelhecido, o que acarretará, como já mencionado, na necessidade de implantação de políticas públicas direcionadas ao atendimento à população velha.

O envelhecimento é:

[...] um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto aumente sua possibilidade de morte (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD).

Então, entende-se que, se é um processo irreversível, é preciso preocupar-se com ações que possam favorecer o bem estar dessa população envelhecida, dado que, assim, os velhos terão um envelhecimento mais saudável, uma velhice mais ativa, conseqüentemente, melhor qualidade de vida.

Na busca de uma melhor qualidade de vida para o velho, Neri (2001, p.60) destaca que “trata-se de preparar e de oferecer meios à pessoa para que possa envelhecer bem, cuidando não apenas do aspecto físico, social e econômico, mas também das questões de vida interior”.

Também nessa perspectiva, Fabietti (2010, p.77) sublinha que “envelhecer saudavelmente significa, o resultado multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica”.

No cerne do direito, as pessoas têm o direito de envelhecerem com dignidade e segurança. E, para que essa fase da vida seja vivida com significado e qualidade, é preciso que o velho mantenha-se ativo, com boa capacidade funcional, bom funcionamento físico e mental e que tenha um envolvimento ativo com a vida (SILVA; SANTOS, 2010).

Nessa concepção, entende-se que o bem-estar psicológico dos velhos está estritamente relacionado às relações sociais. E corrobora-se com a concepção de Carstensen (2006) de que os velhos avaliam, buscam ou rejeitam os contatos sociais, conforme a qualidade afetiva da resposta.

O envelhecimento é uma etapa natural da vida que atinge aspectos biológicos e psicológicos, porém vale lembrar que não é um processo que acontece de forma linear para todos os seres humanos, está estritamente relacionado a fatores das fases anteriores vividas pelos indivíduos, das experiências adquiridas em família, e em outros espaços de convívio social.

Ainda, Neri (1993, p.10) define

a qualidade de vida na velhice implica em diversos fatores: Avaliar a qualidade de vida na velhice implica adoção de múltiplos critérios de natureza biológica, psicológica e socioestrutural. Vários elementos são apontados como determinantes de bem estar na velhice: longevidade, saúde biológica, saúde mental, controle cognitivo, competência social, produtividade, eficácia cognitiva, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais e continuidade de relações informais em grupos primários.

Entende-se que a qualidade de vida é concernente a múltiplos aspectos que vão além agir de forma individual, por ser de caráter sociocultural e social, ou seja, relaciona-se aos aspectos pessoais, familiar, afetivos, social e, também, profissional.

Na busca por um envelhecimento com qualidade, é preciso atentar-se para fatores psicológicos e sociológicos que interferem no bem-estar dos velhos. Nesse cenário, a preocupação com as relações sociais na terceira idade se faz presente, pois a ausência delas pode levar o velho à solidão, conseqüentemente, à depressão (RAMOS, 2003).

O envelhecimento proporciona a perda gradual das possibilidades de experimentar novas relações sociais e somando esse isolamento à incapacidade física, os efeitos são ainda mais devastadores. Para minimizar esses aspectos e oferecer a oportunidade de sentir-se ativo, é necessário criar situações para que o velho possa se sentir protagonista, fazer amizades e manter essas relações sociais vivas, para ter com quem trocar experiências, contar suas histórias, sentir-se importante ao dar sua opinião participando da vida do outro, como na Universidade da Maturidade, onde há efetivas relações intergeracionais.

2.3 INTERGERACIONALIDADE

Se é uma realidade o envelhecimento populacional, faz-se necessário reestruturar nossa sociedade para integrar esse indivíduo, para que ele participe das relações sociais, de forma a melhorar a sua qualidade de vida. Importa observar que qualidade de vida pode ser entendida como “a percepção que o indivíduo

tem de sua posição na vida, dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (OMS, 2005, p. 1.405).

Esse contexto crescente do envelhecimento populacional traz à tona a importância da intergeracionalidade que se relaciona às interações sociais, em um constante movimento de trocas de experiências, princípios e valores entre pessoas de diferentes gerações, interações que podem oportunizar ganhos na qualidade de vida e bem-estar.

Nesse toar, para falar-se em relações, é preciso compreender o que é geração. Segundo Magalhães, 2000, p.37),

as gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

O conceito de intergeracionalidade relaciona-se às relações sociais e não se reduz à crianças e aos velhos, pode ocorrer em qualquer espaço, família, trabalho, universidade etc, desde que se juntem pessoas de diferentes gerações (TEIGA, 2012).

No entanto, não significa somente estar no mesmo espaço, de acordo Newman e Sánchez (2007, p.42), “para falar sobre intergeracionalidade não é suficiente estar juntos; o importante é fazer e fazer-se juntos, e que esse fazer vá mais além da mera interação e passe a relação”. Corrobora com essa concepção Höpflinger (2009, p.21),

noção de relações entre gerações designa os processos recíprocos de orientação, influência, intercâmbio e aprendizagem entre os membros de duas ou mais gerações (relações intergeracionais), ou entre membros da mesma geração (relações intrageracionais). A forma e a dinâmica das relações entre as gerações resultam da experiência subjetiva, das semelhanças e diferenças, assim como da realização de papéis e funções prescritos institucionalmente (incluindo a disposição das próprias relações entre gerações).

Relações intergeracionais são “relações sociais entre membros de duas ou mais gerações, que se caracterizam pelo entendimento de filiação geracional e das semelhanças e das diferenças resultantes dessa pertença [...] Essas relações materializam-se nos processos mútuos e reflexivos de orientação, persuasão, intercâmbio e aprendizagem” (LÜSCHER et Al, 2016, p.87).

As relações intergeracionais, segundo Lopes (2008, p.26), acontecem

entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou proteccionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas

Entende-se que nas relações intergeracionais há envolvimento, o que pode levar ao desenvolvimento da resiliência, que segundo Mam (2003) é capacidade que a pessoa tem de enfrentar as adversidades da

vida, respondendo positivamente aos processos adaptativos que podem gerar estresse, ou seja, o indivíduo é capaz de superar e adaptar-se à situação.

Na concepção de Martins (2013) quando afirma que as relações intergeracionais compreendem uma troca de conhecimentos, valores, sentimentos, percepções, bens, habilidades, e produtos culturais, que geram um sentimento de pretença.

Nesse viés, entende-se que há nas relações intergeracionais o desenvolvimento de suporte emocional revelado por meio da empatia, confiança, compreensão, preocupação, e demonstrações de carinho. O ouvir o outro está intrinsicamente ligado à empatia. O que envolve atenção, sensibilidade para as mudanças que se detecta na outra pessoa, ou nos significados que ela compreende, ou seja, o que a outra pessoa está passando, significa o entendimento da percepção da realidade do outro para compreender seu comportamento.

Na verdade esses contatos entre gerações são um intercâmbio, um partilhar de conhecimento, é então um aprendizado mútuo, que leva a constituir o respeito e a compreensão das diferenças, afeto, possibilitando relações positivas entre as diferentes gerações, culminando em transformações sociais. Aindanesse processo, as relações intergeracionais podem promover a saúde mental dos velhos, conforme expõe Dubé (1996),

[...] a saúde mental na velhice depende da - habilidade de desempenhar papéis apropriados, aceitar os novos desafios e se adaptar às perdas e às mudanças ligadas à idade... idosos com boa saúde mental se distinguem por serem capazes de viver e exprimir suas emoções de maneira adequada, possuir um bom julgamento e exercer seu poder de decisão pessoal e social. (como citado em Falcão & Bucher-Maluschke, 2010, pp. 39-40).

Por meio das relações intergeracionais é possível promover a igualdade entre gerações, mudar mentalidades e favorecer a cidadania, que deve ser promotora de inclusão, do bem-estar dos indivíduos, e solidariedade social (MARTINS, 1997).

Nesse toar, a UMA se constitui um espaço de relações intergeracionais, em que há a escuta, o ouvir o que o outro tem a dizer, e o que diz sem falar, desenvolve e desperta-se sensações e sentimentos, há o envolvimento de todos, idosos, jovens e adultos, todas as gerações que se comunicam como cúmplices, em que ao idoso é dada atenção, há compreensão da condição humana, das atitudes, há empatia, sentimentos e intenções, é permitido ao outro colocar-se diante de nós.

E nesse espaço de relações intergeracionais percebe-se uma troca, um aprendizado recíproco que Segundo Gusmão (2003, p.53),

é entremeadado de paciência e afeto, de modo a causar trocas ricas e verdadeiras, banindo qualquer tipo de discriminação que pode vir afetar essa relação: Na vivência diária [...] juntos, eles definem novos valores ou alterem os já existentes, possibilitando assim um revigoramento da cultura. Um dos aspectos fundamentais para a preservação e a compreensão da cultura é a conduta social manifestada por meio de ritos, tradições, crenças, simbolismos, linguagens e costumes.

Entende-se que, nessas relações, a convivência é positiva para todas as gerações, e o contato intergeracional é um percurso de mão dupla na prática educativa e cultural, pois segundo Gusmão (2003), todas as partes são afetadas positivamente com troca de experiências, os vínculos afetivos, a compreensão e o respeito às características e possibilidades do outro.

Vale ressaltar a importância do desenvolvimento de relações intergeracionais no contexto do envelhecimento para que haja interação entre as gerações, e depreende-se que a educação intergeracional é instrumento que pode favorecer a inclusão social, devido a proporcionar o sentimento pertencimento, possibilitar a expressão e cobrança dos direitos na sociedade. Nesse caminho, a educação é compreendida como propulsora de desenvolvimento de capacidades que permitam aos velhos superar dificuldades, e enxergar-se ser de direitos. Nessa perspectiva, na seção seguinte, vamos discutir a educação intergeracional que possibilita a valorização das pessoas de diferentes gerações.

2.4 EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

Educação Intergeracional para Sáez (2002, p.104) são os

Processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal. O objetivo é mudar e transformar-se na aprendizagem com o outro.

Nessa perspectiva, conforme o autor, a educação intergeracional objetiva a superação de preconceitos de idade, potencializando o respeito à diversidade e à diferença, aos valores, aos costumes e às identidades individuais ou coletivas, desenvolve conhecimentos, competências, habilidades, atitudes, fomentando o aumento da autoestima e o desenvolvimento pessoal.

Na concepção de O'Neil (2016), educação Intergeracional é concebida como um processo pedagógico que estimula a integração das diferentes gerações de modo a diminuir as atitudes discriminatórias, dado que ocorre por meio do diálogo entre as gerações, em que compartilham conhecimento, habilidades, culturas, sentimentos.

Com a mesma perspectiva de O'Neil; García (2002, p.21) traz a ideia de que essa educação não tem como objetivo aprender conceitos, mas desenvolver atitudes e comportamentos, assim a compreende como "um diálogo de culturas, com base em campos motivacionais comuns, tentando descobrir os valores simbólicos conducentes ao enriquecimento de projetos de vida de diferentes grupos."

Na perspectiva de Villas-Boas, et. al. (2016, p.133), na educação intergeracional há o

encontro de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo.

Ainda, Mannion (2012, p.397) desvela o quão é complexo o conceito de educação intergeracional, quando afirma que

(a) envolve pessoas de duas ou mais gerações na participação de

uma prática comum que acontece em algum lugar; (b) envolve diferentes interesses entre as gerações e pode ser empregue para melhorar o indivíduo, a comunidade, o ambiente através da resolução de algum problema ou desafio; (c) exige a disposição de que as gerações cada vez mais separadas comuniquem reciprocamente (por meio de atividades que envolvem consenso, conflito, ou cooperação), com a esperança de que se originem e partilhem novos significados, práticas e lugares intergeracionais; (d) exige a disposição de ser sensível aos lugares e uns aos outros de uma forma continuada. À vista disso, entende-se que a educação intergeracional não é uma tarefa fácil, ao contrário dado que para sua realização é necessário interação, colaboração e respeito mútuo, pois é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são atribuídos a todos.

Ainda assim, de acordo Krout; Wasyliw (2002), a educação intergeracional, que proporciona o contato entre diferentes gerações, é o caminho para quebrar preconceitos, se compreendida como ação das gerações mais velhas sobre as gerações mais novas, dado que hoje se entende que é possível fazer uma coeducação entre as diferentes gerações, o que desvela uma autoformação permante, tanto dos velhos quanto das crianças, dos jovens e, também, dos adultos.

Pressupõe-se que o convívio intergeracional nas intuições de ensino favoreçam o desenvolvimento do conhecimento, além de modificar as relações entre diferentes gerações. Nesse contexto, acredita-se que a Universidade da Maturidade é espaço em que velhos, crianças, jovens e adultos são protagonistas da sociabilidade, produzem e transmitem conhecimento. Essas trocas fazem-se importante por possibilitar a compreensão de raízes e conquistas, mudanças de convicções e valores de gerações. Então, nesse tom, a presença dos idosos na vida universitária tende a produzir mudanças de mentalidades, o que leva à sociedade a questionar, rever e modificar concepções.

Alinhada com a concepção da importância das relações intergeracionais está a UMA que desenvolveu e efetiva educação intergeracional, em que diferentes gerações juntas valorizam conhecimentos e experiências. Isso se torna possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional dão ouvidos atentos ao velhos, de forma à oportunizar o agir, pensar e perceberem-se como seres pensantes, que precisam de conhecimentos e novas experiências, bem como necessitam de atenção, afetividade e cuidado, e que têm muito a ensinar às gerações mais jovens. Ratifica essa ideia Castro (2001, p.68) quando afirma que “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma ressignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si.”

Na seção seguinte, vai-se apresentar a UMA como um espaço de intergeracionalidade em que é ofertada uma educação que oportuniza às gerações novos conhecimentos, várias aprendizagens, em que há aprendizado mútuo, possibilita a criação de vínculos, desenvolve o respeito, favorece a entajuda e o desenvolvimento pessoal, lugar que propicia a educação ao longo da vida, em que diferentes gerações juntas valorizam conhecimentos e experiências. Isso se torna possível porque as pessoas envolvidas no processo educacional compreendem a universidade como espaço de fala dos velhos.

2.5 O VELHO E UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: ESPAÇO DE PARTILHAR MEMÓRIAS

O envelhecimento da população é real, decorre e carece de atenção da sociedade para possibilitar ao velho um envelhecer saudável e ativo, o protagonismo enquanto vive. Faz-se, então, necessário que os velhos encontrem um espaço em que possam avivar suas memórias, partilhar saberes e fazeres aprendidos ao longo da vida. Os velhos são diferentes, revelam-se em suas heterogeneias, velhices e subjetividades, e buscam nas suas individualidades serem respeitados e desfrutarem de uma boa qualidade de vida. Assim, é importante compreender a educação como um direito do velho, como disposto no Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de 1º de outubro 2003,

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade, (BRASIL, 2003).

Assim, a educação intergeracional deve ser apreendida como construção coletiva e dissimuladora de vários saberes, assim, conforme o Estatuto do Idoso, “Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Nessa perspectiva, o Programa da Universidade da Maturidade da UFT apresenta uma proposta pedagógica de educação, conforme PPP (2018, s/p.), que respeita as diferenças e busca oportunizar aos velhos melhor qualidade de vida, por meio de informações, esclarecimentos, conhecimentos, respeitando seus saberes e oportunizando a troca de saberes, o que, conseqüentemente, pode torná-los cidadãos ativos, participativos socialmente.

Nas palavras de Osório (2013, p.2),

a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins hoje é uma inovada atitude de “ser velho”. Ela evidencia um diferente estilo de vida para as pessoas com idade a partir dos 45 anos. Apresenta uma variação nas formas de envelhecer ativamente e com cidadania no século XXI, destacando este momento histórico, onde a ousadia da tecnologia patrocina a longevidade humana.

Neste tocante, no contexto da UMA, o processo educacional é compreendido “como um lugar mediador e preventivo da velhice bem-sucedida” (BOTH, 2006, p. 1448), pois por meio das experiências e interlocução dos diversos saberes, os velhos aprendem e ensinam, na interação com o outro, no compartilhamento do saber científico e o saber informal. Nesse viés, compreendemos a educação praticada na universidade na mesma concepção de Bosi (1994, p. 32) quando afirma que “há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças”.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da UMA (2018, s/p.), a Instituição tem como missão

Política educacional de atendimento da Universidade da Maturidade propõe educação ao longo da vida para adultos e velhos. Na prática pedagógica e pesquisas ligadas ao Envelhecimento Humano,

tem por objetivo desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, cobrar políticas públicas em defesa do velho, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos estudantes, buscando uma melhoria da qualidade de vida, o resgate da cidadania e a intergeracionalidade.

Neste contexto, a UMA é um espaço de múltiplas atividades mentais, culturais e sociais, também de orientações sobre saúde. Local em que o objetivo é ensinar e aprender, oportunizar ao velho a participação ativa na sociedade, visto que se sente valorizado e tem respeitado seus saberes adquiridos nas experiências vividas ao longo da vida. Compreende-se que esse ambiente educacional apresenta como propósito conhecer o processo de envelhecimento do ser humano e gerar mudanças sociais na conquista de uma velhice ativa e digna, tomando como base o Estatuto do Idoso (OSÓRIO; SILVA NETO, 2013).

A educação proporcionada pela UMA atende ao que dispõe o Art. 3º da Política Nacional do Idoso:

o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos, além de que, a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida.

Na Universidade, a educação tem como foco inserir o velho na sociedade por meio do conhecimento relacionado ao processo de envelhecimento nos aspectos biológico, psicológico e socioculturais. Nesse toar, a UMA concebe o que dispõe o Estatuto do Idoso quando apresenta a educação como prática social que tem o propósito de considerar o homem na sua totalidade, promovendo uma formação para o idoso de caráter social, político, cultural, biológico, ético e moral. Assim, as concepções do processo educacional, no sentido de educação para velhos, no Projeto Político Pedagógico da UMA (2018), abrangem “o entendimento sobre velhice, educação, processos pedagógicos e ensino e aprendizagem. Fazem parte também a pedagogia social e os princípios que norteiam o programa da universidade da maturidade.”

Na concepção de ensino e aprendizagem da UMA, a

tarefa de ensinar requer cuidar da aprendizagem do acadêmico, para que ele possa manejar, “por a mão” nas informações e construir seu conhecimento e sua autonomia. Portanto, ensinar adultos e velhos é exercer uma influência libertadora, promovendo a aprendizagem por meio de uma ação educadora emancipatória que libere as pessoas de atitudes e antigas suposições que limitam o seu potencial e que permitam a criação de possibilidades positivas para o crescimento pessoal e social (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UMA, 2018).

Nesse Contexto, entende-se que a educação ofertada pela UMA possibilita a transformação e inclusão social, maior autonomia, superação de preconceitos e, conseqüentemente, oportuniza melhor qualidade de vida para essa população, bem como tira-os do isolamento social. Assim, faz-se capaz de gerenciar a própria vida nas situações e relações do dia a dia, atendendo, assim, o que dispõe Estatuto do idoso, Art. 10 que assegura “à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.”

Compreende-se que, na proposta pedagógica da UMA, a metodologia de ensino busca valorizar os saberes dos velhos, suas histórias e experiências de vidas, narradas e partilhadas nas trocas intergeracionais,

na qualidade de um conjunto de saberes e fazeres socioculturais. Nesse cenário, o velho tem a sensação de pertencimento, de inclusão no contexto social e acadêmico, o que faz com que participe, busque informações, queira aprender e exerça a sua cidadania.

Segundo Ramos (2003), a existência de relações sociais favorece melhores condições de saúde e o velho que não se relaciona socialmente sofre, geralmente, danos em sua capacidade cognitiva que pode ocorrer devido à depressão. Para Dressler; Balieiro e Santos (1997), o velho que mantém um grupo maior de relações sociais vive com mais saúde e qualidade de vida dos que têm menos contato social.

Assim, faz-se importante que o velho participe mais de grupos, como nas Universidades, participe da família, tenha amigos, participe na igreja, clubes sociais, aumentando sua participação social, demonstrando e sentindo maior controle sobre a própria vida, tornando-se protagonista da sua história, capaz de participar, intervir, influenciar, transformar o meio ao seu redor.

Compreende-se que a educação para os velhos deve se fundamentar na necessidade social do respeito às diversidades, deve corroborar com a concepção de Delors (2002) de “aprender a ser” para “aprender a conviver”, em que a construção da inclusão social ocorre de forma coletiva no continuum sócio-histórico apoiado não somente em textos teóricos e legais, mas também em espaços formais e informais.

Nessa perspectiva, aos velhos é dada voz, são respeitados e valorizados os saberes construídos nas suas experiências de vida, estimulando-os, pois entendem que os saberes que trazem, mesmo que informal, são importantes para serem socializados e relacionados a outros saberes, e que podem produzir novos conhecimentos. Nesse processo, o velho é tido como um ser de saberes, opiniões e questionamentos, há uma troca mútua em que se aborda conhecimentos teóricos e os velhos expõem seus conhecimentos práticos, o que converte o processo em processo de ensino e aprendizagem, em que professores aprendem e alunos também. O que revela ser verdadeira a concepção de que não há saber absoluto, que os diversos saberes devem dialogar para enriquecer e produzir conhecimentos, o que corrobora com Santos (2006) quando afirma que

a ecologia dos saberes visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Consiste em conceder ‘igualdade’ de oportunidades às diferentes formas de saber (...) visando a maximização dos seus respectivos contributos para a construção de ‘outro mundo possível’, isto é, de uma sociedade mais justa e democrática(...)

Nessa concepção, depreende-se que a educação da UMA pode possibilitar ao velho o protagonismo social, gerando novas perspectivas para sua vida, ao disponibilizar um lugar de relações sociais, de troca de experiências, novos saberes.

Apreende-se que os conhecimentos advindos de experiências no mundo precisam ser valorizados e demandados com os conhecimentos científicos, pois entende-se que o saber e o conhecimento progridem na relação do indivíduo e sua realidade, daí perceber a validade do conhecimento dentro de um determinado contexto. Então, o conhecimento, de acordo Teixeira (2000, p.60),

caminha muito além da nossa visão pequena de mundo, visão esta que está contida nos livros e cadernos, Aprender não significa somente fixar na memória, nem dar expressão verbal e própria ao que se fixou na memória. Desde que a escola e a vida não mais se distinguem, aprender importará sempre em uma modificação da conduta humana, na aquisição de alguma coisa que reaja sobre a vida e, de algum modo, lhe enriqueça e aperfeiçoe o sentido.

Salienta-se que a proposta pedagógica da UMA corrobora com a concepção da Ecologia de Saberes de Santos (2006) quando aborda, no processo ensino e aprendizagem, o conhecimento como em construção por meio da conexão dos vários saberes, unindo, no processo ensino e aprendizagem, o senso comum e o conhecimento científico, desvelando a importância do conhecimento não-formal adquirido por meio das experiências e vivência dos velhos.

Como na concepção de Souza Santos (2006), da ecologia dos saberes, a UMA vem com uma proposta diferenciada sobre o velho e, aí, a educação vem para oportunizar a ação, tanto para a sociedade respeitar os saberes do idoso quanto aprender com ele, como para oportunizar ao idoso vivenciar novas experiências, conhecer seus direitos e construir novos conhecimentos. Essa Universidade que valoriza os diversos saberes e os sujeitos envolvidos, conseqüentemente, oportuniza o desenvolvimento de novos saberes, o que desvela ter um pensamento crítico pós-abissal.

Observa-se que nesse ambiente, ressalta-se o saber da experiência e a relação entre o saber e o conhecimento, de acordo Bondía (2002), é um espaço de expressar o que os velhos pensam, sentem e sabem para que, por meio da reflexão, possam construir e reconstruir os conhecimentos. Nesse contexto, os acadêmicos da UMA

estão prontos para se sustentarem no conhecimento adquirido, e para uma inserção participativa na sociedade. Saem com uma autoconfiança incrível, um senso crítico que os destacam e os colocam em igualdade na competitividade dos dias atuais. Estão preparados para discussões sobre todo tipo de assunto, onde quer que estejam (OSÓRIO; SILVA NETO (2013, p.21).

Assim, segundo Freire (1967, p.10), “o homem concebe o mundo como uma realidade objetiva independente dele, possível de ser reconhecida.” No entanto, é importante, partir do pressuposto de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo.

No contato com o mundo, no contar histórias, as narrativas intergeracionais promovem uma percepção positiva da velhice. É uma ponte entre os velhos e os netos e, nessas relações, sentimentos são revelados: tristeza, alegria, pavor, medo, raiva, insegurança, segurança, tranquilidade, confiança, solidariedade, afetividade, tanto para os que cotam quanto para os que ouvem. Os netos cedem aos avós entusiasmo, afeto e alegria, já os velhos, narrando suas histórias, fornecem confiança e orientação. Ainda, conjectura-se que essas atividades interferem positivamente no estado afetivo dos velhos, pois as trocas entre avós e netos desenvolvem um clima de intimidade, o que possibilita ao velho maior orgulho pessoal e mais contatos sociais. Para as crianças, os netos, mais conhecimento, mais capacidade de escuta e compreensão e respeito às gerações mais antigas.

Os netos e avós reiteram laços afetivos nos momentos de contação de histórias, no entanto,

[...] no enlace família e escola, muitas vezes esquecemos que os avós podem estar tão ou mais presentes na vida da criança [...]. “Os avós não são apenas representantes das famílias das crianças; eles são figuras importantes, que cuidam delas e contribuem para o crescimento e desenvolvimento” (RAMOS, 2011, p.19).

Nesse viés a universidade pode ser o espaço de narrativas orais, contação de histórias ricas em significados, em que é possível o desenvolvimento de laços de amizade entre velhos e crianças por meio da troca de conhecimentos, gentileza e afetividade. Assim, ações educacionais que possibilitam

a relação entre avós e netos enquanto algo que ultrapassa os limites biológicos, com a transmissão simbólica e o estabelecimento na contemporaneidade do exercício de novas funções, os avós nos permitem refletir e questionar sobre a concepção de envelhecimento e memória familiar (SILVA; CORRÊA, 2014, p.3).

A relação que os avós constituem com seus netos é diversa e intensa, é de amizade, parceria e cumplicidade. Nesse contexto, no contar histórias, os saberes do passado são rememorados com a coparticipação do interlocutor, o neto, que hora outra pode ser o contador, tendo o avó como interlocutor, o que colabora para reforçar laços, sentimentos afetivos que envolvem cuidado, atenção e amor.

3 MEMÓRIAS DOS VELHOS: UM MUNDO A REVELAR

Os indivíduos, ao contar suas histórias, relatam a própria vida e convertem-nas em experiências para os que escutam (BOSI, 2010). E o cerne das histórias é a memória, esse banco de dados tão importante para o velho, ou melhor para qualquer ser humano. Ao narrar sua própria história, o homem ressignifica sua existência, bem como a daqueles que o escutam.

A memória, na concepção de Bergson (2006), forma-se das concepções que temos do presente e das imagens do passado, assim cada experiência adquirida enriquece a memória. No mesmo toar, Pollak (1992, p.204) afirma que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.”

O passado é o conteúdo das lembranças, portanto a matéria-prima da memória é grande e a exposição dessas narrativas pode ser significativa para o narrador que se sente valorizado. Nesse viés, a lembrança é acionada quando provocada e, conforme Bosi (2012, p.39),

a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito.

O autor ainda relata sobre a lembrança “esta nos traz à tona momentos únicos, singulares, não repetidos, irreversíveis, da vida. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada” (p.39), por isso provocam emoções e significados distintos de uma mesma situação aos espectadores, dado que são subjetivas e, assim, são diversas maneiras de perceber experiências, sentimentos, vivências.

Pode-se inferir que na memória, o improvisado e o cotidiano real do contador da história realizam em informações do comportamento social, do local, de uma outra época. Dado que as experiências individuais reveladas nunca são solitárias, entrelaçam-se em uma teia de relações individuais e coletivas sempre interligadas com experiências de outros.

A memória retoma o passado, conjectura-se que, seletivamente, para buscar, recordar eventos de um indivíduo pertencente a um contexto social e cultural. Compreende-se, ainda, a memória como forma de proteger do esquecimento do que se fez e o passado, portanto é o registro da identidade dos indivíduos, segundo Agostinho (2004, p.268), “é grande esta força da memória, imensamente grande ó meu Deus. É um santuário infinito e amplo.”

Chauí (2005, p.142) discorre que

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas mais fundamentais de nossa existência que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente, distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

No contexto da memória, os velhos têm muito para contar, são agentes privilegiados, pois revivem as vivências passadas e transmitem, no presente, com a experiência e a sabedoria de quem muito viveu. Então, os velhos podem transmitir a memória com empenho, dão vida aos fatos com cuidados extremos daqueles que são possuidores de lembranças que pode ser transmitida por eles com esmero, afinal são detentores de lembranças de muitos fatos que aludem às histórias passadas fundamentais para presente (CHAUI, 2001).

3.1 MEMÓRIAS DOS VELHOS

A memória é, segundo Bosi (2015, p.53), a “conservação do passado [...] quer chamado pelo presente, sob as formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente.” Ainda, para Fernandes; Loureiro (2009, p.56), “memória é a capacidade de a mente humana fixar, reter, evocar e reconhecer impressões ou fatos passados”. A memória é compreendida como a capacidade humana encarregada pela conservação do passado, das experiências vividas, então, é um conjunto de funções psíquicas que possibilita ao homem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele vê como passadas (LE GOFF, 2013).

Porque “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2012, p. 55). Dado que a lembrança é uma representação criada pelas referências disponíveis em um agrupamento de imagens que ocupam a consciência, ela não está ilhada, fechada no indivíduo, por isso busca em aspectos externos, na lembrança dos outros, referências. Corrobora Halbwachs (2006, p.58) quando afirma que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio”.

A memória do sujeito é formada no grupo e, por vezes, rememorada em grupo, mesmo que quem lembre seja o sujeito, segundo Halbwachs (2006), é na memória coletiva que as tradições dos grupos buscam sua força. Assim, nos momentos de lembranças, as imagens, lendas e as crenças tornam-se mais atuais e a elas são atribuídos novos significados. Portanto, entende-se que a memória é tecida por fios sociais e individuais

Segundo Bobbio (1997, p. 53),

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção. (...) Esse imenso tesouro submerso jaz à espera de ser trazido à superfície durante uma conversa ou uma leitura; ou quando nós mesmos vamos à sua procura nas horas de insônia; outras vezes surge de repente por uma associação involuntária, por um movimento secreto da mente. Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade; (...) Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que aprecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.

O velho ao recordar suas vivências estabelece entre as gerações o sentido de continuidade cultural, por meio dessas recordações podem ser observadas e compreendidas as transformações ocorridas no

espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social (BOSI, 2012). Entende-se, então, que o velho é parte fundamental na dessiminação dos valores e crenças de uma geração. Bobbio (1997) corrobora quando afirma que o grande patrimônio da pessoa idosa está no mundo maravilhoso da memória social, fonte de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que se vive, sobre as pessoas e acontecimentos. No entanto, é importante observar que sociedade atual deixa o velho à margem da sociedade.

Neste tocante, roborar-se com Bosi (2012) quando afirma que o velho busca a sua felicidade nas lembranças porque a sociedade esvaziou o tempo do velho de experiências significativas, e o que resta é buscar nas memórias, o tempo passado para tornar o presente significativo, pois “a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (Bosi, 2012, p. 82).

Quando se dá voz ao velho, deixando-o narrar suas histórias, é possível conhecer as transformações vivenciadas com o envelhecer, as suas expectativas, medos, alegrias, dilemas, “o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e de grupo”, como descreve Pollak (1989, p. 9). Nesse viés, narrar fatos, contar histórias e conversar são caminhos para exteriorizar, revelar as memórias e, assim, para o velho, relacionar e posicionar-se no espaço social.

Ainda, merece destaque o fato de que o narrador é que faz o elo entre fatos do passado com os do presente e do futuro, ou seja, nessas contações e conversas que transmite às outras gerações as tradições, os costumes, os arranjos sociais, o que possibilita aos mais novos uma melhor compreensão do mundo. Dado que, conforme Halbwachs (2006), até as memórias mais íntimas e pessoais estão ancoradas nas relações e interações que se desenvolvem com os outros na sociedade.

Então, as narrativas orais não são construções particulares, pois, apesar de se constituírem como histórias pessoais, são influenciadas pelo meio, pelas pessoas com quem interagem na comunidade, logo carregam valores morais, sociais e outros. O que, na concepção de Benjamin (1980), torna a narrativa uma transmissão de experiências entre gerações, conseqüentemente, o narrador, mesmo narrando as histórias com concepções próprias, vai além da memória individual, relata a memória social, pois “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

O velho, para Bosi (1998), deve desempenhar o papel social de rememorar, pois, com maturidade, por meio da sua imaginação, volta ao passado para trazer aspectos importantes no presente. Assim, o recordar do velho une o começo e o fim, fortalece o senso de identidade e a autoestima, ainda, pode possibilitar as pessoas velhas manterem integridade psicológica. Como afirma Bobbio (1997, p.55), “concentremo-nos. [...] as recordações não aflorarão se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória [...]. Na rememoração encontramos a nós mesmos e a nossa identidade.”

Ainda, com a concepção da importância das memórias dos velhos, Souza (1999) relata que os idosos, pela capacidade de armazenar lembranças e relembrar eventos do passado, podem contribuir muito

com a sociedade, dado que por meio de suas histórias de vida é possível construir a nossa cultura, e isso é possível por meio do processo de socialização dos mais velhos para os mais jovens.

A memória valoriza o velho como possuidor de experiência e conhecimento e, ainda, pode fomentar à percepção de si e da própria história não como uma história que termina agora, mas, sim, que continua no futuro (SANCHES-JUSTO; VASCONCELOS, 2010).

Nas narrativas orais, os velhos da UMA revelaram as verdades e histórias que se misturam contadas, por meio das narrativas orais, em que mitos, lendas, super-heróis são revelados junto às paixões humanas, junto ao fantástico, ao maravilhoso da vida de cada um.

3.1.1 Mitos

“O mito em sua definição primeira vem do grego *mythos*, fábula, lenda, narrativa, ação [...] (MOISÉS, 2013, p. 308). E, segundo Eliade (2013, p.123), é através da experiência do sagrado, do encontro com a realidade transumana, que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.

Mito, conforme Eliade (1989, p.12), é uma realidade complexa, dado que é um relato de como algo começou a existir. Entende-se essa existência como algo relacionado a seres sobrenaturais e suas ações nos tempos primórdios, feitos sagrados que atingiram, de alguma forma, o mundo. Assim, no contexto sagrado e sobrenatural, o mito é uma verdade para os que nele creem. O autor afirma que, na sociedade arcaica, as pessoas necessitavam conhecer os mitos por lhes

fornecerem uma explicação do mundo, mas, sobretudo, porque ao recordar, ao reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os deuses, os heróis os antepassados fizeram ab origine. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas (ELIADE, 1989, p.19)

Então, o mito surge como explicação ou interpretação do real e dos acontecimentos, simbolizam gestos, ações e significados que vivem com base na realidade constituída. De acordo Malinowski (1988), o mito é importante porque expressa crenças, conserva preceitos morais, disseminando regras usadas pelo homem no dia a dia.

O homem para dar sentido ao mundo exercita a imaginação, cria

o mito (que) conta uma história sagrada, ele retrata um acontecimento ocorrido do tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. [...] o mito narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre portanto, a narrativa de uma criação: ele retrata de que modo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente (ELIADE, 2013, p.11).

Entende-se que o mito vem historiar o pensamento e ações das sociedades passadas e presentes. Assim surge para “revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas

(ELIADE, 2013, p.13). Então, são narrativas que desvelam a cultura dos povos por meio de exemplos de seres humanos portadores de valores fundamentais para a sociedade.

No mesmo toar, os mitos, para Silva (1995, p.5),

falam sobre a vida e o modo como ela está organizada e concebida em uma determinada sociedade. Não a espelham simplesmente: problematizam-na, tornando-a objeto de questionamento e incitam reflexão sobre as razões de ordem social.

Compreende-se, à vista disso, que os mitos estão ligados aos costumes, às crenças, enfim, a vida social, ou seja, representam as experiências das pessoas. Assim, influenciam as pessoas por trazerem sensações como: autoconfiança, certezas, verdades, possibilidade de dirimir dúvidas.

Para Cassirer (1977, p.63-64), “mito é a experiência do homem, com ele o homem aprende a arte de exprimir, organizar os instintos mais enraizados, as suas esperanças e temores.” Desse modo, as sociedades criam seus mitos na ânsia de explicar suas contradições, inquietações, suas emoções: alegria, angústias, euforia, dor, fúria etc.

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais (ROCHA, 1991, p. 3).

O mito é um relato fantástico de tradição oral, existente na imaginação e na fantasia dos seres humanos. Sua função essencial é representar, por meio de simbologias, acontecimentos de uma cultura, povo ou um indivíduo em especial. Por meio dos mitos, o homem é capaz de representar conceitos para a vida, tornando-os pensamentos coletivos que traduzem sentimentos transcendentais, indo além dos limites normais.

3.1.2 Lendas

As lendas são narrativas transmitidas oralmente que revelam os sentidos que uma cultura constrói para a referida comunidade, está sempre relacionada à diversidade da condição humana, busca explicar acontecimentos misteriosos e sobrenaturais, é fruto da imaginação humana, resultado da junção de fatos reais com imaginários, refletem os anseios do grupo e vão se transformando por meio do imaginário popular. Nessas construções, o homem dá vida a seres extraordinários que dão respostas para todas as situações, até para as inexplicáveis cientificamente.

Lenda é, segundo Georges (1971 apud BRUNVAND, 2002, p.112)

[...] uma história ou narrativa que pode nem mesmo ser uma história ou narrativa; ela se dá em um passado histórico recente que pode ser concebido como remoto ou anti-histórico, ou nem mesmo em um passado; ela é tida como verdadeira por alguns, falsa por outros, e ambos ou nenhum dos dois pela maioria.

Corroborar com essa concepção Gerndt (1991 apud DÉGH, 2001, p.38) quando afirma que “Uma história se torna uma lenda somente se for apresentada na zona intersticial entre a crença e a dúvida.”

“A lenda é mais verdadeira do que a história” (BAYARDE, 1957, p.9), dado que essas narrativas são constituídas de sentimentos, emoções e da concepção do povo. Elas trazem ensinamentos humanos valiosos que se fundamentam em fatos históricos e apresentam personagens definidos. Elas são episódios heroicos ou sentimentais com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitidos ou conservados na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo.

Nesse contexto, as sociedades contemporâneas criam a partir dos mitos do passado, novos personagens, os super-heróis.

3.1.3 Super-heróis

Super-heróis nascem dos mitos, dos heróis gregos, romanos e de outras culturas, os poderes sobre-humanos do Super-homem, Homem-Aranha, são inspirados no herói Hércules que tinha força sobre-humana, porque era filho Alcmena com Zeus, deus do céu, do raio, do trovão, da lei, da ordem e da justiça.

A Mulher-Maravilha tem sua origem nas Amazonas, da mitologia grega, que eram mulheres guerreiras fortes, habilidosas e corajosas – que lutavam de igual para igual com guerreiros homens.

Thor, o dono do martelo mágico que o faz voar e controlar o tempo, foi inspirado, no Deus do trovão, também chamado Thor.

O homem mitificava e continua a mitificar o mundo a sua volta, tentando justificar o que não está em seu entendimento, com isso cria heróis, super-heróis, que retratam cada época, com curiosa capacidade de crítica cultural e política que os colocou, desde muito cedo, como testemunhas privilegiadas da história de seu tempo. Eles se apresentam como seres humanos comuns, porém com superpoderes, que podem ser próprios, como os do Super-homem e adquiridos, como por exemplo, a superforça do Capitão América.

Esses super-heróis apresentam-se como pessoas comuns, com sentimentos de alegria, tristeza, angústia, namoram, trabalham, transitam socialmente com uma identidade secreta, transformam-se quando fazem uso da roupa e símbolos para proteger os cidadãos. Essas características que levam as pessoas a se identificarem com esses seres, considerados normais, mas com superpoderes.

A justiça é peculiar aos super-heróis. Estão sempre na luta contra o mal, contra os vilões que atacam a sociedade e que a polícia comum não consegue deter. Nesse cenário, entram com seus superpoderes. Assim, avesso às injustiças sociais no período da grande depressão ou grande crise de 1929, que durou mais de dez anos e foi considerada a pior e mais grave crise econômica da história econômica do século 20, surgiram os super-heróis que viveram a grande era do ouro dos quadrinhos entre o final da década de 1930 e anos de 1950.

Nas décadas de 20, 30 e 40 do século passado, os quadrinhos viraram febre nos EUA e no mundo com a criação de suplementos infantis dos jornais e revistas. Centenas de novos heróis e personagens de humor surgiram. Já havia uma produção de desenhos animados, para onde alguns desses heróis migraram, demonstrando que vieram para ficar (LOVETRO, 1993, p. 13).

Desde então, esses super-heróis estão presentes nas narrativas humanas, estão no imaginário popular e fazem parte do cotidiano. Os heróis nas histórias em quadrinhos funcionam como um modelo mítico, são matéria-prima dos mitos e a sua função é mostrar caminhos para que a sociedade avance, fazendo com que os leitores expliquem o mundo por meio de suas histórias e experimentem sentidos colocando a mente em contato com as experiências vividas, levando o leitor a quase uma catarse vivendo seus medos e desejos, projetando-se no personagem da história. É, do ser humano, quando criança, pensar que os super-heróis nunca vão morrer e sempre vencerão a batalha enfrentada.

Os super-heróis exercem um certo fascínio em muitas pessoas, talvez porque buscam acreditar que lutam pelo próximo, mesmo possuindo defeitos e qualidades e desprovidos de superpoderes, são super-heróis e, observando bem, no dia a dia, encontram-se esses heróis cotidianos. Ainda, que o tempo passe, mudem costumes e culturas, os super-heróis estão lá, com protótipos diferentes, mas capazes de realizar atos acima da capacidade humana, por isso o encantamento por essas figuras continua, sendo criança, jovem, adulto ou velho, todos precisam ou se identificam com um super-herói.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresenta-se os Procedimentos Metodológicos utilizados na pesquisa para atingir objetivo principal de compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos. O método de pesquisa é Estudo de Caso, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa.

Apresenta-se, também, o local, os participantes e as etapas da pesquisa, que tem abordagem qualitativa, e foi planejada e iniciada, no primeiro momento, em quatro etapas: primeira, a revisão da literatura sobre a temática do estudo e seus principais conceitos; segunda, a realização das entrevistas semiestruturadas no ambiente da UMA; a terceira, transcrição das entrevistas e organização dos resultados, por último, a análise dos dados coletados. No entanto, devido ao momento atual de pandemia, causado pelo COVID-19, desde o começo de 2020, o isolamento social foi uma das estratégias propostas pela Organização Mundial da Saúde (2020) como tentativa de contenção de disseminação da doença. Ainda, sendo os velhos considerados população de risco, motivou que as atividades de coleta de dados fossem realizadas de duas formas, inicialmente (antes de março 2020) de forma presencial e, posteriormente, em ambiente virtual pelo aplicativo Google-meet. Assim, ao final, os dados foram coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, presenciais, no espaço da UMA; rodas de conversas no ambiente virtual google-meet.

4.1 METODOLOGIA

O método de pesquisa escolhido foi o estudo de caso, pois, segundo Yin (2005) pode-se aprofundar e compreender de forma intensiva em um contexto específico e

em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2005, p. 19).

Ainda, o estudo de caso possibilita pesquisar as características de aspectos que constituem uma unidade social: um indivíduo; um núcleo familiar; um grupo social [...] e propicia a organização dos dados de caráter social do objeto para se preservar, de forma íntegra, sua natureza e seu caráter(Goode ; Hatt, 1975). Na mesma direção, Gil 2007, p.58) conceitua estudo de Caso “como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicando nas mais diversas áreas do 12 conhecimento.”

As vantagens do estudo de caso, segundo Gil (2007, p. 59) são: “a) sua capacidade de estimular novas descobertas, em virtude da flexibilidade do planejamento e da própria técnica; b) a possibilidade de visualização do todo, de suas múltiplas facetas; e c) a simplicidade de aplicação dos procedimentos, desde a coleta até a análise de dados

Assim, para alcançar ao objetivo de compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis, utilizou-se de entrevista semiestruturada abordando o tema mitos, lendas e super-heróis que permearam a vida dos velhos participantes da pesquisa.

As entrevistas, com autorização dos acadêmicos, foram realizadas presenciais e a distância, via Google meet, gravadas e depois transcritas. Ressalta-se que se vê a história contada por meio da multiplicidade de diálogos, vivências e experiências. “Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (THOMPSON, 1998, p. 44-45).

Ainda, utilizou-se como instrumento de coleta de dados as rodas de conversas, em que o pesquisador se torna integrante da discussão e, por meio da observação, da interação, dos diálogos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa é possível a coleta. Segundo Moura; Lima (2014), entre suas vantagens está a possibilidade de utilizar a escuta e a fala e sua compreensão do que é compartilhado.

Como procedimento metodológico tomou-se a abordagem qualitativa, devido ao processo compatibilizar, com o que diz Ludcke; André (1986, p. 11) quando afirmam que

são características da pesquisa qualitativa: 1. Tem ambiente natural como fonte de coleta de dados; 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos; 3. A preocupação com o processo mais do que com o produto; 4. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Ainda, é qualitativa porque estudou-se o fenômeno no ambiente natural e utilizando depoimentos dos atores envolvidos, e os significados atribuídos por eles. Esse tipo de pesquisa valoriza a descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem (Vieira; Zouain, 2005).

É Descritiva porque objetivou-se observar, registrar e analisar os fatores relacionados ao fenômeno, ou seja, os mitos, as lendas e os super-heróis que fizeram para da vida dos velhos da UMA. Segundo Silva; Menezes (2000, p.21),

a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento

“A pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza (VERGARA, 2000, p.47).

A análise, o registro e a interpretação das entrevistas ocorreu sem a interferência do pesquisador. Utilizou-se como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada e a roda de conversa para obtenção de dados dos participantes.

4.2 LOCAL DA PESQUISA E OS PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi realizada na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins localizada à Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte | 77001-090 | Palmas/TO.

No caso concreto, a pesquisa ocorreu depois de autorizada pela coordenadora da UMA, e da aprovação do comitê de Ética (CEP).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFT constituiu-se por um grupo de pessoas que trabalham em prol da garantia dos direitos dos participantes da pesquisa e para garantir que a pesquisa seja desenvolvida dentro de padrões éticos.

A escolha de realizar a pesquisa com os acadêmicos da UMA deu-se devido à proximidade com esses velhos, durante realização de vários eventos, e de aulas ministradas para a turma, assim, nesses momentos de interação, vínculos de confiança foram estabelecidos, bem como sentimentos de empatia e afetividade.

Primeiramente, apresentou-se aos velhos a pesquisa e como seria desenvolvida. Fez-se o convite aos acadêmicos da UMA para participarem. Apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizou-se a leitura do TCLE, neste momento, 60 velhos se prontificaram a participar da pesquisa, o documento foi entregue para que assinassem.

Também foi explicado que a qualquer momento da pesquisa, o acadêmico poderia desistir da participar, mesmo que tivesse assinado o TCLE.

Explicou-se aos 60 acadêmicos que seria realizada uma entrevista em horário conforme a disponibilidade de cada um, que a entrevista seria gravada e as falas seriam transcritas, ainda que seria realizada uma roda de conversa sobre o tema.

No entanto, dos 60 (sessenta) alunos convidados para participar da pesquisa, 26 (vinte e seis) não entregaram o TCLE assinado. Portanto, ao final, temos como sujeitos da pesquisa 34 (trinta e quatro) acadêmicos da UMA, desses 6 (seis) são homens e 28 (vinte e oito) mulheres. Como trabalhou-se com mitos, lendas e super-heróis, o fantasioso, escolheu-se nominar os acadêmicos com nomes de deuses e deusas, figuras mitológicas, e dessa forma preservar o anonimato e evitar qualquer tipo de constrangimento.

O corpus da pesquisa são acadêmicos com faixa etária entre 60 a 80 anos de idade, a quem é dada voz, são respeitados e valorizados os saberes construídos nas suas experiências de vida, estimulando-os a falar, contar suas histórias, pois entende-se que é preciso compreenderem que os saberes que trazem, mesmo que informal, são importantes para serem socializados e relacionados a outros saberes, e que podem produzir novos conhecimentos.

O quadro abaixo traz a descrição dos participantes.

Quadro 01 – Participantes da Pesquisa

	Acadêmico(a)	Sexo	Poder
1	Afrodite	Fem.	Deusa do amor, da beleza e do sexo
2	Anteia	Fem	Deusa das flores
3	Apolo	Masc.	Deus da música, do sol, da poesia, da
	Acadêmico(a)	Sexo	Poder
			beleza, das pragas, das doenças e da cura
4	Ares	Masc.	Deus da guerra

5	Ártemis	Fem.	Deusa da caça, da fertilidade animal, da lua, animais selvagens, região selvagem, parto e protetora das donzelas
6	Astreia	Fem.	Deusa da justiça
7	Até	Fem.	Deusa da fatalidade
8	Atena	Fem.	Deusa da sabedoria, das guerras justas, da estratégia em batalha, da civilização, da habilidade, da justiça e dos votos finais
9	Bia	Fem.	Deusa da força física e violência
10	Cronos	Fem.	Deus do tempo, da agricultura e das estações
11	Deméter	Fem.	Deusa da agricultura, da vegetação e das estações do ano
12	Dionísio	Masc.	Deus da vida, do teatro, do vinho, festas, prazer
13	Dolatóia	Fem.	Deusa da crueldade
14	Dóris	Fem.	Deusa da generosidade do mar
15	Élpi	Fem.	Deusa da esperança
16	Éris	Fem.	Deusa da Discórdia
17	Gaia	Fem.	A terra, a mãe-terra, como berço gerador de toda a natureza e de seus elementos
18	Hebe	Fem.	Deusa da juventude
19	Hefesto	Masc.	Deus das forças, do fogo e da metalurgia
20	Hemera	Fem.	Deusa do sol, a primeira divindade do sol e da luz
21	Hera	Fem.	Deusa da família, da mulher e do casamento
22	Héstia	Fem.	Deusa do lar, lareira, arquitetura, vida doméstica
23	Iriana	Fem.	Deusa da paz, da obediência, da construção e da destruição
24	Íris	Fem.	Deusa do arco-íris e mensageira menor
25	Nix	Fem.	Deusa da noite, o véu da escuridão que cobre a terra
26	Perséfone	Fem.	Deusa da primavera
27	Réia	Fem.	Titânide da maternidade e da fertilidade
28	Tétis	Fem.	Titânide da fecundidade das águas. Consorte de Oceano
29	Tálassa	Fem.	Deusa do mar calmo e dócil
30	Téia	Fem.	Titânide da visão e da profecia
31	Têmis	Fem.	Titânide da justiça, das leis, da ética e do governo
32	Thisi	Fem.	Deusa do impulso e da coragem.
33	Urano	Masc.	Deus que personifica o céu, marido de Gaia
35	Zeus	Masc.	Deus do céu, relâmpago, trovão, lei, ordem, justiça e Rei dos Deuses

Fonte: Autora

4.3 ENTREVISTAS

As entrevistas, roteiro em anexo, ocorreram em um encontro individual presencial quando foram colocadas questões que versavam sobre mitos e super-heróis, temática do estudo.

Depois foi realizado um encontro em grupo, presencial, dois grupos com nove acadêmicos e dois com oito, quando conversavam entre si e com a pesquisadora sobre o tema da pesquisa, ou seja, os mitos e

os super-heróis que fizeram parte da vida de cada um. Nas roda de conversa, a pesquisadora iniciava perguntado sobre sobre alguns mito ou e lenda, como quem aqui já ouviu falar do mito de Narciso? Daí começa a discussão. Uns respondiam que não, outros que já ouviram falar, mas não sabiam bem o que era. A pesquisadora, então, explicava o mito de Narciso que era um jovem tão belo que ao ver sua imagem refletida na água apaixonou-se por si mesmo, e por muita vaidade acabou morrendo, transformou-se em flor. Nesse momento começa a discussão. “Ah!!! Ele era igual essas mulheres que andam olhando para elas mesmas.” “Hum! Aqueles que se acham.” São aquelas mulheres que se acham as mais bonitonas, e que todo mundo está olhando pra ela.” “Gente metida.” “Eu hem! como gostar dele mesmo?”. “Isso é, é coisa de doido.” E a conversa vai rendendo, e os possíveis mitos surgem, como o Don Juan.

Ainda, foram realizados dois encontros online, devido ao período de pandemia, com os mesmos quatro grupos, dois de oito e dois de nove acadêmicos, os mesmos que participaram dos encontros presenciais, por meio do google-meet, em que a entrevista versou sobre as lendas que fizeram parte de suas infâncias.

Os entrevistados foram estimulados a responderem às perguntas e participarem das conversas em grupo, foram instigados a conversarem sobre o tema, buscarem na memória lembranças boas e ruins da infância.

A primeira etapa ocorreu de forma individual em que os participantes iam respondendo as perguntas que foram feitas pelo pesquisador, as perguntas ocorriam mais em tom de conversa para que os entrevistados pudessem se sentir à vontade, alguns falam muito, outros respondiam de forma breve, mas era possível observar que voltavam ao passado, ao banquinho na porta, sentados à mesa, ou até à beira da cama, bem como o brilho nos olhos de felicidade e, às vezes, tristeza, mas nesse momento as palavras traziam memórias.

Na segunda etapa, em grupos, as perguntas eram realizadas com o mesmo foco, mas de modo a possibilitar a troca de informações. Como por exemplo, quando uma acadêmica descreveu o curupira anão, com cabelo de fogo e pés ao contrário e, conforme a mãe falava, quem saísse à noite, o ser pegava. A outra, logo defendeu o ser mítico dizendo que não, o Curupira que a mãe dela falava, era, sim, muito feio, mas não pegava ninguém, era muito bonzinho, e que dava medo pela feiura, mas ele só queria defender a mata.

Na terceira etapa, a entrevista aconteceu em clima de roda de conversa, por meio do google meet, talvez pela distância, no início, o grupo ficou meio quieto, mas a pesquisadora buscou aguçar a atenção contando a história de Penélope, que não era uma deusa, mas uma ninfa, mulher de beleza singular, e considerada modelo de fidelidade, pois foi fiel ao marido Ulisses, mesmo estando ele ausente, lutando na guerra de troia, por 20 anos. E contou que ela enganava ao pai, que queria casá-la novamente, tecendo uma manta durante o dia e desmanchando à noite, assim postergou por 20 anos o casamento, nesse meio tempo Ulisses voltou. Os comentários renderam e daí pra frente se soltaram.

4.4 TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

As entrevistas foram todas transcritas, conforme proferidas pelos acadêmicos, porque as transcrições possibilitam analisar e observar de forma detalhada os conteúdos das entrevistas. Pois, segundo Halcomb; Davidson (2006, p. 38), a transcrição é a “reprodução das palavras faladas, como as que provêm de uma entrevista gravada, em texto escrito”. Corrobora Bailey (2008, p.127) quando afirma transcrever é um processo de “reduzir, interpretar e representar as conversas orais para que o texto escrito seja compreensível e tenha significado”.

Fez-se uma leitura das entrevistas transcritas, selecionando os conteúdos, a análise das narrativas aconteceu de forma qualitativa, em que se buscou compreender por meio das vivências, das experiências pessoais, da forma de colocar as palavras, ou seja, a linguagem, qual o significado atribuído aos mitos, às lendas e aos super-heróis que povoaram a infância dos velhos da UMA.

5 OS VELHOS, A MEMÓRIA, SEUS MITOS, LENDAS E SUPER-HERÓIS

Esta seção está carregada de representatividade, significados da vida dos velhos da infância à velhice, pois apresenta e discute-se os dados coletados nas entrevistas e nas rodas de conversas em grupo.

A vida é uma história, cada ano, situações, cada pessoa que atravessa o caminho vai compondo o mosaico da vida, mosaico único, sem igual, assim há muito para contar. História escrita em várias cores, nem todas são vibrantes, algumas são quentes, outras são frias, e outras são neutras que estão presentes nos momentos de calmaria.

No palco da vida, o dramaturgo e poeta espanhol, Calderón de la Barca, a define assim:

“O que é a vida um frenesi?

O que é a vida uma ilusão? Uma sombra, uma ficção? E o maior bem, é pequeno:
Que toda vida seja sonho, E os sonhos, sonhos são.”

E nesse ir e vir de emoções, sensações e sentimentos, o presente é temporário, o passado, as lembranças, e o futuro, ah...são sonhos!

As lembranças são memórias do cotidiano, das histórias vividas que estão guardadas de forma particular que, muitas vezes, quando narradas misturam sentimentos que entrelaçam realidade e ficção. São histórias de um ser particular que, na caixinha, lá no fundo da memória, guardou tudo que vem de suas experiências, de momentos difíceis, momentos bons, enfim, da própria vida.

As narrativas orais são histórias que aconteceram com o próprio contador, por isso, muitas vezes, vai-se escutar “aconteceu comigo”, “eu vi”, elas são ricas em informações, vão além das palavras, desvelam histórias entrelaçadas no tempo, ensinam sobre a vida, sobre experiências vividas. A narrativa deve ser compreendida de forma ampla, segundo Barthes (2008, p.19), “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm narrativas...”

Nesse toar, toda experiência humana pode ser externada, revelada, não existe uma única forma de narrativa, para Barthes (1994, p. 251-252),

a narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopéia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura (pensemos na Santa Úrsula de Carpaccio), vitrais de janela, cinema, histórias em quadrinhos, notícias, conversação. Além disso, sob esta quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórico, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida

Uma experiência narrada permite a resignificação do que se viveu, dado que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1994, p.15).

Os velhos viveram experiências únicas e, mesmo que tenham vivido a sombra do senso comum, eles têm em suas memórias a sabedoria da existência. O velho, por meio da história oral, possibilita a compreensão do sujeito pela própria percepção da realidade. Nesse contexto, a memória é fundamental para revelar elementos para relacionar passado com presente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, buscou-se por meio de entrevistas e rodas de conversas as diferentes representações, percepções dos velhos, acadêmicos da UMA, sobre os mitos, as lendas e os super-heróis que permearam suas vidas desde a infância, pois entende-se que as imagens gravadas na memória estão carregadas de sentimentos desses velhos, então não são apenas histórias, mas registros sobre a vida, os costumes, a cultura, a herança, a memória.

A primeira pergunta da entrevista, foi se, na infância, pai, mãe, irmãos e tios contavam histórias fabulosas. Urano (2020) disse que não, justificou dizendo que os pais não tinham tempo, trabalhavam muito na roça, levantavam muito cedo, e mal escurecia, já estavam todos dormindo. Ainda, diz que ele também começou a trabalhar muito cedo.

Da fala de Urano (2020), pode-se inferir que não havia momentos de interação com as crianças, como acontece nos momentos de contar histórias, e que a vida ia acontecendo no mesmo ritmo, pais trabalham na roça, filhos trabalham na roça, os poucos momentos em casa, são para repor o sono. Não se percebe fato significativo que valesse apenas ser lembrado, pois Urano pouco falou. Momento algum deixou evidenciar que isso o marcou de forma negativa, para ele, era o percurso natural da vida. O que vai ao encontro da concepção de Bosi (2015) quando afirma que o indivíduo seleciona o que quer lembrar ou esquecer.

É o momento de desempenhar a alta função da memória. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quinta essência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito esperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las as imagens de agora (Bosi, 2015, p.81).

Nesse tom, o indivíduo, segundo Halbwachs (2006), quando narra suas recordações, adentra a lembrança una, a experiência solitária, da qual o narrador é a única testemunha, no entanto, ele não é só, está inserido em uma “comunidade afetiva”, que carrega o contexto das situações sociais partilhadas com outros membros do grupo, ou seja, são lembranças que envolvem nas memórias os fatos sociais, potencialmente históricos de que tenham participado (Sá, 2012).

É visível na fala de Urano que na concepção de seus pais, da sociedade da época, a criança desde muito cedo deveria ser inserida na vida adulta, deveria ser produtiva, executar as tarefas como seus pais, ou seja, seguia os mesmos caminhos dos pais, aqui no caso do acadêmico, trabalhador rural. Nesse contexto,

a família não se organizava em torno da criança, e não se percebe a concepção de infância como uma fase em que há a necessidade de afeto, orientação e educação.

Corroborando com essa concepção Dolatía (2020) quando narra a realidade de muitas crianças que moram nas fazendas, em que os pais, ainda criam como foram criados, que o respeito deve ser ensinado mantendo uma certa distância das crianças, e que na presença de adultos a criança não deve falar.

Dolatía (2020)

Não, ninguém nunca contou história. Ninguém nunca contou história, eu nunca tive amor de pai e mãe. Era só benção, bom dia, quando a gente chegava perto, eu e minha irmã, mandava sair pra lá, porque conversa era de adulto. Não tinha aquele carinho, criança tinha que ficar em outro lugar, diferente do adulto.

Já adulta que ouvi minhas primas falarem de mula-sem-cabeça e o bicho do mato, Caipora. Mas aquela coisa de pai e mãe sentar com filho, de acariciar, de olhar pra eles, aquele momento de contar histórias que os pais fazem, isso nunca, meus pais nunca. Isso me marcou muito com tristeza, essa falta de carinho.

A fala de Dolatía faz com que se retorne no tempo, quando as crianças eram tratadas como se não fossem relevantes. Quando os adultos estabeleciam certa distância em relação às crianças, evitavam o apego afetivo. Infere-se que para a acadêmica a falta de interação dos pais com os filhos caracteriza falta de carinho.

Vê-se, na narrativa da acadêmica, sentimento que revela feridas que ficaram dessa sensação da falta de demonstração de afeto, não ser acolhida pelo pai, pela mãe, pois depreende-se de suas palavras que ela compreende esses momentos de contar histórias para os filhos como momentos de carinho, e essa relação distante, marcou profundamente a infância de Dolatía.

Muitos que crescem com esses sentimentos, podem não se valorizar, quando adultos, por entender que não merecem afeto. Reverbera Kuhlmann (1998) quando expõe que as experiências vividas pelas crianças nos diversos contextos históricos, geográficos e sociais são mais do que representações dos adultos.

No mesmo toar, Comenius (1997, p.45) afirma que a infância é base para o bom desenvolvimento do ser humano,

[...] assim como uma árvore frutífera pode se desenvolver por si mesma, mas ainda silvestre e dando frutos também silvestres; é preciso que, se devem dar frutos agradáveis e doces, seja plantada, regada e podada por um agricultor experiente. Do mesmo modo, o homem desenvolve-se por si próprio em sua figura humana.

Entende-se que a criança tem necessidades próprias, por isso, sendo a infância uma fase fundamental para a formação do ser humano, é preciso proporcionar interações sociais positivas à criança para desenvolver laços afetivos saudáveis, dado que a infância é a interação, a relação com o mundo, é a partir dessa interação que acontece a participação social, cultural e histórica, a apropriação de valores e comportamentos. Ratifica Sarmiento (2002, p.21), ao

afirmar que “nas interações com os adultos, mediadas por produtos culturais a ela dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas tidos como expressões da verdade.”

Artemis, também, disse que não lembrava dos pais contando histórias, mas lembrava da professora do primeiro ano contando histórias, no passado, mas significativo para ser lembrado no presente.

Artemis (2020)

Eu não lembro deles contando histórias, nem pai nem mãe. Não tinha isso lá em casa. Mas tenho lembrança do primeiro ano, da minha professora Stela contar as mais belas história, eu ficava olhando pra ela, viajava nas histórias, imaginando, eu ali naqueles lugares. Nunca esqueci, como gostava daqueles momentos, era o que eu mais gostava da escola, me marcou pra vida toda.

A narrativa de Artemis corrobora com as ideias de Bassedas; Huguet e Solé (1999, p.54) quando afirmam que “as vivências, as experiências compartilhadas, os sentimentos, as frustrações, as ilusões são tudo o que a criança apresenta” ao longo da vida. Ainda, completa a concepção de Kramer (2011, p.19) de que “é preciso ainda compreender que as relações sociais não se esgotam na mera presença física subjetiva de duas ou mais pessoas. Para ela, “é preciso o encontro delas para sua concretização.”

A narrativa de Artemis corrobora com ideia de Bosi quando afirma que quem lembra é o indivíduo, por isso o objeto de lembrança pode ser significativo para ele, mesmo que o grupo seja suporte da memória, dado que “quando o grupo é efêmero e logo se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos, as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres são sua convivência de anos a fio” (BOSI, 1994, p. 414).

Artemis ainda cita, como mito, o espelho quebrado e o sapato virado, que a tia e a mãe falava que dava má sorte “até hoje se vejo um sapato virado vou logo desvirá”. Na verdade, o que a acadêmica cita como mito é superstição, pois ocorrem em um universo das crenças populares, não são ancorados em construções simbólicas, culturais ou filosóficas para a compreensão da vida.

A grande maioria respondeu que sim, que os pais, tios, irmãos contavam histórias, e quem mais contava essas histórias, segundo o grupo, eram as mães.

Apenas Têmis e Apolo disseram ser o pai quem mais contava histórias, e não eram contos de fadas.

Têmis (2020)

Sim, Mamãe gostava de contar do voto em Cameté. Mas não lembro direito. A gente pedia para ela contar, e todo dia era a mesma história, ela não sabia outra.

Meu pai, não, era contador de histórias e minha mãe contava um pouco. Meu pai começava a contar e era como se fosse verdade, tinha o jeito. Era a forma de falar, o jeito de mexer com as mão, a gente parecia até hipnotizado, de tanto que a história parecia viva. E tudo que ele contava era real, parecia real.

Nesse limiar, o contador de histórias torna o momento de contar único, sedutor, seja pelo olhar, sorriso, tom de voz ou gesto, encena, descreve, de modo a levar o ouvinte a viajar, vivenciar a cena que está sendo relatada, pois para Bosi (1994, p.90), “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.”

Nesse limiar, Gouvea (2009) relata que a criança tem uma produção simbólica, e é o adulto a fonte de experiência social e material de suas formas de expressão. Portanto, é por meio das interações com os adultos que a criança conhece, atribui significado, interioriza valores e normas. Faz-se importante, então, que os pais, nesses momentos de contação de histórias, possam envolver a criança na história, dar vida aos sonhos dos pequenos, despertar emoções e sensações, permitindo a ela uma viagem ao mundo da fantasia, ou seja, é viver o mundo dos personagens, chorar com eles, sorrir com eles, é conhecer outros lugares, é aprender, pois “ é através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo [...] (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

É visível no tom de voz, como esses momentos em que pais e filhos estavam juntos na fantasia, nas histórias, marcaram de forma positiva a vida desses velhos, o quanto é prazeroso relembrar, as lembranças fluem e voltam ao passado, naquele momento que ficou registrado na memória.

Apolo (2020)

Meu pai gostava à noite de botar os mais novos para dormir, contava a história do Papa-fígado, pessoas leprosas pegavam crianças, matavam e comiam o fígado cru para curar a doença. Eu ficava apavorado, corria de quem eu achava que era leproso.

Hoje eu sei que era uma forma de proteger a gente, pois na comunidade tinha lepra, e para que a gente não corresse o risco de pegar, inventou a história para a gente ficar bem longe dessas pessoas. Acho uma forma de contar como a doença era aterrorizante. Pensa como era sabido.

O forte era contar as histórias dos folhetos cordelistas. Pavão misterioso. O herói que raptou uma princesa montado num pavão.

Infere-se que antigamente lepra era uma maldição divina, e o Papa-fígado surge para mostrar a criança que deve ficar longe de quem está doente, e à noite é escura, quando tudo que é ruim pode acontecer, então é hora de ficar quietinho em casa, dormir. Como Apolo falou, a sabedoria do pai em inventar uma história para tentar resolver um problema sério, o medo que os filhos pegassem a doença incurável levou-o a fantasiar, a criar um personagem, uma explicação para a doença, que naquela época não tinha explicação, por isso tinha que encontrar uma forma de deixar as crianças bem distante das pessoas portadoras da doença, porque estaria ali o perigo.

A fala de Téia se diferenciou dos outros que responderam que essas histórias marcaram suas vidas, pois evidenciou que o mais importante do momento não era as histórias, mas a presença física da mãe.

Téia (2020)

Sim, contavam histórias, chapéuzinho vermelho, curupira, da princesa, e não importava se era bonita, feia, triste ou alegre, eu esperava ansiosa o momento, era o melhor momento do dia, porque era o melhor jeito de ficar mais tempo com a mãe, perto dela, conversando com ela, tendo ela ali pra mim.

O que se pode deduzir é que, talvez por necessidade de trabalho, a mãe de Téia não disponibilizava de muito tempo para ela e os irmãos, e a história independente de causar medo, despertar curiosidade, encantamento, era um momento afetivo, em que a mãe de Téia estava próxima, dando a ela atenção que

necessitava, isso significou, ficou marcado. O que vai ao encontro da concepção de estudiosos quando afirmam que contar histórias para os filhos auxilia a desenvolver o imaginário, a inteligência emocional e as capacidades cognitivas. E, ainda, possibilita a construção de um ambiente de confiança e afetividade.

Atena narra com ar de felicidade, como se voltasse no tempo e vivesse o momento de novo. O seu relato, como se percebe, está cheio de lembranças afetivas, lembranças de situações que a afetaram positivamente e, por essa razão, os detalhes se fazem presente, nas suas lembranças.

Atena

No meu tempo, coisa boa era ficar na frente de casa ao anoitecer, todo mundo de banho tomado, cabelo molhado, eu meus irmão minha vó e minha mãe, eu sentia o perfume de jasmim da minha vó, ficava no ar, aquele cabelinho fino, molhado, em vez enquanto D. Maria vinha com os meninos, todo mundo sentado, uns no chão, outros, os mais velhos, nas cadeiras, lembro bem que algumas até capengas, balançavam, não sei porque, vovó na cadeira velha de balanço, e uns nos bancos, e minha vó começava a história, ela tinha o dom, sabe? A voz tinha pausa, de repente o tom subia, nossos olhos arregalados, cada barulho um susto, chegava até sair lágrima, mas ninguém desgrudava o olho dela. A casa era simples, mas a gente era feliz! Hoje não tem isso mais, ninguém senta para contar nada, cada um no seu canto.

Compreende-se que as lembranças trazem saudades das relações familiares, dos momentos que juntos ouviam as histórias que a avó contava, e esses momentos eram educativos, momentos de prazer e lazer, permitiam aos ouvintes transportarem-se para o mundo da fantasia, vivenciar experiências e emoções infinitas, pois a cada um cabe interpretar da sua forma, do seu modo o acontecimento contado.

As respostas permitem conjecturar que mesmo a maioria dos pais trabalhando na roça, encontravam tempo para contar histórias para os filhos, faziam como faziam seus pais e avós, ou seja, iam passando de geração em geração as histórias que buscavam explicar problemas do cotidiano.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

É certo que, por meio da contação de histórias, transmite-se conhecimentos, expressa-se sentimentos e busca-se explicar fatos e situações que trazem inquietação, bem como se transmite costumes, tradições e valores de geração a geração. Ainda, nos momentos de contação de história, cria-se um ambiente de emoção, encantamento, surpresa. Nesse toar, “as histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento. Dizem que os olhos são os espelhos da alma e a fala é o espelho da personalidade” (ROSSINI, 2001, p.56).

Infere-se que, no passado, os pais tinham mais tempo para estar com os filhos, para contar histórias, não tinham televisão e o celular, e as histórias chegavam até a criança na voz dos familiares, eram histórias inventadas, contos de fadas, lendas, lembranças da própria infância que estavam conectadas ao desenvolvimento da imaginação, à construção de identidade e aos cuidados afetivos. Contar histórias, nas

sociedades primitivas, tinha a função de difundir conhecimentos acumulados pelas gerações (BUSSATO, 2003).

Quando perguntado sobre os mitos que conheceram e fizeram parte da suas vidas, as respostas eram sempre evasivas, “mito é lenda?” “É o que mesmo?” “Não tenho compreensão do que é mito?” “Minha vida não teve mito, tudo foi verdadeiro, acho que o mito é uma mentira que vira verdade”.

Na verdade essa dúvida é comum, mas há diferenças entre os mitos e as lendas. Como já visto, os mitos nascem para representar fato natural, histórico ou filosófico, age de modo a equilibrar o sagrado e o profano. O mito tem como personagem os Deuses, as lendas, homens e animais. Vale destacar que o mito nasce para explicar a origem das coisas, explicação que parte da relação sexual entre deuses e da guerra de forças entre eles, buscavam explicar os castigos e os mazelas do mundo. Como por exemplo, a caixa de pandora, um dos mitos que iniciou uma roda de conversa, que os deuses puseram todas as mazelas do mundo, guerra, discórdia, ódio, inveja e as doenças do corpo e da alma, mas também continha a esperança. Pandora, primeira mulher que viveu com os homens na terra, era linda, inteligente, meiga, paciente e cheia de outras habilidades, mas sucumbiu à curiosidade e não resistiu à ordem de Zeus de nunca abrir a caixa. Ao abrir libertou todas as desgraças do mundo, desesperada fechou novamente, mas somente a esperança não havia saído e ficou presa na caixinha de Pandora. O que vem explicar porque no mundo temos tantas mazelas.

Apenas uma acadêmica, Íris, afirmou conhecer um mito, narrou sobre um mito que conhecia, Medusa.

Íris (2020)

A Medusa, aquela com muitas cobras na cabeça, e quando alguém olhava para ela virava pedra. Sempre fiquei muito impressionada porque as cobras não picavam. Mas não sei a história direito, só sei que é uma deusa má.

Importa saber que a concepção de Íris, de que Medusa era uma deusa má, é a da grande maioria das pessoas que conhecem pouco o mito ou ouviram falar. Mas, vale a pena analisar por outro lado. Medusa era linda, corpo lindo e com lindos cabelos dourados, era muito desejada por homens e Deuses. E Poseidon, deus dos mares, a tomou no santuário de Atenas, que furiosa se vingou, transformando os belos e longos cabelos em cobras, transformando-a em um monstro.

Na verdade, ela foi estuprada e foi punida por isso, o deus dos mares não foi acometido de nenhuma punição, o que desvela a sociedade machista desde os primórdios. Então, entende-se que mito da Medusa retrata a sociedade primitiva, em que a mulher era responsabilizada pelo abuso sexual, era impura, ou seja, o mito surge para explicar as sentimentalidades e complexidades humanas, até as mais absurdas e horríveis. Ainda desvela que a cultura de que a vítima é responsável pelo estupro tem sua origem há milênios, não é de hoje.

Nesse tocante, o mito, visto na perspectiva histórico-religiosa, é compreendido como um elemento de cultura, desprovido do caráter anormal, monstruoso, como explica Brandão (2002, p.36),

o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se.

Na antiguidade, os homens criaram deuses, deusas, monstros e heróis para explicar fenômenos naturais, assim por meio das narrativas maravilhosas trouxeram explicações para os fenômenos naturais, amenizando o medo dos homens. Como por exemplo, o mito que explica as quatro estações do ano. Deméter, deusa de toda terra cultivada, teve uma filha com Zeus, Perséfone que era muito bela. Hades, deus do inferno, apaixonou-se por ela e a raptou. A mãe desesperada saiu a sua procura pelo mundo e a deusa não mais fez suas tarefas, e a terra ficou infértil, chegou a fome, olhava-se em volta só devastação e abandono. Então, Zeus ordenou a Hades que devolvesse a ninfa. No entanto, Hades já tinha dado a Perséfone um bago de romã que a ligou ao mundo de Hades. Zeus buscou a solução, Perséfone passaria com a mãe metade do ano e a outra metade com Hades. Assim, na primavera e no verão, a ninfa está com a mãe que feliz floresce a natureza, e quando está no mundo dos infernos, a mãe triste, desola a natureza, outono e inverno.

Os deuses além dos poderes imensos, são imagem e semelhança do homem, com sentimentos como ciúmes, cólera, amor, e têm ações como mentir, têm artimanhas para conseguir o que querem. Nesse caminho, entende-se que o mito vem explicar um fenômeno que ao homem era inexplicável, e com a criação do mito encontra-se a explicação e ela é aceita e passada de geração em geração.

Para a pergunta, das histórias que seus pais contavam qual ficou marcada na memória? E por quê? As respostas na sua maioria foram mula sem cabeça, lobisomem, saci pererê, claro que contadas com alguns detalhes diferentes, pois ao serem contadas oralmente sofrem alterações, de região para região, de época para época, mas é a mesma lenda.

Para Afrodite, as histórias que a mãe contava eram feias, de coisas ruins.

Afrodite (2020)

Essas todas e mais outras horríveis. Tinha uma história que me marcou. Um homem vendeu um prego na parede pro diabo. Passado alguns anos, aparecia pendurados coisas com mau cheiro e quando o homem ia tirar, não conseguia e a casa ficava insuportável. Até que um dia ele questionou com o diabo pq ele não conseguia tirar as sacolas com as carniças e o diabo respondeu: a casa é sua, porém o prego é meu, vc me vendeu e eu penduro o que eu quiser ali. O homem não suportando vendeu a casa e se mudou. Porém, o prego o acompanhou na mudança. Até hoje essa se história me deixa um ponto de interrogação! Me marcou muito.

Apreende-se o quão complexos são os processos de construção da memória, dado que as representações das situações estão ligadas às experiências individuais, controladas por impressões, sentimentos, sentidos e relações afetivas. Como ocorre com Afrodite, quando se percebe que há fortes lembranças afetivas permeando toda a sua narrativa.

Sabe-se que quando a história é escolhida, os pais a escolhem com um objetivo, ou seja, um ensinamento para que a criança possa enfrentar com segurança as adversidades e buscar caminhos para

solução dos problemas. Por meio dessas histórias, a criança vive e sente muitas emoções, como a tristeza, a alegria, a raiva, a vergonha e outros tão importantes para a formação da identidade. Então, “... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!” (ABRAMOVICH 1997, p. 17).

Nas palavras de Afrodite, as histórias da mãe principalmente esta, da venda do prego para o diabo, marcou muito, fizeram muito mal a ela. E ela afirma que “até hoje, não passei isso para meus filhos e nem para os meus netos, porque me fizeram muito mal!”

Talvez a mãe de Afrodite quisesse passar o ensinamento de que temos que ter cuidado com nossas ações, porque nem sempre é possível arrepender e voltar atrás, que não se deve desobedecer as leis do desconhecido. Mas como afrodite relatou, essa história marcou, mas não pelo ensinamento, por medo e outras emoções ruins que despertou e parece que ela não conseguiu decifrar bem esses sentimentos até hoje.

Entende-se que o mal geralmente está presente nas histórias, mas o bem também, o que faz com que se possa escolher a solução que leve ao bem vencer. Esses aspectos são inerentes à vida psíquica da criança. Quando o bem vence mostra a possibilidade de nunca desistir diante dos problemas da vida real, que tudo tem solução, que é preciso ter forças para superar os obstáculos.

Anteia aponta que a história que mais ouviu e que a marcou foi a do Chapeuzinho vermelho, porque a mãe sempre dizia que não podia confiar em estranhos.

Anteia (2020)

Minha mãe conta a história de Chapeuzinho, e ia falano com a gente, tá veno, as pessoas não são o que parece, confie sempre desconfiando, só pode confiar no papai e na mamãe. Tem lobo em pele de cordeirinho. Cara bonita não significa gente boa. Isso me marcou muito. Sempre lembrei dessas palavras. Sempre fui uma filha obediente e nunca dei conversa pra estranhos. Por isso contei muitas vezes essa história para meus filhos, porque aprendi muito com ela e sei que meus menino também.

A história de chapeuzinho Vermelho traz os ensinamentos de que não se deve desobedecer aos pais e não se deve dar ouvidos a desconhecidos e, ainda, para os pais de que nem sempre os filhos estão totalmente seguros, é preciso cuidar, acompanhar, é preciso desenvolver laços de confiança e orientar.

Para Hebe, dentre as histórias que a mãe contava, a que mais marcou foi João e Maria. Conjectura-se que o fato da história retratar o cotidiano de uma família com dificuldades financeiras, o cuidado dos pais e a necessidade de escolhas, que, muitas vezes, vão contra a vontade do ser humano pode ser o motivo da identificação de Hebe.

Hebe (2020)

Minha mãe contava a história de João e Maria, eu não cansava de escutar, talvez porque me identificava com eles, nós erámos muito pobres. E eu gostava do final feliz. Uma vez perguntei a minha mãe se ela não tivesse dinheiro ia abandonar a gente, lembro do rosto dela sorrindo, _não minha filha, isso é só uma história. Mamãe nunca vai fazer isso, não tenha medo. Também perguntei porque uma mãe e pai é tão ruim e abandona filho. Ela só me disse, tem coisa que não tem resposta.

A hitória de João e Maria narra, de início, a situação de pobreza, as dificuldades enfrentadas por pais que nao têm como alimentar os filhos. Assim, traz o ensinamento de que, nossos heróis, os pais, nao são

perfeitos e, como todo ser humano, têm limitações, têm qualidades, defeitos, prazer e dor. Ainda, traz a compreensão de que a união faz a força, quando os irmãos se unem para pensar estratégias para resolver os problemas. Também ensina a não confiar nas aprências.

A história de João e Maria realmente é atraente, e ajuda a pensar e aprender alguns aspectos da vida cotidiana que, com certeza, as crianças terão que enfrentar. Os contos de fadas, de forma simples, abordam temas como as perdas, a fome, a morte, o abandono, a violência, por isso é tão fácil de se identificar com eles, já que trazem histórias e sentimentos comuns da humanidade.

Outra questão que foi colocada para os velhos foi sobre as lendas. Alguma lenda ficou marcada em sua memória? Qual? Conte o por quê?

Esse assunto foi o mais discutido, todos falaram muito, percebe-se que essas narrativas são fascinantes e, cada vez que são narradas parece que são vividas pelo narrador, apareceram o Lobisomem, Mula sem Cabeça, Saci Pererê, Curupira, Matinta Pereira, Boto e Iara.

Bia, disse que se lembra da lenda que a irmã mais velha contava da Matinta Pereira, e sempre contava essa.

Bia (2020)

A lenda conta que uma velha da região foi amaldiçoada e vira um ser indescritível que voa, uma ave, a Matinta Pereira. À noite sempre um assobio agudo acordava as pessoas e assustava as crianças, o pai então tem que responder Matinta pega o seu tabaco e, no dia seguinte, a velha vai na casa buscar o fumo. A Matinta é um ser endemoniado que atrai doenças e mal agora. Falam que a Matinta, quando está para morrer, pergunta: "Quem quer? Quem quer?" Se alguém responder "eu quero" recebe a maldição. Lembro que se a gente escutasse um assobio, nossa!! Cobria a cabeça e dormia até sem querer de medo.

Bia, lembra-se bem que sua irmã falava com ela que se promettesse à alguém alguma coisa tinha que cumprir se não a Matinta vinha cobrar. Nesse toar, a irmã ia ensinando o poder da palavra, da sinceridade, a confiança. Ninguém é obrigado a prometer, mas prometeu tem que cumprir.

Essas histórias fantásticas ganhavam vida entre a população da comunidade porque o ambiente na época era escuro, sem luz elétrica, poucas casas, mais matos, e, nas palavras de Bayard (1957, p.9), "a lenda exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez da cronológica de fatos consignados." Assim, lenda é compreendida como uma história real, a qual sua narrativa foi acrescentada imaginação e fantasia popular.

Ares afirma que a lenda que mais despertou seu interesse era a que sua mãe contava sobre Pai-do-Mato, porque mesmo sendo uma criatura monstruosa não machucava as pessoas, apenas as amedrontava para proteger os animais dos caçadores.

Ares (2020)

Minha mãe falava muito de um tal de pai do mato, ele era todo peludo quase não via boca nem olhos e ele pegava as pessoas e arrancava um punhado de cabelo da cabeça e daí ele ficava contando os cabelos, a pessoa corria, quando ele terminava de contar os cabelos que ele tinha pegado, ele alcançava a pessoa de novo e arrancava mais uma mão cheia de cabelo e ia contar de novo. A pessoa podia correr tanto que for, que na hora que ele quisesse ele só estende a mão, já tava lá pertinho da

pessoa de novo, mas isso eles contavam assim, sempre conversando com as comadres e a gente sempre ficava ouvindo aquelas histórias. Meu tio contava muitas histórias de assombrações aí a gente ia embora à noite eu nunca tive medo Graças a Deus, não tinha mesmo. Eu fiquei um pouco com receio, quando minha mãe me disse uma vez: _ minha filha se você achar qualquer coisa pode ser uma agulha pode ser um dinheiro, não importa o que você achar na casa dos outros devolva porque esse não é seu. Aí ela contou uma história de um menino que achava coisas assim né e falava para a mãe dele que tinha achado, e ele esse menino veio a falecer, aí ele morreu e a unha dele nunca parou de crescer, eles ia lá na sepultura e cortava a unha dele, quando era no outro dia já tava enorme de novo. Tudo isso me ajudou, eu nunca peguei nadinha na casa dos outros, nada em lugar nenhum, nunca peguei. E também eles falava muito em mula sem cabeça né, e dizem que se uma moça namorar compadre ela virava mula-sem-cabeça coisas assim.

A fala de Ares evidencia os objetivos das lendas que, são narrativas fantásticas que marcam a vida das pessoas, ensinam valores, como no caso de Ares, a honestidade. Ainda, desvela como a imaginação do ser humano se revela fértil na tecitura situações e histórias fantasiosas em que o homem viaja no mundo lendário para responder sobre os acontecimentos na natureza, e contam para filhos e netos essas histórias que, com as asas da imaginação, dão vida a esses seres lendários. Nesse toar, “a lenda demanda do contador e do ouvinte a crença na verdade do que se conta”, e que as pessoas contam lendas a fim de “verbalizar ansiedades e medos e, ao explicá-los, liberar-se do poder opressivo de seus medos” (RÖHRICH,1988 apud DÉGH, 2001, p. 37).

Já nas lembranças de Dionísio, o povo contava que o Pai do Mato fazia tudo para defender a natureza.

Dionísio (2020)

No mato quando fazia um barulho à noite, mãe falava que era o pai do mato, não sabia se era homem ou bicho, era grande e muito forte, com cabelos e unhas compridos, orelhas grandes, voz alta e rouca, seu urro é ouvido em toda a floresta, é assim que defende os animais e as plantas e come gente. Ninguém queria ir no mato à noite com medo de encontrar o pai do mato, quando alguém ia à noite caçar a gente perguntava se tinha visto o bicho. Do jeito que todo mundo falava, parecia até verdade, a gente criança acredita mesmo que era verdade, eu nem sabia que era lenda. O povo inventava as histórias e a gente acreditava. Na quaresma, quem tinha coragem de comê carne, ninguém, já que nessa época era que mais aparecia, todo mundo queria era ovo rsrsrsrs.

No palco do imaginário local, surgem os personagens, não é humano e nem animal, parecem animais com características humanas, com poderes extraordinários, como nas lendas que mais chamaram a atenção de Astreia, a do Lobisomem e do Boto.

Astreia (2020)

As histórias que mais me chamam atenção são as do Lobisomem e do Boto, do Lobisomem porque falam que foi uma praga jogada por uma mãe, e eu ficava pensando como a mãe joga uma praga dessa no filho e do Boto porque falam que é um peixe que transforma em homem e atraí as moças para o lago e as engravida e acho inacreditável e minha mãe gosta de ouvir e contar. E eu ficava ali me fazendo um monte de perguntas: Que mãe é essa que faz isso com o filho? Minha ideia de mãe era outra, mãe tinha era que proteger o filho. E do Boto eu ficava pensando, com é que ninguém sentia o cheiro de peixe, porque se era um peixe que virava homem tinha o cheirinho, porque no mato não tinha perfume. E se era diferente de todo mundo, todo mundo devia saber que era aquele o boto, porque ninguém fazia nada. Minha curiosidade era grande, mas ninguém me dava as respostas, mais curiosa eu ficava.

Astreia ainda coloca que “cada história dessa que a gente ouvia e ainda ouve não deixa de não marcar, pois a tendência é confiar e acreditar no que nossos pais falam, se é certo ou errado não sabemos, como o homem do saco que intimida as crianças teimosas, então sempre fica uma marca”.

O Boto também foi tema das conversas em grupo, as narrativas sobre a lenda do boto foram bastante intensas. Reza a lenda que, no Amazonas, o boto cor-de-rosa, num noite estrelada, em época de festa junina, transforma-se em um lindo rapaz que vai para as festas, dança com as moças e escolhe a mais bonita e leva para um barco, passa a noite com ela que amanhece sozinha no barco, no rio, ao lado do barco um boto dançando e emitindo sons, como se cantasse alegremente. A conversa sobre o boto foi animada, cada um com sua concepção e crença. Para Cronos, essa lenda foi inventada por alguma mulher que nas festas de São João saiu da linha e não tinha como contar para os pais.

Cronos (2020)

Essa lenda foi inventada de conveniência, para justificar safadeza das moças nas festas de São João. Bebiam escondido, beija um, outro e depois nem sabia quem era o pai. Ou se sabia o caboco não queria assumir, ou era casado, noivo, ou não queria nada mesmo. Ai com medo dos pais, as moças falavam que era do boto, como que o pai ia atrás. Garanto que tem é menino que a mãe fala que é filho do boto, rsrsrsrsr.

Doris (2020)

Não, minha mãe contava e afirmava que era verdade, que esse moço aparecia e que todo mundo via, porque ele era diferente de todo mundo das festas, chamava a atenção porque era muito bonito da pele clarinha e rosada e as moças ficam todas encantadas. Ele enfeitiçava elas. Tinha vez que os homens da festa colocavam ele para fora, com medo de pegar as moças mais bonitas, minha mãe falava que era inveja pura. E muita gente acredita, porque muita gente afirma que viu o boto, mãe, tias, conhecidas, dizem que é verdade, que o boto é mesmo encantado, e encanta as mulheres que se entregam a ele e depois ficam com os filhos nas costas, mas isso acontecia era antigamente.

Hera (2020)

Já ouvi muita gente falano no boto, os rapazes até hoje nos povoados pequenos na berada dos rios, nem gostam que as mulheres e namoradas nadam nos rios, pois acreditam no boto e ficam com medo do boto puxar as mulheres. E as famílias acreditam mesmo que a moça está buchuda do boto. São histórias que muitas pessoas falam que são verdadeiras, e que pode acreditar.

Na verdade, Cronos tem a mesma concepção de Aliverti (2005, p.284), que afirma que a lenda do boto,

é a saída social para as moças que engravidam sem casar. Desculpa fundamental que desvia a jovem do papel de pecadora para o de vítima. O mito também serve ao rapaz que engravidou uma jovem, uma vez que não será procurado, nem identificado, nem responsabilizado. Como resolve tantos 'desconfortos', o Boto apresenta-se como um mito socialmente perfeito, sendo talvez esta a razão que o mantém tão vivo até hoje.

Entende-se que as narrativas folclóricas não podem ser consideradas apenas ficção, segundo Henrique (2009) “mais do que uma lenda, o boto é um mito, uma forma de explicação de determinada realidade.” No caso do boto, uma gravidez indesejada, e, percebe-se que, entre os participantes da pesquisa, muitos realmente acreditam nas histórias contadas sobre o Boto.

Importa saber que essa foi a lenda mais comentada nos grupos, uns céticos e críticos e outros crendo que é possível que os botos virem homens para seduzir as moças, pois já ouviram muitas pessoas afirmarem que aconteceu com elas.

Outra lenda que deu o que falar, foi a do Lobisomem, aquela que conta que, durante o dia, ele tem as características de um homem comum e à noite transforma-se em um feroz lobo que tem como alimento principal o sangue.

Para Perséfone, as lendas que fizeram parte da sua infância foram as lendas do Lobisomem, Mula-sem-Cabeça e o Bicho Papão.

Perséfone(2020)

Sempre no período da quaresma, mamãe falava que se fizesse alguma coisa errada, aparecia o lobisomem, a mula sem cabeça ou desses outros para pegar a gente. Era um medo danado, até na rede eu achava que debaixo tinha eles. E a gente passa 40 dias quietinho, querendo nada com a levadeza com medo de vê esses bicho feio. À noite era tenebrosa, todo barulho agoniava e a imaginação já voava, pensava logo que um deles ia aparecer. Ficava quietinha, era tão desesperador que eu imaginava a porta abrindo e aquele bicho- homem tão feio vindo pra cima de mim. E, na quaresma, era assim, todo mundo falando no lobisomem e na mula sem cabeça, não tinha outro assunto, era mamãe, era titia, era a vizinha, tudo mundo falando nos bichos. Se acordasse de noite, cobria a cabeça e nem olhava pro lado, ficava durinha, e o medo?

Gaia e Tálassa também citam a lenda do cachorro de olhos vermelhos, o Lobisomem, como a lenda que mais marcou.

Gaia (2020)

Minha mãe contava a história do lobisomem e falava que era verdade que muita gente tinha visto o lobo. O lobisomem porque era um bicho feio, peludo, parecia com um lobo e pegava as pessoas nas noites de lua cheia, e que ele virava lobisomem porque a mãe dele jogou uma praga nele. E minha mãe falava que tinha era muitos lobisomem. Quando mamãe ficava brava, rezava baixinho para ela não colocar praga.

Tálassa(2020)

O lobisomem porque muitas pessoas na minha cidade afirmava que já tinham encontrado com ele na noite de lua cheia, então eu acreditava e tinha medo. E quando era lua cheia, eu e meus irmão não queria sair de casa. O povo ficava na envolta do fogo, assando milho, tocando violão, e contando essas histórias, até mais tarde, mas o medo era grande e quando a gente saía, ficava olhando pro mato, e se ventava e o mato mexia, corria pra dentro e ficava tentando escutar algum uivo, chegava a amarelá, o medo era tanto que a gente dormia. Também as pessoas falavam que quem ele mordida a maldição passava para a pessoa e a gente ficava com tanto medo de ser mordido pelo bicho.

Observa-se que a lenda do lobisomem também foi muito citada e as explicações sempre demonstram o medo, que ocorre até nos dias atuais nas localidades rurais. Vale destacar que essa lenda tem sua origem na mitologia grega, Segundo Machado (2018, s/p).

Referências a homens-lobo aparecem nas obras de filósofos antigos como Heródoto, Pausânias e Plínio, o Velho. Na mitologia grega, existe a história do rei Licaão da Arcádia, que fez Zeus comer as vísceras cozidas do próprio filho. Para puni-lo, o deus o transformou num lobisomem. É dele que vem o termo “licantropia” (a habilidade mágica de se transformar nessa criatura).

A lenda do lobisomem é a mesma, mas com algumas particularidades, uns falam que ele come as pessoas, outros que é feio, mas tenta não fazer mal às pessoas, que se esconde nas noites de lua cheia, outros

que ele pega somente crianças, o que demonstra que as lendas vão sofrendo modificações, adequando-se às particularidades, à cultura da comunidade.

É visível a empolgação dos velhos contando as histórias, o que vai ao encontro das ideias de Bosi (1994) quando afirma que o velho se vê sujeito da sua própria história, sente-se importante, pois "o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria, dado que é uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos" (p. 82), pois o ouvido atento acompanhando a história oportuniza ao velho lembrar que já produziu. Nesse toar, a memória devolve sua dignidade, pois descobre ser narrador da própria vida, narrando a sua história e, de acordo Critelli, nossa própria história nos ronda numa síntese emblemática e silenciosa.

É uma síntese, pois certamente condensa autointerpretação que vivemos fazendo de nós mesmos e das razões de sermos como somos. É emblemática porque, na maioria das vezes, está ligada a algum episódio que referenda e fundamenta tal autointerpretação. E é silenciosa porque quase nunca falada e expressa: acompanha-nos na surdina (CRITELLI, 2012, p. 51),

E, nas narrativas, revela-se a memória contruída com a convivência em família, em grupo, na comunidade, grupos esses que servem de referências. E, é, no mundo da memória, que o velho expõe a sua história e, nesses momentos, narra de forma crítica, recompondo, recontruindo a própria história. Ainda, destaca a autora que a singularidade das histórias construídas desnudam a identidade do velho e as experiências dos velhos que as contam são legitimadas. E, nesse toar, as narrativas desvelam lembranças e afetividades, estão cheias de representações visíveis nas palavras escolhidas para contar suas histórias.

Iriana, a princípio, escutou calada, nas rodas de conversa, até o momento em que criou coragem, depois de ouvir os colegas, começou a contar a lenda que marcou a sua vida, e o que estava gravado na memória.

Iriana

A lenda marcou a minha vida, foi o curupira, meu avó chamava de pai do mato, e contava que se a gente arrancasse uma folhinha da árvore, ou uma florzinha da planta, ele ficava tão bravo, que saía fogo dos olhos e da boca e vinha pegar a gente. Vovô contava que ele morava dentro da mata, e que muita gente sumia na mata, porque ia lá tirar madeira, acabar com a mata. E, aí, como ele era o guardião da mata, ele matava o home. Ainda, falava que, às vezes, ele nem precisava tocar na pessoa, só aparecia no breu da noite e a pessoa via aquela coisa feia e morria de susto. Essa lenda ensinou nós, eu e meus irmão a protegerem a natureza, porque a gente tinha medo do curupira.

A narrativa da acadêmica demonstra que, na prática, os pais buscavam ensinar os filhos com as mesmas histórias que serviram de base para os seus ensinamentos. É mister que as narrativas míticas valem do medo para passar ensinamentos e valores, como a própria Iriana afirmou quando disse "eu aprendi a respeitar a natureza com essas histórias e também fiz isso com os meus filhos, então é um jeito bom de aprender, e a gente acreditava mesmo, porque respeitava o que a mãe, pai e avó falava."

Réia disse que a lenda que ela conhece é a da Iara.

Réia (2020)

Eu vim conhecer essa lenda já era mocinha, adolescente, mas ela me encantou, ficava na beira do rio, horas, imaginando uma mulher linda, de longos cabelos negros e os olhos verdes, metade mulher, metade peixe, na verdade, a imaginação era tanta que parecia escutar seu canto. Queria ver. E contavam que o canto encanta e a mulher fascina, os homens entram no rio atrás dela e só saem mortos. Na região, quando algum homem que era bom nadador morria afogado, e morria, eles falavam que foi seguir o canto da Iara e não conseguiu voltar. Quando acontecia alguma dessas tragédias, aí que eu ficava olhando o rio para ver se via a sereia. Eu eu gostava muito da história da sereia, acho que porque todo mundo falava que não tinha boniteza igual e que o canto era mais lindo que dos passarinhos, aí eu queria vê.

A lenda preferida de Réia busca explicar porque pescadores, que sabem bem nadar, morrem, muitas vezes afogados, já que é difícil entender como uma pessoa que sabe nadar morre afogada, mas como não há uma explicação, a lenda vem para explicar. Ela retoma o mito das sereias descrito nas aventuras de Ulisses em sua odisseia, quando belíssimas sereias com seu canto puxavam os marinheiros para a morte. Pode observar a mensagem e a história compartilham elementos comuns, no entanto mudam de cultura para cultura, adquirem características próprias da cultura de quem narra a história (LIMA, 2003).

Inferi-se que as narrativas míticas são fundamentais para que o indivíduo se desenvolva na proporção que auxiliam compreender a si e ao outro. Dessa forma, para Bronckart (1996-1999, p.61) “os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas ao mesmo tempo que constroem uma compreensão de seu estatuto de gente.”

Importante salientar que, nas tecituras das narrativas, é desvendado que as lembranças dos velhos precisam ser valorizadas, pois elas trazem histórias de vida que falam de memórias pessoais e coletivas e, segundo Benjamin (1994, p. 200) “a fala possibilita a percepção de um mundo que está em nós e com o qual nos identificamos; ela amplia nossa percepção do real, revelando uma insuspeitada faceta, que, ao se mostrar, incorpora-se a nós, alargando nossa compreensão”.

Nessa perspectiva, essas histórias de figuras lendárias são criadas pela população local e os fatos relatados são compreendidos como verdade e são transmitidos de geração para geração por meio das narrativas orais, em que as pessoas narram o que viveram e o que acreditam que existe porque fazem parte da cultura, então são reais.

Percebe-se nas palavras, no tom de voz dos velhos, como esse momento de contar histórias é prazeroso e isso dá um tom diferente à narrativa dessas histórias fascinantes que são formas de retratar a realidade, a relação do homem com o meio em que vive. Assim, a lenda para Lima (2003), é uma narrativa mítica possuidora de peculiaridade cultural que traz consigo aspectos socioculturais presentes na vida das pessoas.

Os velhos entrevistados, na sua grande maioria, evidenciaram que na infância não conheceram mitos e super-heróis, para dois deles, os seus super-heróis eram os pais, “pra mim pai e mãe é que sempre foi super-heróis.” Mesmo que o Superman, o mais conhecido por ser o primeiro dos quadrinhos, tenha mais de 80 anos, e antes dele existirem outros, como por exemplo, o Zorro.

Ainda, citaram como seus heróis os professores da UMA. Como evidenciado nas respostas a seguir.

Nix (2019)

Herói é do bem, porque muda a vida das pessoas, faz elas mais felizes, são os nossos professores da UMA. Depois que comecei a fazer a UMA, comecei a viver de novo. Então vejo meus professores como heróis, eles ajudaram a mudar minha concepção de velhice, a me valorizar, hoje eu posso tudo, sou mais feliz.

Afrodite (2019)

Nós temos professores na UMA que são nossos heróis, valorizam a gente, ensinam, faz a gente sentir bem, sentir útil, sentir vivo.

Nesse contexto, são sábias as palavras de William Shakespeare quando afirma que

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as consequências. Aprende que paciência requer muita prática. Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se.

Conjectura-se que os professores da UMA desenvolvem um trabalho que aumenta autoestima dos velhos, que se sentem reconhecidos, úteis, ativos, o que possibilita a autovalorização. Assim, é fato que os professores da UMA são diferenciais na vida desses velhos, são heróis, pois, além de propiciar novos conhecimentos, possibilitam a continuidade do desenvolvimento, transformam a vida do velho dando sentido ao cotidiano, levando-os a encontrar o que tem de melhor em si para que possam vivenciar, com otimismo, os conflitos advindos desta fase da vida. Corrobora com essa concepção, Duarte (1998) ao afirmar que para uma velhice saudável, além de bom estado de saúde física, o velho precisa de respeito, reconhecimento, sentir-se parte ativa de sua comunidade, em que tenham vez e voz para poderem compartilhar experiências.

Nesse sentido, o projeto pedagógico da Universidade da Maturidade da UFT busca valorizar a diversidade dos saberes dos velhos por meio de atividades que possibilitam uma educação emancipatória, que permitam aos velhos libertarem de antigos estigmas que os impossibilitam de ser ativo socialmente, uma educação que permite aos sujeitos cognitivos se relacionarem, interagirem os saberes formais e não-formais, buscarem o que, ainda, não sabem, sentir-se capazes de atuar como atores principais na sociedade, que tenham atitudes, tenham crescimento pessoal e social, deixando de lado a condição de coadjuvante.

Quando perguntado qual super-herói dos quadrinhos e filmes conheciam, apontaram; Zorro, Três Mosqueteiros, Mulher-Maravilha, Mulher-Gato, Homem de Ferro, Superman, Hulk e MacGyver.

Estranhou-se quando MacGyver foi citado, já que não é propriamente um super-herói, é um agente secreto muito inteligente que resolve os problemas sem armas, sem violência, porém, ao longo da pesquisa, percebeu-se que foi escolhido pela inteligência, visto que, quando perguntado sobre as características de um super-herói que mais os fascinavam, a inteligência e a justiça vieram em todas as respostas, seguidas da força e coragem. Como exemplificado com as respostas a seguir.

Hera (2019)

O que mais me chama atenção é a Inteligência, com certeza, vem em primeiro lugar, depois a justiça e a força.

Atena (2019)

As características principais para mim são inteligência, a força e o senso de justiça são os atributos de um super-herói pra mim.

Zeus (2019)

Inteligência, buscar resolver, dar um jeitinho usando a inteligência.

Percebe-se que, na concepção dos velhos pesquisados, a inteligência é a característica que mais diferencia o cidadão comum de um super-herói, então, parafraseando Francis Bacon (1597, apud ZATERKA 2004, p. 14), “o conhecimento é poder.” Nesse contexto, destaca-se, pelas respostas, que relacionam a inteligência à solução de conflitos por meio de estratégias, sem violência e sem armas.

Afrodite (2019)

A justiça é um valor que o super-herói tem que ter, para acabar com tanta injustiça, tanta maldade, tanto desrespeito com as pessoas.

Têmis (2019)

Acho que a justiça não pode faltar no pensamento do super-herói, porque senão não tem poder nenhum, pois eu entendo que ele tem que ser bom e respeitar os direitos dos outros em todas as situações. Seria bom que todo mundo fosse justo.

Infere-se que a opção de todos pela justiça está relacionada ao desrespeito, às injustiças que presenciam e, muitas vezes, sofrem nas relações sociais, o desprezo, descaso, a violência, o que faz com que valorizem o valor ético de justiça nas pessoas, principalmente em um ser com superpoderes, que está além do ser humano. Ainda, entende-se que compreendem que são pilares da justiça igualdade e equidade para o bem, para melhor qualidade de vida, o que segundo Perelman (2005, p. 9) é “dar a cada um a mesma coisa; dar a cada um segundo seus méritos; dar a cada um segundo suas necessidades; dar a cada um o que a lei lhe atribui.”

Nesse contexto, entende-se que a justiça, na concepção dos acadêmicos, corrobora com a concepção de Rawls (2003, p. 181) que afirma que além “dos direitos e liberdades fundamentais, “acrescenta a “liberdade de movimento e livre escolha de ocupação”; “poderes e prerrogativas de cargos e posições de responsabilidade nas instituições políticas e econômicas”; “renda e riqueza” e, sobretudo, “as bases sociais do autorrespeito.”

A força foi a terceira característica escolhida que mais fascina os velhos, como revela Artemisa.

Artemisa (2019)

A força, ser potente, dar conta de superar todos os obstáculos, por isso sou fã do Hulk, nada detém ele.

Conjectura-se que a escolha da força está relacionada à ambição humana de elevar sua condição física, retratar os próprios desejos de voltar a ter agilidade e força muscular de antes. Ainda, se veem nesses personagens que, mesmo tendo superpoderes, como todo ser humano, há momentos de fraqueza, de sentir medo, de precisar da ajuda do outro.

A acadêmica afirmou que até hoje, quando está assistindo o Hulk, não precisa conversar com ela, porque ela se teletransporta para o outro mundo, identifica-se muito com o super-herói, pois em toda sua vida encontrou muitos obstáculos e foi, como Hulk, derrubando tudo, vencendo os problemas.

A fala deixa evidente que, quando citam a força, nem sempre estão se referindo à força bruta, mas, na maioria das vezes, a capacidade de enfrentar situações difíceis, encontrar soluções e ir em frente, porque pelos relatos, a maioria, não teve uma trajetória de vida fácil. Então, há, conforme Weschenfelder (2011), uma alusão, já que as histórias dos super-heróis versam sobre questões do cotidiano, relacionadas à suplantação de adversidades, apresentam valores como ética, moral, justiça, ainda, aparecem nas situações de conflitos, violência, enfrentamento dos seus medos e, ao final, a vitória, vence a dor e o sofrimento, nesse contexto entram o fortalecimento, a superação da adversidade. Entende-se que os velhos se enxergam nos super-heróis, pois representam a garra, a força, como se pode alcançar o que se quer.

Das mulheres, a maioria, apontou identificar-se com a Mulher-Maravilha, e fizeram um paralelo com as situações da dona de casa, que têm mil e uma tarefas ao mesmo tempo e dá conta de tudo. Uma se vê a Mulher-Gato, como exemplificam as respostas a seguir.

Gaia (2019)

Me identifico com a Mulher-Maravilha, porque nós mulheres criamos uma condição de super-heroína, quando temos que cuidar de tudo, trabalhar fora, cuidar da casa, cuidar dos filhos, heroínas do dia a dia.

Nix (2019)

Acho que a mulher gato, gosto de escalar morros, quando falo, quero dizer obstáculos, não tenho medo das situações difíceis, enfrento, vou a luta, me vejo assim mais discreta.

Percebe-se que as escolhas estão relacionadas às expectativas de cada um, e buscam nas narrativas dos super-heróis a inspiração para enfrentar os problemas com esforço pessoal.

Outro aspecto importante detectado é a concepção de que as velhas da UMA trazem o empoderamento da mulher, deixam de ver a mulher como a dependente, aquela que precisa da figura máscula para tudo. Hoje, sentem-se importantes, guerreiras, como a Mulher-Maravilha.

Lógico que, na conversa, todas apontaram que se pudessem queriam o corpinho, a cinturinha e a beleza das super-heroínas, mas, ao mesmo tempo, deixaram claro que toda fase da vida tem sua beleza, e que são lindas hoje como estão, se veem lindas, mesmo nessa fase da vida, e atribuem à UMA essa autoestima alta, como a resposta a seguir.

Téia (2020)

Quero a beleza, a cinturinha de pilão, o corpão. Há!! Bobagem, no fundo sei que todo mundo é bonito, cada idade tem sua beleza, e cada um é bonito do seu jeito. E isso aprendi aqui na UMA.

É fato que os acadêmicos entrevistados demonstram alta autoestima. Infere-se que a Universidade, o estar no convívio com outras pessoas faz com que tenham capacidade maior para enfrentar os desafios.

Compreende-se que a autoestima apreende autoconfiança e autorrespeito. O Autorrespeito está relacionado à autoconfiança, a concepção de que é eficaz para pensar, para aprender, participar em decisões, encontrar soluções, enfrentar os desafios.

No entanto, uma acadêmica respondeu que na fase adulta já não tem fascínio pelos super-heróis porque não tem mais fantasia. Ora, se o ser humano perde a fantasia, encolhe-se no esquecimento e nulidão, dado que a fantasia é que possibilita ao homem caminhar e construir sua história.

Héstia (2019)

A fase de criança passou, sem fantasia, sem conhecer os super-heróis, não vivi isso, minha vida foi só dureza, muito trabalho desde pequena, agora, nessa fase, já não tem fantasia, o desejo muda, já não tem como fugir da realidade, não me iludo com nada. Não vejo graça em super-herói e, muito menos, me vejo sendo uma heroína.

Héstia não se comparou com nenhum super-herói, apenas citou. Infere-se por suas falas que talvez esteja em um momento não muito bom. É certo que a resiliência, segundo Neri (apud Fontes 2006, p. 11), ocorre por meio de “mecanismos de autorregulação do self, aprendidos ao longo da vida, podendo variar de indivíduo para indivíduo, conforme a exposição a diferentes condições de saúde, inteligência e personalidade.”

Ainda, considera que “o envelhecimento bem-sucedido é medido não apenas pela ausência de problemas, mas por indicadores de bem-estar subjetivo, como são a satisfação com a vida, a felicidade, a moral, o contentamento, a qualidade de vida percebida [...]. (LARANJEIRA, 2007, p.330). Corrobora-se com a concepção do autor da necessidade de apoio social e autoestima para que os velhos se adaptem melhor ao processo de envelhecimento.

Entende-se que a autoestima, que segundo Hutz; Zanon (2011), é um conjunto de sentimentos e pensamentos sobre si mesmo, assim essa representação pessoal pode ser positiva ou negativa está relacionada, principalmente, com o sonhar, querer realizar algo, visto que deve haver a fantasia, a perspectiva de futuro, e a universidade é um espaço de engajamento social que induz a projetar o futuro, a ter objetivos, a planejar o amanhã, o que gera satisfação, alta autoestima, e qualidade de vida.

Percebe-se que a escolha dos super-heróis está relacionada aos valores morais e éticos e que os velhos buscam na fantasia desses personagens mudar a sociedade que, conforme as palavras de Zeus, “queria o mesmo, poder para acabar com tanta marginalidade, com tanta violência, com tanto desrespeito.” Ainda, corrobora com Zeus, Artemisa ao afirmar que “as pessoas perderam a noção do mal, queria o poder para combater tanta maldade.”

Depreende-se, das narrativas, que os velhos entendem que a UMA tem um papel preponderante para que possam assumir papel de protagonistas, sintam-se pertencentes a um grupo e com ele podem se tornar um super-herói, podem salvar o mundo, o mundo deles. Como quando mencionados, como heróis, os Três Mosqueteiros, que na verdade eram quatro, tinham um lema: “um por todos, todos por um”, que juntos eram invencíveis, competentes, excelentes espadachins, defendiam o rei e o reino contra os inimigos. Nesse

contexto, infere-se que é essa a sensação que sentem no espaço da universidade, que estão se cuidando, são fiéis escudeiros do rei, cada um assume o papel de rei em determinado momento, quando precisa da tropa de elite que está ali para duelar por eles.

Então, acredita-se que frequentar à Universidade traz para o velho autoconfiança, o que possibilita o empoderamento, valorização pessoal com a inserção social, o que proporciona, conseqüentemente, melhor qualidade de vida. E nesse contexto, se veem como heróis, como nos exemplos abaixo em que pode-se perceber o papel importante da UMA no empoderamento e, por consequência, pode gerar o aumento da qualidade de vida.

Artemisa (2019)

Eu sou uma heroína, uma mulher maravilha, passei tanta coisa, e hoje estou aqui na universidade, estudando, dançando, ajudando, participando de todas as atividades, sou feliz, a Mulher-Maravilha.

Gaia (2019)

Todo mundo tem hora que tem que ser super-herói, pode até ser que de brincadeira, aqui na UMA, mas é herói. Aqui é cheio de herói. Amigo herói, professor herói, tem é muito herói bom aqui.

Hera (2019)

O Zeus é um herói pra nós, conserta tudo, tem sempre a solução perfeita. No nosso grupo, é nosso herói, depois dos professores.

Outra concepção que foi possível conjecturar, com as narrativas dos velhos, é que existem muitos heróis nas nossas vidas, nossos pais, alguns amigos, professores, entre outras pessoas. E que, em cada fase de vida, encontra-se heróis, visto que eles surgem da admiração, do respeito, mesmo que não tenham superpoderes.

Assim, em harmonia com as reflexões prefaladas, compreende-se que as memórias dos velhos inter-relacionam às relações afetiva deles com os acontecimentos, lugares e pessoas, quanto mais significativa a lembrança mais detalhes são descritos como sensações, gostos e sentimentos.

As narrativa dos velhos da UMA revelam histórias lendárias contadas com marcas pessoais presentes, assim evidenciam imagens simbólicas que agem, segundo Durant (2001, p,35), como “hormônio da imaginação”. As histórias do coração se espalham por todos os sentidos, divagando até chegar ao imaginário. Assim, ao contar suas histórias, o velho revive o passado entrelaçado com o presente e, segundo Fernandes (2005, p.143), “o vivido implica ter passado pela experiência da vida, ter sido exposto ou expor-se, ter permitido o acontecimento em si do conhecido e do novo, do inusitado, do imprevisto. Implica criar significado. A vivência permite o conhecimento.”

Nesse caminho, a memória retida é lembrada, e mesmo que transmitida coletivamente, é trabalhada, recordada de modo a individualizá-la, pois retem-se apenas o que é significado. Nesse limiar, Bosi declara que somos testemunhas de nossas lembranças, e, nem sempre é possível crer nos próprios olhos, quando solicita-se para o outro confirmar a visão, pois “só eu senti, só eu compreendi...” (BOSI, 1994, p. 408).

É importante destacar que velhos ao narrarem sobre seus mitos, lendas e seus Super-heróis reativaram suas memórias, trouxeram à tona vínculos com outras épocas, experiências vividas, sentimentos

e desvelaram feridas da infância, como, por não ter momentos de interações com os pais, em que os pais presentes contavam histórias, na porta da casa, na cama para dormir, ou em outras situações do cotidiano, possam ter despertado o sentimento de não ser amado pelos pais, de não se sentirem valorizados enquanto seres humanos presentes ali no seio da família. Então contar suas histórias, pode, conforme Vasconcelos (2016, p.37), atuar

[...] nas mais diferentes dimensões do processo humano, pode, de alguma forma, colaborar com a criação de uma visão mais holística do ser humano. Pode ainda, trazer novas respostas, as inquietudes conscientes e inconscientes, sejam elas, respostas individuais ou coletivas. Pode alterar estados de ânimos, com isto, construir pontes para uma nova compreensão do processo da doença, da cura, da vida. Com isto, colaborar com a realização de um estado harmonioso de viver a vida em sua totalidade.

Nesse viés, o velho quando rememora realiza, segundo Bosi (1994), a função de unir o começo e o fim, o que pode auxiliar a fortalecer o senso de identidade e aumentar a autoestima. Ainda, o fato de manter vivo o passado pode colaborar para preservar a integridade psicológica.

Nos momentos das entrevistas em grupo, alguns ficaram calados observando os que tinham e queriam contar suas histórias. Tétis (2020), com olhar distante, disse: “eu não tenho nenhuma história para contar, só se for história triste porque eu não tive infância, a vida sempre foi dura comigo, nem pai e nem mãe perto, vim saber um pouco das coisas depois de casada, mas antes só tristeza, ouvi falar em super-herói velha.”

Entende-se que os velhos têm muito o que contar e terão prazer em contar suas histórias para as outras pessoas de sua geração ou de outras, como percebeu-se nos momentos das narrativas, esse contar ao outro, essa interação, pode dar a sensação de bem-estar, pode ajudar à saúde mental. Nesse contexto, o bem-estar, segundo, Seligman; Csikszentmihayi (2000) aparece como uma experiência subjetiva reconhecida pela psicologia positivista junto ao otimismo, à esperança, à satisfação e à felicidade.

Nos momentos da entrevista e da roda de conversa, foi possível observar que os velhos são reservados, são mais seletivos e desconfiados, demoram mais a se abrir, falam pouco e as histórias apresentam menos detalhes, as narrativas são bem objetivas. Já as velhas, narram os pormenores, estendem bastante a história, são mais desinibidas, até para exporem seus medos.

Entende-se a atividade de contar suas histórias como um meio de facilitar o desenvolvimento de novas relações de reconhecimento social, fator fundamental para o desenvolvimento da alta autoestima. E pode favorecer a qualidade de vida do velho, já que um dos fatores principais deliberativos do alto nível de qualidade de vida é convívio social ativo. Ratifica essa concepção Diener et al (1999) quando relata que a qualidade de vida está relacionada diretamente ao bem-estar psicológico, constituído em quatro esferas: satisfação com a vida, felicidade, afetos positivos e afetos negativos

A narrativa de suas histórias para os velhos da UMA é um exercício de memória que proporciona bem-estar, porque se pode verificar relatos de alegrias, tristezas, feridas que se abriram na infância e não se

fecharam até hoje, e o quão se sentem importantes, protagonistas no momento em que estão como contadores de história, conjectura-se, então, que essas atividades podem dar sentido a vida dos velhos.

Compreende-se que quando os velhos sentem-se ativos, tornam-se mais felizes e buscam conquistar novos espaços. Os velhos da UMA revelaram estarem felizes com as atividades, sentem-se cuidados, a maioria sentem-se à vontade de contar suas histórias para os colegas e a pesquisadora. Nesse toar, pode-se depreender que, por meio da contação de suas histórias, podem minimizar as carências sociais e afetivas, resgatar sua autoestima, livrar-se do sentimento de solidão, e até a depressão, pois nesses momentos de narrativa é possível lidar com seus sentimentos, bons e ruins, transmitir valores e tradições, sentir-se importante, pertencente a um grupo social. Assim, não se deixa para trás essas coisas, como desnecessárias, essa força, essa vontade de revivescência, arranca do que se passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

A histórias dos velhos podem ser estratégias para aproximar as gerações, para estabelecer diálogos dos velhos com as crianças, jovens e adultos, em que as trocas de experiências podem ser ricas, resgatando a cidadania. Relações em que há reciprocidade, repasse de conhecimentos dos velhos para as gerações mais novas e dessas gerações para os velhos, o que enseja resiliência, deixarem-se se aproximar, independente das gerações, exige atitude de amorosidade. Então, apreende-se que a sensação e percepção de reciprocidade fortalece o ser humano para estar na vida e vivo.

Nesse contexto de aproximar as gerações, foi perguntado aos velhos da UMA se contavam histórias para seus netos? Se gostariam de participar de momentos de contação de histórias para crianças e jovens? Alguns responderam que não contam histórias para os netos porque hoje só querem saber de celular, estão sempre distantes no mundo do celular. Outros afirmaram que sempre que dão oportunidade, contam as mesmas histórias que os pais contavam e ficam muito felizes em estar próximos nesses momentos de interação e afetividade. Ainda, Gaia disse que contar não conta porque só a televisão e o celular prende a atenção das crianças, mas que coloca os desenhos e filmes dos super-heróis para os netos e assiste junto, vez por outra, faz um comentário para ensinar algo. Iriana destacou que acha muito importante contar histórias para as crianças, como desvelado em sua fala a seguir.

Iriana (2020)

Como aprendi muitas coisas nas histórias que meus pais contavam, faço o mesmo com meus netos para que possam aprender também. Gosto muito quando estão perto de mim e ficam prestando atenção.

Na fala de Zeus, é evidente que, se não contam sobre seus heróis, mitos e as lendas para as outras gerações é porque acha que não se interessarão.

Zeus (2020)

A geração de crianças, principalmente de jovens de hoje já não interessa muito pelos contos de fadas, porque os pais para terem descanso, porque criança dá trabalho sim, dão logo o celular, não contam

mais nada de fantasia, nem coelho da páscoa, nem papai noel, às vezes, ficam atentos quando tem curiosidade para saber sobre a minha própria vida. Mas gostaria muito de ter mais momentos para contar histórias.

A fala de Zeus retrata a sociedade atual, em que as pessoas não têm mais tempo, as crianças não têm tempo para ser criança, já que estão deixando a fantasia e o faz de conta de lado, o que, para Oaklander (1980), são conceitos representativos típicos na vida da criança e, ainda, evidenciam o que ela é e sente no presente de sua existência. Então, esses momentos de interação entre idosos e netos, jovens ou crianças, são momentos ricos em que a relação que se constitui apresenta-se como satisfatória e benéfica para as distintas gerações.

Héstia foi taxativa, “não vivi isso, acho que não sei fazer e não tenho esse dom para fazer com meus netos.” Ora, entende-se que os velhos são excelentes contadores de histórias e que, nos momentos de narrativa oral, as relações afetivas podem ser constituídas e enriquecidas por meio da troca de gentilezas e de afetividade entre os idosos e as crianças (Ramos, 2009), assim infere-se que Héstia, se participasse de momentos de contação de histórias, ganharia muito com essa experiência, poderia perceber o quão interessante é e apaixonante contar histórias, no entanto precisa-se desenvolver a paixão, pois, segundo Sisto (2005, p.30), “só a paixão vai permitir o trânsito e a circulação da história”, dado que só podemos ser bons contadores quando a história faz o coração pulsar, toca algo dentro da gente.

Quando perguntados se gostariam de participar de momentos de contação de histórias para crianças e jovens? A maioria dos velhos disse que sim.

Thisi que esteve bem quieta o tempo todo, esse é o jeitinho dela, se manifestou sorrindo.

Thisi (2020)

Nossa, como eu gostaria! Acho que as crianças iam gostar da minha história e eu tenho um jeitinho com criança, queria muito contar histórias para as crianças.

Dionísio se entusiasmou e disse:

Dionísio (2020)

Nossa como tenho histórias para contar e histórias minhas mesmo, da minha vida, da minha ideia e as que todo mundo conta, eu também quero ser contador de história.

Tálassa também se entusiasmo,

Tálassa (2020)

Tenho muita facilidade para o teatro, gosto de representar e contar histórias é representar, tenho certeza que vou fazer bem feito, deixar as crianças curiosas, querendo mais. E eu vou ficar muito feliz se esse momento acontecer. É na escola ou aqui na universidade?

Na verdade, a pergunta despertou o interesse da maioria dos velhos que se prontificaram em participar e demonstraram que esses momentos os fariam muito felizes. Duas deusas não manifestaram

interesse. Quando perguntado se não tinham vontade de participar desses momentos de contação, uma disse que não tinha o jeito com a palavra e a outra disse que não tinha jeito para isso.

Entende-se que a UMA deve planejar e propiciar momentos de contação de histórias em que os velhos da universidade sejam os contadores e o público seja as crianças e jovens, pois estimular a interação entre diferentes gerações favorece troca de conhecimentos e propicia construção de relações positivas e afetivas. E pelo entusiasmo demonstrado pelos velhos para participarem desses momentos, atendem o disposto por Bussato (2011, p.82) quando afirma que

Para que a criança possa viver uma experiência significativa e enriquecedora é indispensável que sinta a presença de uma participação ativa, de uma partilha com o adulto que conta. Narrar é um desafiante exercício de palavras e afetos, conferindo-lhes forma e visibilidade (BUSATTO, 2011, p.82).

Apreende-se depois das entrevistas e rodas de conversas, das interações entre pesquisador e acadêmicos que os velhos da UMA serão, são excelentes contadores de histórias, estarão ali, darão vida à narrativa, emprestarão “seu corpo, sua voz, seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.” (Busatto, 2011.p. 79).

Importa ressaltar que os momentos de contação de histórias podem favorecer o contato intergeracional de forma descontraída e possibilitar relações educativas que despertam a vontade de aprender tanto no velho quanto na criança e no jovem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como principal interesse compreender a memória dos velhos por meio das narrativas de lendas, mitos e super-heróis nas vozes dos velhos da UMA, sua representatividade nas vidas desses acadêmicos, percebeu-se que, para a grande maioria dos velhos pesquisados, essas narrativas estão relacionadas à infância, ao convívio familiar e às relações de afetividade com pais, irmãos e parentes. Também relacionam às pessoas que transformaram suas vidas

As narrativas dos velhos desnudam uma grande gama de sentimentos, na sua grande maioria, sentimentos bons de momentos em que os pais se fizeram presentes nas vidas dos filhos e as famílias nesses momentos de contação de histórias realizados valem-se dos mitos, lendas e super-heróis para passar para os filhos ensinamentos de um conjunto de valores e significados, culturas. Situações que emergem nas lembranças dos velhos como momentos de carinho, acolhimento, cuidado, quando sentiam-se amados. E, quando os velhos estão narrando as memórias da família, do grupo a que pertenciam estão atribuindo significados da sua cultura, da sua família, do grupo, da sociedade.

Também são reveladas, em poucas narrativas, marcas profundas de situações sentidas como abandono, feridas que se abriram na infância e que, nesse momento da pesquisa, por meio da memória, foram resgatas, reveladas, estavam ali, a própria história das acadêmicas. Compreende-se, então, que, nos momentos das narrativas, essas acadêmicas vivenciaram suas próprias experiências da infância, como explica Machado (2004, p.13) "pouco a pouco, como protagonistas da sua própria história, dentro da história, com todos os riscos, perdas, danos e benefícios que essa descoberta possa lhes trazer." Nesse toar, o velho, no presente, olha para o passado, suas vivências e experiências, o que se faz importante para desvendar e enfrentar os problemas atuais.

Em relação aos mitos que permearam a infância dos velhos, a grande maioria disse não conhecer nenhum, e não conseguiam diferenciar se os mitos e as figuras lendárias eram a mesma coisa. Apenas Iris apresentou como mito a Medusa, que para acadêmica era uma deusa má. Na verdade, como não sabia a história direito, não conseguiu atribuir sentido para esse mito, que permite compreender a sociedade primitiva, em que a mulher era responsabilizada pelo abuso sexual, como ainda hoje, uma sociedade machista.

As lendas que mais se revelaram nas narrativas dos velhos são a do Lobisomem, Mula sem Cabeça, Saci Pererê, Curupira, Matinta Pereira, Boto e Iara. Na contação de histórias, fica evidente que os pais, tios e irmãos dos velhos as escolhiam ou porque foram as que escutaram quando pequenos, ou para trazer alguns ensinamentos para os acadêmicos. E, nas falas, percebe-se que compreendem essa relação de significados e ensinamentos nas histórias escolhidas pelos pais, e os olhos e o tom de voz desvelam o prazer em rememorar momentos do passado que os identificam, que marcaram suas vidas e, a sensação é tão boa, que a conversa rende, o que corrobora com a concepção de Bosi (1994, p.139) quando afirma que "a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...] lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito".

Importante ressaltar que, nesses momentos da contação de histórias, os velhos da UMA puderam despertar memórias que estavam adormecidas e sentiram-se à vontade para expô-las, o que possibilitou a eles prazer e distração, e pode-se dizer que é a conservação das próprias histórias, pois encontraram ouvidos atentos para suas narrativas, em que são protagonistas de riquíssimas lembranças carregadas de identidade sociocultural de seus grupos, memórias vivas da família, da sociedade. Ressalta-se que os relatos foram de experiências pessoais, no entanto, vêm carregados de experiências da comunidade em que viveram.

Das histórias contadas há o misto das experiências cotidianas, de um lado as que revelam comunidades em que a família não se organizava em torno da criança, e não se percebe a concepção de infância como uma fase em que há a necessidade de afeto, orientação e educação. De outro, os pais dispunham de seu tempo para estar com os filhos, para contar histórias, compreendiam a importância desses momentos para o desenvolvimento da imaginação, da construção de identidade e dos cuidados afetivos.

Alcançou-se o objetivo de compreender como a narrativa oral pode contribuir para a autoestima do velho e trazer a sensação de pertencimento, dado que durante a pesquisa, nos momentos da entrevista, depreendemos que oportunizar aos velhos a contação de histórias é lançar mão de um valioso instrumento para levantar a autoestima, tornar o velho protagonista de sua história, pois ao narrar torna-se o principal personagem, carrega consigo relatos de um tempo passado, que se transmitem significativo para o presente. Assim, nesses momentos, socializam crenças, valores, lembranças e sentimentos, trocam experiências, o que auxilia na melhoria da qualidade de vida do velho.

Então, a contação de histórias é uma ferramenta importante na educação intergeracional, em que o velho tem um acervo rico na memória para contar para crianças, jovens e adultos, o que fomenta revisar e rever pensamentos, atitudes e crenças, de modo a melhorar a competência interpessoal, para tornar-se mais forte diante de situações sociais desfavoráveis.

Nesse toar, confirma-se nossa hipótese de que as narrativas dos velhos, com seus elementos composicionais, trazem as marcas de uma cultura, que traduz a ideia de pertencimento, de inclusão, de parte integrante de uma comunidade, desenvolve a autoestima, a autopercepção e melhora a qualidade de vida. As palavras de Zeus revelam que a rotina dele foi modificada pela UMA, desde suas necessidades mais básicas ao aumento da sua autoestima e autopercepção.

Destaca-se que o resultado da pesquisa mostrou que, na concepção dos velhos da UMA, os heróis podem ser pessoas comuns que fazem parte do cotidiano, pais, professores, amigos e outros que revelam características e valores morais e éticos que admiram muito, mesmo que não tenham superpoderes, o que os leva a respeitá-las e considerá-las heróis, como pais citados e os professores da Universidade que respeitam e valorizam os velhos, favorecem a independência, o autorespeito, a autoconfiança, as relações sociais, o que propicia o bem-estar, levando-os a serem referências para eles.

Importa destacar, que a escolha dos professores da UMA como super-heróis expõe a UMA como um espaço de voz que oportuniza ao velho enxergar-se como protagonista de sua história, de sua vida e, assim, ser respeitado no cenário familiar e social, pois proporciona, troca de saberes, cultura e integração

social, mais ânimo, mais vontade de viver, o que revela um processo educacional em que há mediação de conhecimentos com foco na pessoa como ser social. Ora, nesse cenário, a Universidade tem a concepção de que os velhos não estão ali só para ocupar o tempo com atividades recreativas, estão ali para saber mais, crescer, mudar, ter mais autonomia, o que vai na mesma direção de Moragas (1991, p. 54) quando afirma que “muita gente se surpreende ao comprovar que pessoas idosas desempenham atividades físicas e intelectuais com plena efetividade”.

Quanto a maioria escolher a Mulher-Maravilha como sua heroína, aquela que caracteriza e vem defender os direitos da mulher, revela como as velhas da UMA veem a evolução do papel do feminino, o seu papel na sociedade contemporânea, papel importante depois da emancipação social das mulheres. Enxergam-se na Mulher-Maravilhada quando têm que assumir vários papéis, como ser profissional atuante, cuidar da casa, ser mãe e ser mulher.

Outro aspecto a destacar é a importância dos heróis em todos os momentos da vida, como quando apontam os professores da UMA como seus heróis, agora na velhice, pois aparecem com papel importante em suas vidas, o que ressalta a necessidade do ser humano de se identificar com figuras, mitológicas ou reais, que possam ser referências para, da melhor forma possível, viver com melhor qualidade de vida.

Ainda, revelou-se nas narrativas que os velhos se identificam com super-heróis que revelam o seu lado humano, mesmo com superpoderes, revelam suas fraquezas, sentimentos comuns do ser-humano, tristezas, medos, angústias e alegrias, seus conflitos pessoais.

Então, é fato que heróis podem ser deuses imortais, como seres humanos comuns, podem ser ricos ou pobres, forte de força bruta ou não, superinteligentes ou com inteligência normal, suas ações podem ser sobre-humanas ou ações comuns que qualquer ser humano consegue realizar, o que os fazem diferentes, heróis, são suas ações em relações às pessoas, como fazem a diferença na vida de cada um, segundo Campbell (2006, p. 21), “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se a aquelas outras fantasias humanas constantes que tendem levá-lo para trás.”

Depreendeu-se que o ato de contar histórias revelam saberes que permitem a reflexão sobre os acontecimentos familiares e sociais que, em momentos de colaboração entre avós e netos, as histórias podem revelar medo, tristeza, pavor, irritação, insegurança agitação, alegria, resiliência, segurança, tranquilidade e solidariedade. Por certo, a relação entre avós e netos é intensa, avigora laços de afeto, confiança, cumplicidade, amor e aprendizagens.

É fato que o tema é muito importante para a educação e muito ainda se tem a entender sobre as relações intergeracionais, por isso a universidade da maturidade deve estar aberta para momentos de contação de histórias entre as várias gerações e, em específico, entre avós e netos, netos de sangue ou não, em que há uma conexão muito carinhosa que pode ser despertada nestes momentos ricos de trocas de sentimentos, momentos de aprendizado de amor e (des)solidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque ele existe e é bom o tempo todo, Ele me dá sabedoria. Meus pais por me ensinarem a sempre amar e respeitar os mais velhos. Aos meus amigos e irmãos sempre juntos nessa caminhada com palavras e gestos de amor e carinho. A minha “Musa” adorável professora Doutora Neila Barbosa Osório, a mãe do doutor Luiz Sinésio Neto, João Paulo e avó do doce Tarcila e do lindo Benjamim. Agradeço imensamente a cada velho da UMA minha fonte inesgotável do saber.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. 4 ed., São Paulo: Scipione, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. In *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005
- ALIVERTI, Márcia Jorge. Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, n.54. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.
- ALMEIDA, R. C. (2001). *Memórias do rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos*. São Carlos, 2001. 120p. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- ARALDI, Marilani. *A descoberta de projetos de vida – contribuição do projeto idoso empreendedor no processo de envelhecimento*. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, UFSC. Florianópolis: 2008.
- ÁVILA, J. J. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. *Senecta, Revista Médica, Clínica e Terapêutica da Terceira Idade*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n.1, p.22-25, 1978, ÁVILA, J. J. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. *Senecta, Revista Médica, Clínica e Terapêutica da Terceira Idade*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n.1, p.22-25, 1978.
- BAILEY, J. First steps in qualitative data analysis: Transcribing. *Family Practice*, 25(2), 2008, p. 127–131. doi:10.1093/fampra/cmn003
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLE, Isabel. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BACELAR, R. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. 2. ed. rev. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, 2002.
- BARTHES, R. *Estrutura da notícia*. In: . *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1966/2003.
- BAYARD, Jean-Pierre. *Histórias das lendas*. Jeanne Mariller. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1957 [Coleção Saber Atual].
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice: uma realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia, Volume, 1970.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _. *A Velhice: uma realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia, 1970.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1).
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

- BOBBIO, Norberto. O tempo da memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan/ fev/ mar/ abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e prática. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega. Petropolis: Vozes. 2002.
- BRASIL . Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- . Lei 8.842, 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 jan. 1994. p.77.
- . Lei 10.741, 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 out. 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul. (1996/1999). Atividade de Linguagem textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo; trad. Anna Rachel Machado, Péricles da Cunha, São Paulo: Educ.
- BROTTO, Fábio. Jogos cooperativos: o jogo e esporte como exercício de cidadania. Campinas: Aratebi, 1999.
- BRUNVAND, J. H. Encyclopedia of urban legends. New York: W.W. Norton & Company, 2002.
- BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUSATTO, C. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. Mitologia na vida moderna. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- CARVALHO FILHO, E. T. de. Filosofia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETO, M. Tratado de Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 2007
- CARSTENSEN, L.L. The Influence of a Sense of Time on Human Development. Science, v. 312, n. 5782, 2006, p.1913-1915.
- CASSIRER. Ernest. Antropologia Filosófica. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASSIRER. Ernest. Linguagem e Mito. Trad. da editora (s/c). Sao Paulo: Perspecpita, 2000.
- CASTRO, O. P. Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaí do Sul: Notadez, 2001.
- CHAUÍ, M. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2005.

- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. COMENIUS. Didática magna. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CRESWEL, J. W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CRITELLI, D. M. História pessoal e sentido da vida: Historiobiografia. São Paulo: ed. EducPucSp, 2012. p.63-76.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.
- DEBERT, G.G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G.G. (Org.). Antropologia e velhice. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 7-27. (Textos Didáticos).
- DEBERT G. G. A reinvenção da velhice. Edusp-FAPESP, São Paulo, 1999.
- DÉGH, L. Legend and belief: dialectics of a folklore genre. Bloomington: University of Indiana Press, 2001.
- DELORS J. Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. 10th ed. São Paulo: Cortez DF MEC UNESCO; 2002. p 89–102.
- DIENER, E., Suh, E. M., LUCAS, R. E., & SMITH, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. Psychological Bulletin, v.125, p. 276-302. Disponível em: http://dipeco.economia.unimib.it/persona/stanca/ec/diener_suh_lucas_smith.pdf. Acessado em: 30 jun.2020.
- DUARTE, Luzia Travassos. Envelhecimento: processo biopsicossocial. (Monografia). Disponível em: <www.psiconet.com/tiempo/monografias/brasil>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- DUARTE, M. J. R. S. Autocuidado para a qualidade de vida. In: CALDAS, C. P. (Org.). A saúde do idoso: a arte de cuidar. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 17-34.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução de Helder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 200.
- ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa: Edições 70, 1989.
- . Mito e Realidade. 6 ed. São Paulo: Prespectiva, 2013.
- FABIETTI, D. M. C. F. Cuidando do Idoso: a saúde e a doença. In: GONÇALVES, R. P. Envelhecer Bem, Recriando o Cotidiano. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.
- FALCÃO, D.V.S.; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. Resiliência e saúde mental dos idosos. In: Falcão, D.V.S. & Araújo, L.F. (Orgs.) Idosos e saúde mental, pp.33-52. São Paulo (SP): Papirus, 2010.
- FERNANDES, Renata Sieiro. As marcas do vivido sentido: memórias e jovens ex-frequentadores de um projeto de educação não-formal. 2005. 281p. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252889>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FERNANDES, Maria das Gracas Melo; LOUREIRO, Lara de Sa Neves. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. *A Terceira Idade*, v.20, n.45, p.53-66, 2009.

FERRAROTTI, F. Breve nota sobre historia, biografia, privacy. *Historia y fuente oral*. Universidad de Barcelona, n. 2, p.53-58, 1989. [Reedição 1996].

FONTES, A. P. Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida. *Revista Kairós*, São Paulo, Caderno Temático 7, junho 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/3917>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In.: *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar todos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDMAN, S. N. Velhice e Direitos Sociais. In: PAZ, S. F. et al (Orgs.) *Envelhecer com Cidadania: quem sabe um dia*. Rio de Janeiro: CBCISS: ANG/Seção, 2000.

GONÇALVES, R. P. *Envelhecer Bem, Recriando o Cotidiano*. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da História da Infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da infância: Educação e Práticas Sociais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 97 a 118.

GRANJEIRO, I.; COSTA, L. (2006). A ação dos operadores do direito e da psicologia em casos de abuso sexual. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0378.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

HADDAD, E. *A ideologia da Velhice*. São Paulo, Editora Cortez, 1986. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALCOMB, E. J.; DAVIDSON, P. M. Is verbatim transcription of interview data always necessary? *Applied Nursing Research*, v. 19, n.1, 2006, p. 38–42. doi: 10.1016/j.apnr.2005.06.001

HENRIQUE, Márcio Couto. Folclore e medicina popular na Amazônia. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 981-998, 2009.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702009000400008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 08 ago. 2020.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, v.10, n.1, 2011. p. 41-49.

IBGE. Número de Idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acessado em: 10 jun. de 2019.

IBGE. Idosos indicam caminhos para uma melhor idade. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor>

http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1432035743_ARQUIVO_UFFGIlzetePassosMagalhaes.pdf. Acessado em: 10 mai. 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Tradução. Georgina Segurado Lisboa: 70, 1998.

MANNION, Greg. Intergenerational Education: The significance of reciprocity and Place. *Journal of Intergenerational Relationships*, v. 10, n.4, 2012. p. 386-399. Doi:10.1080/15350770.2012.726601.

MARTINS, J. de S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MATOS, Patrícia Ribeiro Mendes Alves de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8. 2004, Coimbra. Anais. Coimbra: CES, 2004. p. 1-22.

Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 1 v.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: ALEPH, 1993.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MORAGAS, R. M. *Gerontología social: envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Herder, 1991.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, v. 23, n. 1, p. 98–106, 2014.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus, 1993.

. *Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

. *Palavras chaves em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2001.

NEWMAN, Sally, & SÁNCHEZ, Mariano. Los programas intergeneracionales: Concepto, historia y modelos. In Mariano Sánchez (Dir.). *Programas intergeneracionales: Hacia una sociedad para todas las edades*. Barcelona: Fundación «la Caixa», 2007. p.34-69.

OAKLANDER, V. *Descobrimos crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo, Summus Editorial, 1980. p.362.

O'NEILL, P. (2016). Intergenerational gatherings among the water and willows. In M. Kaplan, L. Thang, M. Sánchez, & J. Hoffman (Eds.), *Intergenerational contact zones - A compendium of applications*. University Park, PA: Penn State Extension. Disponível em: <http://extension.psu.edu/youth/intergenerational/articles/intergenerational-contactzones/recreation-china>. Acessado em: 10/03/2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300009. Acessado em: 10 mar. 2020.

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório mundial da saúde. Saúde mental: nova concepção, novas esperanças. Lisboa: OMS, 2002.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Guia Clínica para Atención Primaria a las Personas Mayores. 3. ed. Washington, DC, 2003.
- OSÓRIO, Neila Barbosa; SOUZA, D. M.; SILVA NETO, Luiz Sinésio. UNIVERSIDADE DA Maturidade: ressignificando vidas. (2013) Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo8-direitosepoliticaspUBLICAS/universidadedamaturidade-ressignificandovidas.pdf>. Acesso em: 10. jan. 2020.
- PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Universidade da Maturidade - UMA – UFT, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PAUL, Constança; FONSECA, António. Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi Editores, 2006. ISBN 978-972-796-18-56.
- PERELMAN, C. Ética e direito. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 20 jun. 2020.
- . Memória e Identidade Social. In: Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992.
- PINHEIRO JUNIOR, G. O Brasil de cabelos brancos: dos conceitos e números sobre a velhice a universidade da terceira idade. 2003. 100 f. (Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Instituto de Ciências Humanas. Campinas, 2003.
- PRETI, D. A linguagem dos idosos: Um estudo da análise da conversação. São Paulo: Contexto, 1991.
- RAMOS, L.R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos Residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15882.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2007.
- RAMOS, A. C. (2009). Cultura Infantil e Envelhecimento: O que Crianças têm a dizer sobre a Velhice? Um Estudo com meninos e meninas da Periferia de Porto Alegre (Dissertação de mestrado não publicada). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RAMOS, Anne Carolina. Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na educação das Crianças. 2011, 464f. Tese (Doutorado) em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32306/000785424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 30 abr. 2020.
- RANDALL, L. Narrative intelligence and the novelty of our lives. Journal of Aging Studies, v. 13, n.1, 1999, p.8-18.
- RAWLS, John. Justiça como equidade: uma reformulação. São Paulo: M. Fontes, 2003.

ROCHA, E. O que é mito. 5 ed. São Paulo. Brasiliense, 1991.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e Contação de histórias. Goiânia. 2005.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Pedagogia afetiva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SÁ, C.P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, n.14, (Ano 9), 2012. p. 94-103

SÁEZ, Juan (2002). Hacia la educación intergeneracional. Concepto y posibilidades. In Juan Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: educación de personas mayores* (pp. 99–112). Málaga: Aljibegerontology. *Education and Ageing*, v. 17, n.1, 1352-8580.

SALGADO, M.A. Conceituação de velhice. *Terceira Idade*, São Paulo, ano VI, n. 11, mar. 1996. SESC.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os Grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. Políticas públicas para a habitação do idoso. *A Terceira Idade*, v. 39, São Paulo, 2007.

SANCHES-JUSTO, Joana; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pesquisa em psicologia social com a terceira idade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.9, n.2, 2010. p.168-171.

SANTOS, Sônia Maria; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. *Cadernos de História da Educação – nº6 – jan./dez. 2007*. pp.1-11.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Conocer desde El Sur: Para uma cultura Política Emancipatória*. Fundo Editorial FCS: Lima, 2006.

SANTIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. *Saeculum- Revista de História*. Revista[18]; João Pessoa, jan/ jun. 2008. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11395>. Acesso em 10 de mar. 2020.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/2002.

SCHIRRACHER, Franck. A ditadura dos jovens. *Revista Veja*, 18 de ago. de 2014.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Tradução Maria do Carmo Ventura Wollny. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SELIGMAN, M.E.P., & CSIKSZENTMIHALYI, M. (2000). Positive psychology. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=2005-08033-003>. Acessado em: 30 mai. 2020.

SILVA, Camila Cuencas Funare Mendes; CORREA, Marieli Rodrigues . Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil. *Pensando Famílias*. Porto Alegre, v.18, n.1, jun 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100011. Acessado em: 20 dez. 2019.

SILVA ACS; SANTOS I. Promoção do autocuidado de idosos para o envelhecer saudável: aplicação da teoria de Nola Pender. *Texto Contexto Enferm*. 2010.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000400018. Acessado em: 02/10/2018.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativismo e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo. Unesp. 1995.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

SILVEIRA, Éder da Silva. *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SISTO, C. (2005). *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Curitiba: Editora Positivo.

SOUTO, Luiza. *A culpa não é do boto*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/boto-para/#cover>. Acessado em: 10 mar. 2020.

TEIGA, M. *As relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas*. Lisboa: Instituto politécnico de lisboa - Escola Superior de Educação de Lisboa, 2012.

TEIXEIRA, A. *Pequena introdução à Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VASCONCELOS, Benedito Clarete de. *A arte de contar histórias: uma experiência de cuidado no projeto de extensão Palhasus*. 2016. Dissertação.UFPB, João Pessoa. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8741>. Acesso 11 mar. 2020.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VILLAS-BOAS, Susana; OLIVEIRA, Albertina; RAMOS, Natália; MONTERO, Inmaculada. *Elaboração de Programas Intergeracionais. O desenho do perfil comunitário*. Educação, Sociedade & Culturas, n. 44, 2015. p. 31-47.

Weschenfelder, G. V. (2011). *Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética*. (Dissertação de mestrado não publicada). Mestrado em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman.

Yunes MAM. *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda [tese]*. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

ZATERKA, Luciana. *A filosofia experimental na Inglaterra do século XVIII: Francis Bacon e Robert Boyle*. São Paulo: FAPESP, 2004.

ANEXOS ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Na sua infância, seus pais, tios, irmãos contavam histórias para vc?
- 2) Quais histórias seus pais, tios, irmãos contavam contavam para você?
- 3) Dessas histórias quais você mais gostava e qual marcou sua infância? Como?
- 4) Alguém falava de mitos para você? Você conhece algum mito(s)? Qual (is)?
- 5) Você sabe o que é uma lenda? Alguém já contou alguma lenda para você? Qual(is)? Alguma lenda marcou sua vida? Como?
- 6) Alguma lenda ficou gravada na sua memória? Conte por quê?
- 7) Qual (ais) Super-herói (s) dos quadrinhos e filmes você conhece?
- 8) Quais características de um super-heróis que mais fascinam você?
- 9) Com qual super-herói você se identifica? Por quê?
- 10) Você gostaria de um contador de histórias? Que tipo de histórias você gostariade contar?